

**DRAMA NO
LÍBANO**



**Centenas de palestinianos em
riscos de morrerem de fome**

Págs. 12 e 13

Diário de Lisboa

ANO 66

N. 22 288

Quinta-feira, 12 de Fevereiro de 1987

Preço 40\$00



PRD JÁ DECIDIU LEI DA RÁDIO FICA COMO ESTÁ

A decisão final terá surgido esta madrugada: o PRD vai deixar a Lei da Rádio tal como está. A posição dos renovadores suscitou algumas dúvidas nos últimos dias, face a declarações de Ramalho Eanes interpretadas como de concordância com o veto presidencial. Esta manhã, no entanto, uma fonte bem colocada no PRD revelava ao «DL» que a atitude da bancada dos renovadores será a de confirmar a Lei, o que significará que, desta vez, o Presidente da República terá mesmo de a promulgar.

Pág. 3

SAÚDE EM FAMÍLIA

*Mãe de
Beleza
representa
Portugal
na CEE*

Pág. 10

EDP passa a ter um Conselho de Gerência "político"

*Passo definitivo
para desmembrar
a empresa?*

Pág. 11

Carlos e Diana saudados com chuva e vento

O mau tempo «comandou» as operações de protocolo à chegada de Carlos e Diana, que hoje de manhã iniciaram o seu programa de visitas a Lisboa com uma deslocação ao Mosteiro dos Jerónimos. Na foto: em vez da passadeira vermelha, no aeroporto, os príncipes tiveram de seguir numa viatura até à gare do aeroporto.



Pág. 5

Quem disse que faltam habitações?

Câmara de Lisboa tem 1850 casas devolutas

Numa cidade onde a falta de habitação se converteu num dos principais problemas do munícipio, 1850 casas camarárias estão devolutas, e não cumprem, assim, o fim social que presidiu à sua construção, revelou ontem em conferência de Imprensa a vereadora socialista Ana Sara de Brito. Fazendo o balanço de um ano da sua actividade, os vereadores socialistas justificaram o protocolo assinado com Nuno Abecasis, mas no seu horizonte têm as eleições de 1990: então, os socialistas querem recuperar a presidência da Câmara.

Pág. 9

As bolandas da Casa do Douro

Luís de Carvalho e Oliveira

A Casa do Douro foi criada pelo Decreto n.º 21 883, de 18 de Novembro de 1932, em lugar da extinta Comissão de Vinicultura da Região do Douro. Constituiu então uma federação sindical dos vinicultores da região tal como a define o artigo 1.º deste diploma. Eram amplos os objectivos da Casa do Douro sendo de realçar a criação e organização de adegas cooperativas e a promoção e escoamento anual dos vinhos não beneficiados.

Sob o pretexto aliás formal e fútil de que tendo sido extintos os organismos corporativos pelo Decreto-Lei n.º 443/74, de 12 de Setembro, deveria extinguir-se também a federação dos vinicultores da Região do Douro designada por Casa do Douro, criando-se em seu lugar a Casa do Douro como pessoa colectiva de direito público dotada de autonomia administrativa e financeira.

Uma análise mais detalhada, que não vamos fazer aqui, dava-nos a noção de como se girou à roda de formalismos e de denominações «organismos corporativos» e «pessoa colectiva de direito público» continuando a realidade a ser a mesma embora pior pois que de entre as suas atribuições foi suprimida, por exemplo, a da criação e organização de

adegas cooperativas o que contraria inteiramente os princípios fundamentais de uma social-democracia entendida, por exemplo, à maneira sueca ou à maneira suíça notando-se que à parte um dos subscritores deste Decreto-Lei n.º 486/82 todos os restantes se dizem sociais-democratas e integrados salvo erro no antigo PPD, depois PSD. Esta falta do Decreto-Lei n.º 486/82 é imperdoável e começa a abrir caminho para a destruição do grande obstáculo que as adegas cooperativas no Douro constituem à livre exploração do grande capital na aquisição dos mostos, já que os produtores individuais facilmente se tornam presa da garra dos compradores, o mesmo não acontecendo com as adegas cooperativas que organizando grande parte da produção validamente

se arvoram em baluarte dos interesses dos seus associados.

Agora, em 24 de Setembro, surge o Decreto-Lei 313/86 que, além de um mistiférico jurídico como nunca visto, afasta da Casa do Douro as suas funções mais importantes e relevantes para os pequenos e médios produtores da região. Deixou de falar-se nos escoamento dos vinhos não adquiridos pelo comércio e excluiu-se o apoio à constituição e desenvolvimento cooperativo. E este tem na região demarcada do Douro um notável papel de defesa de interesses desses pequenos e médios produtores e até de regularização de preços. Tudo isso foi postergado.

Não há dúvida, perante este Decreto-Lei n.º 313/86, de 24 de Setembro, como última palavra de uma

evolução legislativa infelizmente posterior ao 25 de Abril, tudo se encaminha para o estabelecimento dos grandes portentados, normalmente capital de multinacionais, não incentivando e nem sequer apoiando as cooperativas que dearam de ser letra viva nos diplomas legais referentes à organização da vinicultura e dos seus organismos na região demarcada do Douro.

É caso para perguntar a quem quer a governação fazer entrega da região agrícola nacional mais capaz de produção de elevado rendimento, mais capaz de concorrer para o equilíbrio da balança de pagamentos, desde que organizado o comércio externo através de entrepostos de vinho do Porto por esse mundo fora! A quem pertencerá o Alto Douro a curto ou médio prazo?

PORTUGUESES NO "EL PAIS"

Luís Miranda Rocha

O diário El País, na sua edição de 15 de Janeiro, dedicou quatro páginas do seu suplemento literário à literatura portuguesa da actualidade. «Os Portugueses» eis o título do «dossier», elaborado por César António Molina.

O jornal lê-se em Portugal e muitos portugueses interessados nisto já terão visto. Não tantos, porém, que não se justifique uma referência. Se bem que não seja grande novidade uma publicação estrangeira (menos ainda espanhola) prestar alguma atenção aos portugueses e à sua literatura recente, há pelo menos duas razões que a justificam. Uma é que não se trata de um jornal qualquer: El País tornou-se, nos últimos anos, uma importante referência, como jornal estrangeiro, para a vida dos portugueses a determinado nível de exigências, substituindo o Le Monde (entrando decididamente no espaço de audiência que tradicionalmente o diário, — mas principalmente o semanário e mensário, diplomatique — francês vinha tendo). Hoje, tudo quanto se escreve num jornal como El País, principalmente sobre Portugal, deve interessar-nos especialmente.

Os termos em que César António Molina fala a nosso respeito são outra razão para este interesse, e, aqui, é certamente razão prioritária.

Mesmo para quem não sabe, é fácil calcular como estas coisas se processam. Um jornalista estrangeiro (espanhol, no caso) dá-se conta, vagamente, através de algumas traduções e uns tantos envios directos de amigos e conhecidos, de que há por aqui uma literatura viva, mais do que viva, numa fase de relativa euforia (se o termo é interpretativamente apropriado), e vem cá para colher, ao vivo, mais informações e uma impressão mais realista e fundada acerca do que se está a passar. Tem algumas referências, faz contactos, vai aqui e ali, a este e aquele, regista ideias, indicações, títulos, outras referências, alguns depoimentos, fica com uns livros que lhe dão, compra outros, volta para o seu jornal e faz a sua peça. É um trabalho muito condicionado e não se deve investir nele uma grande expectativa. Mas pode investir-se alguma, moderada pela noção de que se trata de jornalismo, num jornal, ainda que seja num suplemento, — ou por isso mesmo: há um público e uma recepção que serão tudo excepto desprezíveis. Quase se pode calcular que muito deste público nem sempre deita fora o suplemento de um dia para outro, ou ao fim de uma semana. Muito diverso, por vezes, guarda, ou faz recorte para guar-

dar. A quantidade e a qualidade do dossier justificam-no. E mesmo que não se guarde, lê-se, e há sempre ideias, nomes, títulos e outros dados que se retêm. Trabalho, pois, sempre de grande utilidade, e tanto mais quanto tenha sido feito com profissionalismo, — designação que implica honestidade, rigor, qualidades próximas e afins.

No caso, deverá dizer-se liminarmente que o trabalho de César António Molina se nos impõe por muitas de tais qualidades. Mas trabalhos assim são sempre, é óbvio, inevitavelmente, já não diremos imperfeitos, mas, pelo menos, incompletos, parcelares, e deles nos fica a ideia de que poderiam ir mais longe e mais fundo do que parece que vão. Tal exigência desfaz-se depressa, à ocorrência de que se trata de um trabalho jornalístico, com as tais limitações. Depois haverá aquelas reservas que sempre ocorre fazer em situações assim, — e que têm a ver com o que nos parece menor justeza da visão (global ou sectorial), das valorizações (das referências e das citações), da hierarquização ou classificação para que inevitavelmente se tende através disso, dos critérios que levam a valorizar umas referências em detrimento de outras, e do que sempre parece de injustiça haver no destaque destes confrontado com o pouco relevo dado àqueles, ou mesmo a omissão de alguns — que a nós nos pareçam fundamentais.

O trabalho de Molina tem, pois, e de par com aquelas qualidades, estes pequenos grandes defeitos. Uma coisa e outra merecem igual e compreensiva apreciação.

São umas tantas peças e mais ou menos ilustrações. Nas peças fala-se de narrativa, de poesia, de editoras, de revistas e jornais com suplementos literários. As ilustrações mostram capas de alguns livros e caras de alguns autores, — livros de Lídia Jorge, Almeida Faria, Olga Gonçalves, Al Berto, José Amaro Dionísio, Eduardo Pitta, e caras deles e ainda de Hélia Correia e Paulo da Costa Domingos. Há ainda as caras de Torga e Pessoa, como clássicos. E a reprodução da capa de um dos últimos números do «JL».

Não valeria muito dar conta destes pormenores. Por trás deles é altamente improvável que haja alguma especial intenção: saiu o que saiu porque foi o que coube fazer sair dentro do material que havia à mão. Mas fica o registo para

satisfazer a curiosidade de quem porventura não viu o suplemento.

Já não cabe é o registo dos nomes citados nas diversas peças. Talvez caibam, porém, algumas das omissões.

As melhores peças são, certamente, as dedicadas, uma à poesia, outra à narrativa.

A peça sobre a narrativa é quase uma boa panorâmica — e «quase» por não muito mais do que estas razões: num trabalho em estilo de reportagem como este não se poderia ir demasiado longe, e era inevitável que houvesse omissões, tal como alguns empolamentos. Não adiantará muito citar nomes, mas, de qualquer forma —, notam-se as ausências de Rui Nunes, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, Lobo Antunes, para não recuarmos muito no tempo. Pode-se dizer que com estes e outros devidamente situados ficaria uma panorâmica melhor.

Na peça sobre poesia há pelo menos um pormenor curioso, que talvez nem seja um pormenor, mas uma questão de fundo. É a pouca importância que a panorâmica atribui ao neo-realismo para valorizar o que, com mais ou menos propriedade, poderíamos chamar as dissidências da Presença (Torga e Casais), a poesia não alinhada pelo ideário neo-realista dos anos 40 (Sofia, Sena, Eugénio de Andrade) e o surrealismo. De acordo.

Mas nem se trata de uma panorâmica histórica, e sim de um relance pelo que titularmente se indica como «A Última Poesia», ou seja, a dos anos 70 e 80.

Aqui aparecem como «figuras tutelares» da «geração de 70» (designação precária, que no próprio texto se questiona, ao falar-se alternativamente de uma «não-geração») Joaquim M. Magalhães, João Miguel Fernandes Jorge, Nuno Júdice. Surgem depois nomes como António Franco Alexandre, Manuel António Pina, José Agostinho Baptista, Al Berto, Eduardo Pitta e outros, como poetas pontificando entre 70 e 80. Citam-se ainda os nomes de Helder Moura Pereira, Paulo da Costa Domingos, Isabel de Sá, Luís Miguel Nava, Jorge Sousa Braga. E, da «possível e todavia duvidosa geração dos oitenta», Fernando Luís, Adília Lopes, Manuel Fernando Gonçalves, R. Lino, Gil Nozes.

É óbvio que outros nomes poderiam ocorrer: Pires Cabral, Vergílio Alberto Vieira, José Emilio-Nelson, Jorge Velhote, Amadeu Baptista, Helga Moreira, David Rodrigues, José Daniel Ribeiro, Manuel Silva, José Carlos Soares, Miguel Serras Pereira, etc., etc. Nomes do Porto, um ou outro de Coimbra (referência: Fenda), e de outras cidades da província.

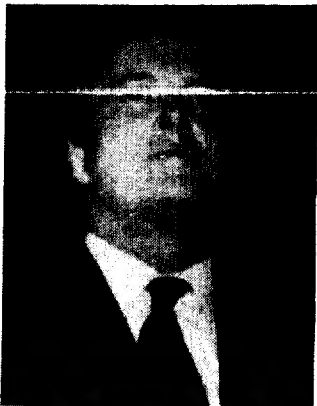
E de crer que Molina se tenha informado somente em Lisboa, e já é habitual ser relegado para o esquecimento (tantas vezes propositalmente) o trabalho daqueles que estão fora da capital, e mesmo aí, de certos meios. Ocorre-nos também a ausência de qualquer nome referível a Quatro Elementos (Fernando Guerreiro, etc.).

Não haverá nisto nada de muito grave. Mas sabe-se como é — o risco de estas panorâmicas aligeiradas se repetirem umas às outras. Um nome que não ocorra agora tem mais hipóteses de também não ocorrer mais tarde, e pode nunca mais ocorrer. As revisões dão trabalho, e é sempre mais fácil repetir erros já cometidos.

Este trabalho de César Molina provocou reacções em Portugal, ao que julgamos saber. É outra coisa a que também já se está habituado. E, curiosamente, chega a parecer serem os mais favorecidos, digamos assim, os que mais mal reagem, talvez por terem deles próprios uma ideia da qual ninguém partilha.

E os portugueses são gente difícil, já o ouvimos mais do que uma vez a estrangeiros que têm vindo a Portugal informar-se do que se faz por cá. Um pormenor pouco conhecido, porque pouco divulgado (talvez porque nos envergonhe): quando se trata, por exemplo, de fazer antologias (no estrangeiro, e também por cá), há sempre quem faça depender a autorização para aí figurar da condição de que este e aquele não figurem, e figurem aquele e aqueloutro. Ora, isto é, para qualquer espírito equilibrado, simplesmente incompreensível.

Talvez por isso, já tem acontecido estarem para ser feitas antologias de poetas portugueses e tantos problemas pessoais, entretanto se levantam ao antologista que este acaba por abandonar o projecto.



Balsemão abandona Instituto Progresso Social e Democracia

Francisco Pinto Balsemão será substituído, em Março, na presidência do Conselho de Administração do Instituto do Progresso Social e Democracia (IPSD). O assunto foi abordado no decorrer de um almoço, na passada segunda-feira, que juntou Balsemão e Cavaco Silva.

O antigo primeiro-ministro disse que havia manifestado, há vários meses, total indisponibilidade para se recandidatar ao cargo daquele Instituto, para o qual apoia agora o nome de Vitor Crespo.

Pinto Balsemão considerou «positiva» a solução encontrada para a sua substituição, que disse «acautelar o futuro». Revelou, finalmente, que aceitara candidatar-se nas eleições de Março do ano passado, com vista a assegurar «uma transição» na direcção do Instituto.

LEI DA RÁDIO VAI PASSAR

PRD quebrou expectativa

O PRD vai manter o sentido do seu voto, esta tarde, quando a Lei da Rádio voltar ao plenário parlamentar, disse ao «DL» fonte bem colocada naquele partido.

Ramalho Eanes, que em declarações públicas feitas nos últimos dias deixou transparecer a sua concordância com o veto presidencial, desenvolveu, nas últimas 24 horas, intensa actividade no interior do seu partido.

Ontem, depois de ter estado reunido com alguns dirigentes do PRD, avistou-se com o grupo parlamentar renovador. Segundo o «DL» apurou, desta reunião não terá resultado qualquer alteração à disposição inicial dos deputados renovadores que sempre entenderam votar novamente, de forma favorável, a Lei.

Já esta manhã, Eduardo Fidalgo, do gabinete de Imprensa do PRD, ao referir-se à liberdade de voto de que gozam aqueles deputados, frisou que, «habitualmente», nos casos de votação, mesmo controversos, no grupo parlamentar do seu partido «há consensos».

Haverá? Segundo apurou o «DL», a hipótese de alguns deputados — quantos? quem? — não acompanharem a votação da maioria da sua bancada, não está excluída,

mas o seu número não deve ser significativo, de modo a alterar o efeito da votação.

Uma fonte social-democrata mostrava-se ontem esperançada em que o PRD revisse a sua posição inicial, não votando favoravelmente a Lei, e deixando antever que o PSD estaria aberto a discutir a introdução de alterações propostas pelos renovadores.

Ontem ainda, num intervalo da Comissão Política do PSD, o secretário-geral deste partido, Dias Loureiro, «aconselhou» a oposição a rever a sua posição, considerando, ao mesmo tempo, que, se tal não suceder, isso significará a «extensão da guerrilha» entre o Governo e o Parlamento «à Igreja e até ao Presidente da República».

Entre socialistas e renovadores contesta-se esta interpretação do secretário-geral dos social-democratas, não se admitindo que haja motivos para qualquer confronto com as entidades citadas, em especial com o Presidente da República que «se limitou a exercer um direito constitucional, como constitucional

será a atitude do Parlamento de manter a votação anterior».

«Se há guerrilha, é o Governo que a faz contra o Parlamento, e não o contrário», diria uma fonte socialista.

A confirmar-se a informação do «DL», PS, PRD, PCP e MDP manterão, esta tarde, o sentido inicial do seu voto, enquanto o PSD e o CDS apresentarão propostas de alteração à Lei, entre as quais uma sobre o Conselho da Rádio e outra sobre o artigo 48º da lei, que retira frequências à Rádio Renascença e à Radiodifusão Portuguesa.

É para esta segunda proposta de alteração que o PSD estava interessado em obter o apoio do PRD, ainda que negociando o conteúdo final do artigo.

Recorde-se que, se forem introduzidas alterações à Lei, o Presidente da República pode, se assim o entender, voltar a vetá-la, enquanto em caso contrário será obrigado a promulgá-la.

Já esta manhã, entretanto, o Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações veio afirmar publicamente serem legais «as emissões quer da RDP, quer da Rádio Renascença, nas frequências que lhe estão atribuídas desde Novembro de 1986».

Sexto congresso em Tróia

JS vai ter Comissão Política?

O sexto congresso da Juventude Socialista, a realizar no próximo fim de semana, em Tróia, terá, como novidade a criação de uma comissão política nacional, revelou à Lusa o membro do Secretariado da JS, António José Seguro.

Segundo informou Seguro, que é membro também da Comissão Nacional do PS, «um dos objectivos do congresso é privilegiar a discussão política e uma das prioridades pós-congresso será a luta pela resolução dos problemas ligados ao desemprego juvenil».

O mesmo dirigente da JS indicou também que do congresso deverá sair uma proposta de realização de um Fórum da juventude, «com uma vertente mais pragmática do que ideológica».

Na opinião de José Seguro, o congresso da JS «não reflecte, em caso algum, as tendências formais do Partido Socialista» e os seus trabalhos irão traduzir «a afirmação de um verdadeiro projecto autónomo da organização de juventude do PS».

«Sangue novo»

Seguro, actual coordenador

da Comissão Nacional da Juventude e membro da direcção do Fórum da Juventude das Comunidades Europeias, confirmou ainda o seu abandono, e da maioria dos actuais dirigentes, do Secretariado Nacional da JS a fim de garantir a introdução de «sangue novo e permitir que os dirigentes da organização passem para outras funções».

Os congressistas vão debater duas moções de estratégia global, uma avançada pelo actual secretário-geral da JS, José Apolinário (com 62 por cento dos delegados eleitos) e outra de Porfírio da Silva (18 por cento). Até ao momento, apenas foi apresentada uma lista candidata à Comissão Nacional, encabeçada por Apolinário.

Os cerca de 600 delegados elegerão 71 membros para a CN, 10 para a Comissão Nacional do PS, 25 para a nova Comissão Política e 7 para o Secretariado nacional.

Constâncio fará uma intervenção na sessão de encerramento, e o Presidente da República e ex-secretário-geral do PS, Mário Soares, far-se-á representar nos trabalhos.

PS cria no Funchal Conselho de Concertação

O PS/Madeira vai apresentar na Assembleia Regional um projecto de diploma que criará o Conselho de Concertação Social Regional. A intenção foi manifestada ontem no Parlamento do Funchal, pelo líder do PS, Emanuel Jardim Fernandes, que considerou a existência daquele órgão de «fundamental

importância para o estabelecimento do diálogo entre o Governo regional e os parceiros sociais».

A Madeira não se encontra representada, a nível nacional, no Conselho de Concertação Social facto que, de acordo com o Governo regional, «não vincula as decisões que ali são tomadas».

No mês de Junho Parlamentares reúnem-se em Lisboa

A reunião interparlamentar latino-americana-europeia realiza-se em Lisboa nos dias 25 e 26 do próximo mês de Junho, informou o deputado Hedy Céspedes.

Céspedes, vice-presidente do Parlamento latino-americano, disse que na reunião de Lisboa serão abordados temas de interesse «para a América Latina, dentro do espírito da integração dos parlamentos latino-americano e europeu». Outros assuntos a discutir: Direitos Humanos, dívida externa, droga, relações de organismos internacionais e financiamento, o papel da mulher e o processo de integração.

Céspedes afirmou que o Parlamento latino-americano espera do Parlamento Europeu «uma resposta solidária aos problemas fundamentais da América Latina».

Expectativa no Nordeste pela visita de Soares

A visita de doze dias que o Presidente da República, Mário Soares, inicia neste fim de semana ao distrito de Bragança, está naturalmente a provocar grande expectativa no Nordeste transmontano, cujas populações apenas estão habituadas a ver o poder de longe, ou de passagem. Quase duas semanas de permanência numa região que apresenta chocantes índices de desenvolvimento em relação à média nacional, é um período de tempo razoável para mostrar ao Chefe do Estado todas as carências daquele distrito, mas também as enormes e pouco aproveitadas potencialidades de que dispõe.

Cada uma à sua maneira, todas as forças políticas e sociais da região saudaram a visita do Presidente da República, globalmente considerada como «positiva».

Para o Bispo de Bragança, D. António Rafael, um representante da Igreja que frequentemente não se dispensa de fazer algumas controver-

sas incursões pela política, esta visita é «um acontecimento do mais alto significado cívico e relevância cultural» para a cidade e, «se bem que eminentemente civil, a Igreja não pode ficar-lhe indiferente».

Em nota pastoral intitulada «Em Bragança em Festa», D. António Rafael congratula-se «sincera e gratamente com este gesto e iniciativa presidencial». Este representante da Igreja classifica Mário Soares como «um homem de consenso».

Bento Gonçalves, governador civil de Bragança encara a visita com «grande esperança e alegria» e sublinha que «o distrito já lucrou, pelo menos com a limpeza de alguns edifícios públicos».

O próprio PC local salienta que a visita «poderá ser positiva, se houver um contacto com os trabalhadores».

Um amplo programa

O programa da visita de Mário Soares a Bragança é muito amplo e engloba uma multiplicidade de contactos

com todos os sectores, incluindo organizações empresariais e centrais sindicais. Da forma que está elaborado ninguém o pode hegemonizar.

Mas é evidente a tentativa, por parte de alguns sectores, para absorverem a visita do Presidente da República e isoladamente dela tirarem os melhores dividendos. Procurar um eventual choque, ou no mínimo um estado de indiferença entre o Presidente e as forças sociais e políticas que o elegeram, isolá-lo de excessivas manifestações populares, seriam já dividendos.

Um texto de um correspondente local hoje publicado por matutino lisboeta, ingenuamente deixa escapar essa estratégia. Bem informado, o referido correspondente opina que Mário Soares procurará libertar-se da teia política-partidária com que o PS do concelho, concentrado nas centrais hidroeléctricas do Douro Internacional, Miranda e Barrocal do Douro, o procurariam enredar, através

de manifestações partidárias. Adianta que Mário Soares não querará comprometer a imagem independente criada desde a ascensão a Belém, nem prejudicar os dividendos do veto à Lei da Rádio, pelo que já mereceu rasgados elogios do bispo de Bragança e Miranda. E afirma a concluir que a pressão do PS de Miranda junto da assessoria presidencial no sentido de centralizar a visita nas duas barragens do concelho, bem como transferir o almoço para a Pousada da EDP de Barrocal do Douro, não produzirá mais do que desencantos para os promotores.

Mas o programa da visita é suficientemente amplo para permitir ultrapassar aproveitamentos indevidos, e Soares suficientemente hábil para frustrar que alguém tire dividendos das suas acções políticas contra sua vontade.

Aliás, o contacto com as populações e com as suas principais carências, foram definidos pela Presidência da República como objectivos essenciais da visita. Soares

visitará todos os concelhos do distrito e vai fazer com que sejam postas em destaque áreas importantes para o desenvolvimento regional.

Quando se fizer o balanço da visita a vantagem será toda para os transmontanos em geral, que durante alguns dias vão ter oportunidade de fazer ouvir a sua voz.

Antes de Bragança, o Presidente da República estará no domingo em Vila Real, onde, às 11 horas, fará a entrega do Prémio de Literatura C. Diniz, seguindo-se um almoço no Solar de Mateus.

Próxima visita será ao Alentejo

Um tratamento equitativo entre as diversas regiões do País é o que leva Mário Soares a englobar no programa de actividades do seu mandato este tipo de visitas.

A próxima deslocação, segundo apuramos, deverá ser ao Alentejo, provavelmente no Verão.



ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral dos Jornalistas a reunir-se, em sessão ordinária, no dia 31 de Março de 1987, às 10 horas, na sede do Sindicato — Rua dos Duques de Bragança, 7 — 2.º, em Lisboa — para ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O BIÊNIO DE 1987/1988

Na Delegação do Norte, a Assembleia funcionará à mesma hora, do mesmo dia, na sede da Delegação — Rua Conde Ferreira, 168 — 1.º, no Porto — com a mesma ordem de trabalhos.

Não havendo número legal de sócios à hora indicada, a Assembleia funcionará uma hora mais tarde com qualquer número.

As listas concorrentes a este acto eleitoral devem dar entrada nos Serviços da sede do Sindicato (em carta registada com aviso de recepção dirigida ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral), até às 18.30 horas do dia 16 de Março de 1987.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral do
SINDICATO DOS JORNALISTAS
(Cesário Braga)

Ministério das Obras Públicas Transportes e Comunicações
Secretaria de Estado da Construção e Habitação

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

Comissão Liquidatária

A N Ú N C I O

1 — Fundo de Fomento da Habitação, Comissão Liquidatária
Av. Columbano Bordalo Pinheiro n.º 5 — 1000 Lisboa.

2 — Concurso público.

3 — a) Local de execução: Monte de Caparica;

b) Empreitada n.º 1/DHL/87 — Conclusão do Arranjo dos Espaços Exteriores da Encosta Nascente do Plano Integrado de Almada.

4 — Prazo de execução: a indicar pelos concorrentes.

5 — a) Local para a obtenção ou exame do processo de concurso:

Direcção da Habitação de Lisboa, Av. Columbano Bordalo Pinheiro n.º 5 — Lisboa, respectivamente, nos Sectores de Heliografia (r/c) e de Infra-estruturas (2.º andar), durante as horas de expediente;

b) A requisição do processo de concurso pode ser efectuada até ao dia 2 de Março de 1987;

c) O custo do processo de concurso, a liquidar no acto da requisição é de 1200\$00.

6 — a) A proposta deverá ser apresentada até às 17 horas do dia 11 de Março de 1987;

b) Local de entrega da proposta: Direcção de Habitação de Lisboa, Av. Columbano Bordalo Pinheiro n.º 5 — 2.º 1000 Lisboa;

c) A proposta deve ser redigida em português.

7 — a) No acto público do concurso só poderão intervir as pessoas referidos no n.º 5.2 do respectivo programa;

b) O acto público do concurso terá lugar, pelas 10 horas do dia 12 de Março de 1987, na Direcção de Habitação de Lisboa (5.º andar);

c) A caução, a prestar quando da celebração do contrato, será de 5% do valor da adjudicação.

9 — A empreitada é por série de preços e será financiada pelo Orçamento Geral do Estado; os pagamentos serão mensais em função dos trabalhos executados.

10 — Modalidade jurídica de associação de agrupamentos de empresas concorrentes: as indicadas no n.º 7.3 do programa de concurso.

11 — Alvará exigido: 1.ª subcategoria da IV Categoria ou IV Categoria.

12 — Prazo de validade da proposta: 90 dias.

13 — A adjudicação será feita ao concorrente que, dando garantias da boa execução técnica da obra, apresente a proposta cujo valor e prazo de execução conduzam ao mais baixo custo final da obra, considerando o disposto no Art.º 93.º do Decreto-Lei n.º 235/86

Departamento de Produção e Conservação, 12 de Janeiro de 1987

O Responsável pelo Departamento
Artur Mendes de Magalhães
Engenheiro

Missão militar parte em Março

PORTUGAL VAI COOPERAR NA REESTRUTURAÇÃO DAS FA'S DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Uma missão militar, chefiada pelo brigadeiro Nascimento Garcia (Exército) e composta por oficiais dos três ramos das Forças Armadas, parte, no princípio do próximo mês, para S. Tomé e Príncipe, onde, durante duas semanas, fará a análise das possibilidades de reestruturação e redimensionamento das FFAA santomenses em termos materiais e humanos.

A iniciativa foi revelada ontem, no decorrer da assinatura de um protocolo adicional ao acordo de cooperação científica e técnica existente entre Portugal e a República de São Tomé e Príncipe, que teve a presença do ministro da Defesa, Ribeiro de Almeida, e do embaixador santomense em Lisboa, Carlos Tiny.

Para já, e no âmbito do documento assinado, Portugal vai fornecer fardamento ao país irmão no valor de sete mil contos e compromete-se a manter «o apoio na área da instrução». Neste caso, cadetes santomenses farão a respectiva instrução em Institutos e Academias militares portuguesas.

Leonardo Ribeiro de Almeida aproveitou a circunstância para endereçar, através de Carlos Tiny, um convite ao seu homólogo santomense, major Bragança Neto, para visitar Portugal.

O representante de S. Tomé e Príncipe salientou, por sua vez, a importância do protocolo assinado e frisou o interesse do seu país em reforçar as «boas relações» já existentes com Portugal em vários campos.

Lei orgânica em debate

Segundo apurou, entretanto, o DL junto de fonte do ministério, teve já lugar antontem a primeira reunião do ministro

Ribeiro de Almeida com o CEMGFA, Lemos Ferreira, e com os chefes dos três ramos militares, para debate do projecto de Lei Orgânica do ministério da Defesa.

Nessa reunião, os chefes militares avançaram já com algumas propostas de alteração à proposta do ministro que, conforme já foi divulgado, pretende concentrar em novos departamentos do ministério algumas das actuais áreas de responsabilidade da hierarquia militar.

Na opinião da fonte contactada pelo DL, a primeira reunião correu de «forma positiva» e está previsto no epílogo para a próxima semana.

Governo das Honduras confirma compra de armas a Portugal

As autoridades governamentais hondurenses afirmaram que as armas compradas pelas Honduras a Portugal, em 1985, foram utilizadas para treino e equipamento das suas Forças Armadas.

O Governo de Tegucigalpa tenta assim desmentir que parte do armamento comprado a Lisboa tenha sido «desviado» para as bases de treino dos rebeldes anti-sandinistas, situadas em território hondurenho, junto à fronteira com a Nicarágua. Um comunicado do Estado-Maior surge como reacção à reprodução na imprensa in-

ternacional da notícia publicada em primeira mão pelo jornal português «Expresso», acerca de um carregamento de mais de mil toneladas de armas de fabrico português, no valor global de 3,3 milhões de dólares.

Segundo o «Expresso», as armas compradas por uma companhia norte-americana, com sede em Miami, em nome do Exército hondurenho, e desembarcadas em Puerto Cortes, teriam sido «desviadas» em território das Honduras para os «contras» da Nicarágua. O «Expresso» acompanhava a informação,

obtida junto de fontes não identificadas, de um desmentido do embaixador das Honduras, em Washington.

O Estado-Maior de Tegucigalpa confirma as compras de armamento português «em muitas pequenas quantidades» admitindo, implicitamente, que se trata de armas não utilizadas habitualmente pelas Forças Armadas hondurenses, ao afirmar que elas se destinavam a treinar os soldados governamentais «na utilização de material bélico profissionalmente utilizável por uma eventual força agressora».

Lisboa e Madrid assinam protocolo de cooperação contra a criminalidade

Portugal e Espanha assinaram, quarta-feira, em Madrid, um protocolo de cooperação contra a criminalidade, tráfico de droga e terrorismo, foi ontem divulgado na capital espanhola depois de um en-

contro entre os ministros da Administração Interna dos dois países.

Num comunicado assinado conjuntamente por Eurico de Melo e José Barrionuevo sublinha-se que nenhum dos dois territórios servirá de

refúgio a criminosos. Durante os três dias de visita a Espanha, Eurico de Melo reuniu-se com o chefe do Governo espanhol Felipe González, tendo abordado com ele as relações internas entre os dois países ibéricos.

Desde hoje

Marinha

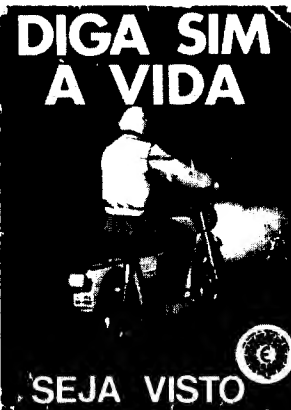
faz exercícios

ao largo da costa

Cerca de 1400 homens, dez navios e alguns meios aéreos participam desde hoje no exercício naval «Contex 872/Phibex» ao largo da costa oeste do continente.

Segundo uma nota distribuída pelo Estado-Maior da Armada, o «Contex 872» compreende actividades no âmbito das lutas antissubmarinas, de superfície anti-aérea, com vista a desenvolver a preparação das unidades navais para enfrentar situações de multi-ameaça, com predominância da guerra antissubmarina. Por outro lado, o exercício «Contex» destina-se a exercitar os comandos no planeamento, preparação e coordenação de operações anfíbias e a treinar as unidades de fuzileiros e unidades de mergulhadores-sapadores, para operações anfíbias.

Nesta operação participam uma fragata, três corvetas, um submarino, uma patrulha, uma lancha de desembarque grande, três lanchas de desembarque médias, um batalhão de fuzileiros, o destacamento de acções especiais e uma equipa de mergulhadores da Marinha Portuguesa.



Evite o encandeamento.

Vele pela sua segurança
e pela dos outros.



circular é viver.





Os príncipes de Gales, Carlos e Diana, quando esta manhã visitaram o Mosteiro dos Jerónimos



A troca de presentes ontem à tarde, no Palácio de Belém

Príncipes de Gales iniciaram visita a Portugal

TEMPORAL IMPÔS-SE AO PROTOCOLO

Quem decidiu o que seria a recepção em Lisboa aos Príncipes de Gales, não foi o protocolo de Estado, foi o mau tempo. Desde o momento da chegada até às cerimónias na Praça do Império, desde passeadeiras vermelhas impraticáveis até percursos alterados, o temporal impôs-se e só, tarde dentro, ao abrigo dos telhados de Belém, as coisas puderam correr (quase) como previsto. Público a receber Carlos e Diana contou-se por algumas dezenas de corajosos admiradores, muito aquém da expectativas da segurança, que teve a sua tarefa consideravelmente facilitada.

Logo à chega, o temporal impediu a deslocação, à pista do aeroporto, de Mário Soares, Maria Barroso, Pires de Miranda e elementos do protocolo, acabando os príncipes por ter à sua espera, à saída do avião, apenas o chefe do protocolo do Estado, o embaixador Roberto Pereira de Sousa.

A passeadeira vermelha, estendida na placa, ficou completamente ensopada e os pilares que sustinham os cordões que a ladeavam foram derrubados pelo vento. Na circunstância, os visitantes tiveram que tomar lugar num autocarro especial.

O príncipe Carlos, mais previdente, envergava à saída do avião um «Bae 146» da esquadrilha da rainha) uma gabardina «beige», enquanto «Lady Di» trazia um «tailleur» branco pérola, destoando do carregado cinzento de uma tarde invernal, mais ao jeito de Londres do que do ameno clima lisboeta.

Sorridentes, apesar de tudo, Carlos e Diana dirigiram-se, após os cumprimentos, para o exterior da aerogare e tomaram lugar num «Rolls-Royce» da Presidência da República.

Um numeroso grupo de jornalistas, portugueses e estrangeiros, cobriu a chegada do casal, sem no entanto ter sido possível às equipas de televisão e aos fotógrafos aproximarem-se do avião.

Os príncipes de Gales e a comitiva dirigiram-se, de seguida, em caravanas de automóveis rodeados de enorme segurança motorizada,

para a Praça do Império, onde tiveram lugar as cerimónias protocolares de boas-vindas.

Chuva afasta população

O percurso do Aeroporto para a Praça do Império foi também prejudicado pelas más condições atmosféricas, o que forçou a caravana automóvel em que seguiam os príncipes a um desvio de percurso relativamente ao que estava previsto inicialmente.

Na origem do desvio esteve a queda de uma árvore junto ao Estádio Pina Manique, que provocou o corte da via pública. A pontualidade britânica pôde assim ser posta à prova, pois os príncipes não só chegaram à hora prevista à Praça do Império, como, apesar deste contratempo, subiram à tribuna, frente aos Jerónimos, com apenas cinco minutos de atraso.

Na Praça do Império, ao contrário do que sucedeu em anteriores visitas de membros da família real britânica, apenas cerca de centena e meia de pessoas aguardava a chegada de Carlos e Diana. Chapéus de chuva partidos ou pelos ares completavam o cenário.

A chegada da comitiva real encontravam-se já na tribuna instalada na Praça, o primeiro-ministro Cavaco Silva, a sua mulher, Maria Cavaco Silva, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Krus Abecasis e esposa, entre outras entidades.

Ali tomaram lugar os príncipes de Gales, posto o que

se iniciaram as honras militares, prestadas por batalhão da Marinha, por sugestão do príncipe Carlos.

O tempo melhorou um pouco, e a chuva parou durante o curto espaço de tempo em que o príncipe passou revista às forças em parada, acompanhado pelo primeiro-ministro português.

Enquanto isso, «Lady Di» permaneceu na tribuna, conversava, sorridente, com Maria Cavaco Silva.

Após as cerimónias de boas-vindas na Praça do Império, os príncipes de Gales dirigiram-se para o Palácio de Belém, onde eram já aguardados pelo Presidente da República e Maria Barroso.

Príncipes preferiram vasos de jardim

Os príncipes de Gales foram recebidos na Sala das Bicas, no Palácio de Belém, e o primeiro encontro com Soares e Maria Barroso teve lugar no gabinete do Presidente, na presença dos jornalistas, onde, num ambiente informal, os príncipes conversaram com os anfitriões e com o ministro dos Negócios Estrangeiros e esposa.

Enquanto decorria a troca de impressões, pessoal atarefado, que frequentemente esbarrava nos jornalistas, transportava para a Sala Luís XV os presentes para a protocolar troca.

Carlos e Diana receberam do Presidente da República dois vasos de jardim em barro terracota - únicas peças escolhidas por eles -, executados pela Fábrica Viúva Lamego, um prato octagonal de Vista Alegre, com as armas de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, e dois volumes sobre faiança portuguesa dos séculos XVIII e XIX, da autoria de Artur Sandão.

Por sua vez, os príncipes ofereceram a Mário Soares e a Maria Barroso um quadro com uma paisagem sobre o Castelo de Bamburgh, em Northumberland, da autoria de Peter Greham, pintor nascido em 1909 é um dos

autores mais representativos da pintura inglesa.

Antes da visita pelo interior do Palácio de Belém e a ida à varanda do Jardim do Bicho, decorreu um segundo encontro, este de carácter privado. Um passeio pelos jardins do Palácio, que estava previsto, acabou por não se efectuar, mais uma vez por imposição do temporal. Depois da visita à residência oficial do Presidente da República, Carlos e Diana seguiram para o Palácio de Queluz, onde ficam instalados durante a sua estada em Lisboa.

Príncipes jantam à luz das velas

A princesa Diana foi o centro das atenções durante o jantar no Palácio da Ajuda, que decorreu em ambiente de pompa e circunstância. De tiara (a sua jóia preferida), e com um vestido de veludo martelado azul-safira, «Lady Di» recebeu os cumprimentos de mais de uma centena de individualidades portuguesas e estrangeiras.

O Chefe de Estado português e sua mulher, Maria Barroso, que trazia um vestido de setim verde garrafa, trocaram algumas palavras em francês com os príncipes, palavras que foram imediatamente traduzidas por duas intérpretes.

Entre as personalidades presentes encontravam-se o ministro-adjunto Fernando Nogueira, o chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, e o chefe do Estado Maior da Armada, almirante Sousa Leitão.

Antes do jantar, representantes de diversos grupos parlamentares apresentaram também cumprimentos a Carlos e Diana. Foi o caso do deputado social-democrata António Capucho, Carlos Carvalhas, do PCP, João Corregedor da Fonseca do MDP, do líder do PS, Vítor Constância, e do dirigente do CDS, Adriano Moreira.

Quanto à ementa, o jantar iniciou-se com uma sopa de

lagosta, seguida de perdiz «à tapada», e tinha como sobremesa «Croute de marsipan surprise», doce conhecido em Portugal como «Pão doce de rala».

Servida à luz das velas por empregados de libré, a refeição foi distribuída por diversas mesas, ficando Mário Soares, Maria Barroso e os convidados reais numa mesa central com mais 16 pessoas.

No jantar estavam presentes o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Krus Abecasis, o antigo primeiro-ministro Pinto Balsemão, o presidente da região autónoma dos Açores, Mota Amaral, o marechal Costa Gomes e ainda os recém nomeados chanceleres das ordens Honoríficas Azeredo Perdigão, Sofia de Mello Breyner Andersen e o marechal António de Spínola.

No final da refeição, os convidados assistiram a um espectáculo de fados por Nuno da Câmara Pereira e Sá da Bandeira. Seguiu-se uma recepção, onde cerca de 500 pessoas saudaram Diana e Carlos e apreciaram uma

exposição onde eram exibidas as jóias da família real portuguesa, num total de 110 peças provenientes de Portugal, França, Itália e da antiga corte imperial russa.

Programa intenso

Os príncipes de Gales cumprem hoje um programa intenso de actividades, que culmina com um jantar íntimo na residência do embaixador britânico, Michael Simpson-Orlebar, seguido de um espectáculo de bailado na Fundação Calouste Gulbenkian.

Depois de uma manhã que começou com a visita ao Mosteiro dos Jerónimos, Carlos e Diana visitarão esta tarde à «Queen Elizabeth School», um estabelecimento de ensino inglês para as classes infantis, primárias e preparatórias, e ainda ao Centro de Reabilitação de Doentes de Paralisia Cerebral, subsidiado por instituições britânicas.

Este será o único dia dedicado exclusivamente à capital, já que amanhã, antes de partitarem para o Porto onde decorrerá a segunda fase da visita, os príncipes apenas visitam Queluz e Sintra.

VIAGENS

TURISMO

FALLAS DE VALÊNCIA

EXCURSÃO EM AUTOPULLMAN DE LUXO
COM AR CONDICIONADO, WC, E TV-VIDEO
ALOJAMENTO NO HOTEL EXPO (1.ª ★★★★★)
2 PARTIDAS: 15 A 23/3 E 15 A 21/3
VISITANDO: BADAJOZ • VALÊNCIA • ALBUFERA
BARCELONA • ANDORRA • ZARAGOZA • MADRID

PREÇOS DESDE 50 000\$00

RESERVAS E INFORMAÇÕES NO SEU AGENTE DE VIAGENS OU NA



AV. 5 DE OUTUBRO, 53
LISBOA
☎ 56 11 16-52 11 17-57 29 70

CONCEDEMOS DESCONTO ESPECIAL
AOS PORTADORES DO CARTÃO JOVEM

"Voaram" telhas de casas do Bairro do Relógio

TEMPORAL EM TERRA TEMPESTADE NO MAR

O mau tempo deixou marcas em terra e no mar: «voaram» as coberturas de mais de uma vintena de casas do Bairro do Relógio, perto do aeroporto da Portela; a Ponte «25 de Abril» fechou ao trânsito mais de uma hora ontem à tarde; uma embarcação espanhola passou por grandes dificuldades a cerca de 200 milhas do Cabo de S. Vicente; e os portos da Póvoa de Varzim, Viana do Castelo e Figueira da Foz foram, durante o dia, completamente inacessíveis à navegação. A barra do porto de Leixões esteve aberta apenas a navios mercantes.

Mais de vinte casas prefabricadas de um bairro situado na zona da Rotunda do Relógio, em Lisboa, ficaram sem cobertura devido ao temporal que ontem assolou a capital e arredores, ao fim da tarde. O subchefe ajudante Veríssimo, do Batalhão de Sapadores Bombeiros (BSB), afirmou que ontem «foi um dia anormal» para os bombeiros, que receberam 120 pedidos de auxílios de pessoas que «tiveram problemas devido ao temporal».

O caso mais grave ocorreu naquele bairro de casas prefabricadas, onde mais de 20 casas ficaram sem cobertura e ameaçou mesmo a segurança das pessoas, felizmente sem nada a registar nesse aspecto.

Aquele subchefe disse ainda que árvores e chaminés caíram em várias zonas da capital, tendo atingido alguns veículos e ferido um dos seus ocupantes, que foi

levado terido por populares para um dos hospitais de Lisboa, sem intervenção dos bombeiros.

A queda de árvores afectou ainda a circulação dos eléctricos em certas artérias e um poste de electricidade, que tombou no bairro do Casal Ventoso, provocou um curto-circuito e o corte de energia na zona.

Um informador do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica disse à Lusa que o vento atingiu a velocidade de 135 quilómetros/hora, na zona do Aeroporto de Lisboa, cerca das quinze horas.

Póvoa, Figueira, Viana: portos continuam fechados

Os portos da Figueira da Foz, Viana do Castelo e Póvoa de Varzim ainda não reabriram à navegação. As capitânias dos três portos de cidaram fechar,



No bairro do Relógio, algumas casas perderam telhas, em consequência do temporal

ontem, os respectivos portos, visto ser perigoso o estado do mar, apontando as previsões para vagas entre os seis e os oito metros.

Aqueles portos continuavam esta manhã fechados completamente à navegação pelas mesmas razões de ontem, apurou o «DL». A barra de Leixões mantinha-se aberta apenas para navios mercantes.

O comandante Monteiro Marques, do Comando Marítimo do Norte, adiantou que a barra de Leixões apenas recebia navios de comércio, os quais só podem movimentar-se apoiados por rebocadores. Continuava esta manhã fechada para as outras

embarcações mais pequenas.

O encerramento das capitânias foi determinado na sequência das previsões de mau tempo, para ontem e hoje, fornecidas pelo Instituto de Meteorologia e Geofísica.

As capitânias de Caminha, Vila do Conde, Aveiro e Douro, adstritas também ao Comando da Zona Marítima do Norte, estiveram de prevenção, o mesmo acontecendo com os Bombeiros Voluntários Portugueses, que desde terça-feira mantêm um piquete permanente no Posto de Socorros a Náutragos, na Foz do Douro.

Tempestade no mar: com efeito, a embarcação de pesca espa-

nhola «Cabo Stoy», que ontem de manhã se encontrava em dificuldades a 200 milhas do Cabo de S. Vicente, foi rebocada pelo «Punta Delgada», da mesma nacionalidade — segundo o Comando Naval do Continente.

O mestre do «Cabo Stoy» enviou ao fim da manhã, um SOS anunciando que a embarcação estava a meter água.

O Comando Naval do Continente enviou de imediato para a área a corveta «Afonso Cerqueira», que só chegaria perto do «Cabo Stoy» pelas 22 horas. Solicitou também apoio à Força Aérea, que enviou um avião para sobrevoar a área e auxiliar nas operações de busca.

Ponte fechou mais de uma hora

A Ponte 25 de Abril fechou ontem à tarde ao trânsito mais de uma hora. A decisão de a fechar foi tomada pouco depois das 15 horas, só reabrindo às 16 e 30.

O encerramento da ponte ao trânsito ficou a dever-se às rajadas de vento que naquela área chegaram a atingir os 128 quilómetros/hora — informou o próprio gabinete da ponte.

A meio da tarde (cerca das 16 horas), a fila de automóveis nos acessos à ponte de um e outro lado, atingia vários quilómetros. Não se registaram acidentes e, na altura, era impossível — segundo um funcionário do gabinete da ponte — prever a reabertura da ponte ao tráfego. No entanto, cerca das 16 e 30 o trânsito começou a atravessá-la, com cautelas, nos dois sentidos.

Aquela mesma hora foram registadas pelo I.N.M.G., rajadas de 165 quilómetros/hora em Castelo Branco e 155 quilómetros/hora em Viana do Castelo.

A fonte do Instituto realçou que «foi uma velocidade de vento fora do comum, mesmo nesta altura do Inverno», acrescentando que a anormalidade na situação do tempo em Portugal foi provocada «por uma depressão que se formou a Oeste, no Oceano Atlântico, e se agravou à passagem sobre o território continental».

CIDÁLIA CANTA HOJE NO TEATRO S. LUIZ

CIDÁLIA SERÁ UM DOS NOMES QUE VAI ENRIQUECER O ELENCO ARTÍSTICO QUE HOJE À NOITE SE APRESENTA NA SALA DO TEATRO S. LUIZ, NUM ESPETÁCULO DE GRANDE NÍVEL E CUJA RECEITA SE DESTINA AOS REFUGIADOS TIMORENSES

OS BILHETES ENCONTRAM-SE À VENDA NO TEATRO S. LUIZ ÚNICO LOCAL ONDE PODEM SER ADQUIRIDOS.



Talvez depois do ano 2001

Aeroporto de Lisboa deverá ser construído na Ota

Os sucessivos «remendos» por que tem passado o aeroporto da Portela não poderão prolongar-se eternamente. Encara-se, por isso, a necessidade de construir um novo aeroporto, que em princípio se erguerá na Ota, concelho de Alenquer, a meia centena de quilómetros da capital. Essa ideia foi, de resto, levantada e defendida no I Congresso Nacional de Aviação Civil, que recentemente reuniu vários especialistas da nossa aviação civil e aeroportuários na F. Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

A construção do novo aeroporto de Lisboa nos próximos anos, provavelmente até ao ano 2010, isto é, quando a Portela já não suportar mais «remendos» (frise-se que está numa outra fase de obras, orçada em seis milhões de contos e a concretizar até 1990), foi defendida no I Congresso Nacional de Aviação Civil. Os mais de 350 técnicos nele

reunidos consideraram ser «tecnicamente viável» a construção do novo aeroporto na região de Alenquer-Ota, abrangendo a actual base aérea e terrenos contíguos.

Salientaram ainda que a estrutura aeroportuária da Portela satisfaz as necessidades de tráfego até ao ano 2000, mas preconizaram que se deve começar de imediato a estudar soluções que respondam cabalmente ao tráfego do novo século.

Na apresentação das conclusões dos três dias de trabalhos do congresso, a Associação Portuguesa de Controladores de Tráfego Aéreo propôs, no âmbito da navegação aérea, o lançamento em Lisboa do Novo Centro de Controlo Oceânico de Portugal, o qual permitirá uma economia de custos de cerca de quatro milhões de contos, relativamente às actuais instalações em Santa Maria.

Sobre a liberalização do transporte aéreo na CEE, encarado como «fenómeno irreversível», os técnicos concluíram que as autoridades portuguesas devem assumir junto da Comunidade «a defesa intransigente dos interesses nacionais», de forma a permitir o ajustamento progressivo às novas condições.

No capítulo da cooperação com os novos países de África, reconheceu-se a existência de oportunidades em formação profissional e apoio empresarial, «com importantes vantagens mútuas».

O Congresso foi organizado pela Associação de Pilotos Portugueses de Linha Aérea (AP-PLA) e teve como três grandes temas as políticas de transporte aéreo, a segurança e actividade aeronáutica, infra-estruturas e actividades complementares, como o «DL» na ocasião noticiou.

Termina hoje greve na ESBAL

Os alunos de Artes Plásticas e Design da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa terminam hoje a greve de três dias.

No debate com professores e órgãos de gestão da escola, que ontem decorreu à tarde, o prof. Rocha de Sousa informou, a título pessoal, que está em curso um processo de integração daqueles cursos da ESBAL na Universidade Clássica de Lisboa.

De um modo geral, foram abordados todos os problemas que afligem a escola, desde a falta de pessoal e de material, até à reestruturação dos cursos. Nesse debate, que a Associação de Estudantes considera bastante proveitoso mas não conclusivo, os representantes dos estudantes remeterem as responsabilidades da resolução dos problemas para os órgãos de gestão.

Entretanto, a adesão à greve mantém-se de 100 por cento, devendo esta tarde, se as condições atmosféricas o permitirem, ser lançado um balão, como forma de encerramento desta greve.

Listas I e C na berlinda

ALUNOS DE LETRAS DEBATEM EM REUNIÃO GERAL IMPUGNAÇÃO DE ELEIÇÕES

NA Faculdade de Letras de Lisboa efectua-se esta tarde, a partir das 17 horas, uma Reunião Geral de Alunos (RGA) a fim de se pronunciar sobre o recente acto eleitoral para a Associação de Estudantes.

Como já foi oportunamente noticiado, a Lista «I», eventualmente vencedora, teria sido afectada por fraude cometida com o propósito de conferir a vitória à Lista «C», apresentada pela Direcção da Associação de Estudantes.

Além disso, os elementos da lista eventualmente vencedora optaram por dissolver a Comissão Eleitoral, o que impede o pedido de impugnação das eleições por parte dos proponentes da Lista «I».

Quanto à greve marcada para os dias 16 e 17, esta manter-se-á se o titular do MEC não der uma resposta positiva a um pedido de

audiência à Comissão Coordenadora Nacional até amanhã, audiência que deve concretizar-se até à segunda-feira seguinte.

Por outro lado, continua marcada para o próximo dia 20 uma manifestação a nível nacional dos estudantes de Letras das três Faculdades clássicas do País.

Coimbra — reuniões sectoriais

Os estudantes da Faculdade de Letras de Coimbra debateram ontem, em reuniões sectoriais, o

projecto de reestruturação curricular do seu curso.

Segundo Josefe Antunes, da Comissão Coordenadora dos Estudantes de Letras, a discussão prossegue hoje, com reuniões de curso e paralizações pontuais de aulas, necessárias para o efeito.

«Não se trata de qualquer greve, até porque as frequências e exames decorrem normalmente — sublinhou —, mas apenas do preenchimento do tempo das aulas para discutir os problemas, entre os alunos, e também com os professores interessados que queiram permanecer na sala connosco».

A Comissão Coordenadora Nacional dos Estudantes de Letras tem uma reunião marcada para o fim-de-semana, em Coimbra, e a Comissão Paritária de Estudantes e Professores, constituída no passado domingo, no Porto, reunir-se-á, também em Coimbra, na próxima segunda-feira.

Reitor da U. Técnica defende eleições antecipadas no ISEF

O reitor da Universidade Técnica de Lisboa, Simões Lopes, defendeu eleições antes da Páscoa para os órgãos de gestão do Instituto Superior de Educação Física (ISEF).

No final de uma reunião com a comissão eleita pelo ISEF para promover as eleições, o reitor afirmou que irá propor, em próxima reunião com o ministro da Educação, que o acto eleitoral se efectue antes da Páscoa, na condição de só dar posse aos órgãos de gestão após a publicação da Lei Orgânica do ISEF.

Em declarações à imprensa, o reitor considerou que a existência da Lei Orgânica, actualmente

em preparação no Ministério da Educação, é fundamental para que os futuros órgãos de gestão tenham de facto capacidade de realização.

Simões Lopes manifestou esperança de que a Lei Orgânica do ISEF seja publicada até às férias da Páscoa.

José Cordovil, da comissão eleita em assembleia geral de escola para promover eleições no dia 13 de Março, afirmou que a comissão está aberta às soluções possíveis.

«Neste momento estamos na expectativa de que o reitor nos vá comunicar de definitivo na próxima semana, depois de reunir com o ministro».

Alunos do secundário desfilam dia 25

Estruturas associativas do ensino secundário do distrito de Lisboa decidiram em reunião promover um desfile carnavalesco no próximo dia 25.

O objectivo é denunciar à opinião pública os problemas com que se debatem os estudantes deste tipo de ensino, nomeadamente na obrigatoriedade da disciplina de Português no unificado, e no acesso ao ensino superior, além das condições deficientes de funcionamento de muitas escolas secundárias.

No dia 25, a concentração das escolas far-se-á no Rossio, às 11 horas, devendo os estudantes

desfilem pela faixa central da cidade.

Noutra reunião, aquelas estruturas associativas decidiram apresentar uma moção de solidariedade com os conselhos directivos em relação à proposta do Ministério da Educação de alterar o Decreto-Lei 769/A/76 de 23 de Outubro e outra moção de solidariedade com os alunos da Escola Secundária de Camões, que ontem, em conjunto com outras escolas, manifestaram publicamente o seu repúdio pela morte de António Manuel Filipe Alves, aluno daquela escola, por um cabo da Guarda Fiscal.

O jornal Vinhos

Para quem
o vinho
é um acto
de cultura

Agora, sob a forma de revista,
distribuída juntamente com
«O Jornal», para ler, mensalmente,
com prazer

SAI AMANHÃ

RR, CRISTO E A UDP

Segundo se faz constar e é geralmente aceite, a Rádio Renascença, Emissora Católica Portuguesa, é a voz da Igreja levando a sua mensagem a milhões de católicos radiouvintes.

Portanto se hoje os apóstolos voltassem à terra, investidos da sua missão evangelizadora, porta-vozes da palavra de Cristo, nada mais natural do que sentissem tentados a servir-se dos sofisticados meios técnicos da Rádio Renascença.

Mas, para surpresa sua, os apóstolos não iam poder utilizar os atraentes microfones nem os potentes emissores da Rádio Renascença.

Primeiro porque, não parece provável que aceitassem servir de suporte ou enquadramento aos «spots» publicitários ajudando assim com a mensagem de Cristo a promover os lucros de uma multinacional.

Depois porque mesmo que por absurdo, a tal se prestassem, deparariam com a hostilidade, talvez política dado ser quem eram, da Administração e com a recusa formal a que falassem através da Rádio Renascença para os católicos e não católicos portugueses.

A palavra simples dos apóstolos pregando a liberdade e a igualdade, a firmeza do seu apoio aos humilhados e ofendidos, a recusa peremptória de todas as vanidades, o apelo à revolta dos oprimidos, a denúncia do poderio e da riqueza, não agradariam aos anunciantes da Rádio Renascença.

Nem ao Patriarcado. Este tem outra mensagem para transmitir: a aceitação do mundo como ele está, a contemporização com as injustiças, o elogio dos poderosos.

Porque o Patriarcado está preso aos poderosos, se não pelo umbigo, pelo estômago. E neste vale de lágrimas o estômago tem muita força.

Os apóstolos não poderiam ocupar o tempo destinado aos Herodes, aos Deoclesianos, aos Pilatos e seus sargentos de hoje.

São estes que dispõem de tempo e de espaço para que seja feita a propaganda política dos novos imperadores, senhores do Estado e usufrutuários da sua corrupção.

Os apóstolos, esses, denunciariam os principais fautores das guerras no mundo: americanos, os russos e os grandes da Europa, mais a sua propaganda de egoísmo, de ódio, de terrorismo e guerra. Enquanto a Rádio Renascença os justifica e os louva.

Os apóstolos teriam chorado a morte do padre católico Maximino de Sousa, independentemente dele ser candidato da UDP, e condenado os bárbaros fascistas e bombistas que o assassinaram movidos pela necessidade de calar uma voz que pregava a igualdade e a liberdade. Mas o Patriarcado e a Rádio Renascença não revelaram uma emoção, não pronunciaram uma oração, não levantaram um dedo, não manifestaram uma preocupação. Os apóstolos teriam protestado com veemência quando retiraram ao padre Martins Júnior o seu munus sacerdotal e teriam ido em sua ajuda quando foi perseguido por se colocar do lado dos pobres. Mas a Rádio Renascença e o Patriarcado aplaudiram o bispo persecutor.

A Rádio Renascença durante as suas 24 horas de emissão apenas transmite alguns momentos de serviço religioso estereotipado. Tudo o resto está à disposição dos poderosos do dinheiro. Pagando, claro.

A Rádio Renascença é uma rádio comercial. As on-

das que tem chegam e sobejam muitas horas para a sua mensagem publicitária. Não é para a mensagem religiosa que quer mais ondas mas para alargar o seu espaço para sustentar a ideologia do bezerro de ouro. É desprovida de qualquer justificação a demagogia do Patriarcado de que querem calar a voz da Igreja. A Igreja, o Patriarcado até tem períodos de emissão assegurados nas emissoras do Estado.

O Patriarcado quer o domínio monopolista da ideologia dos portugueses; quer ter o poder de alcinhar de bruxos e de ímpios os que são católicos e os que são ateus. Hoje não vai torturá-los nem queimá-los vivos como fizeram os seus antecessores nas masmorras e nas fogueiras da Inquisição, durante mais de trezentos anos a milhares de pessoas. Hoje não precisa de contemporizar com as torturas e os assassinatos da PIDE como fez o seu antecessor, o Cardeal Cerejeira, com Salazar.

Mas quer ter a mesma influência para condenar todo aquele que contraria a sua sede de poder.

O dr. Mário Soares, vítima e colaborante, vendo-se perdido perante a evidente rejeição com que o povo iria premiar a sua governação à frente do Governo PS/PSD, em Outubro de 1985, procurou no regaço do Patriarcado o bálsamo para os seus tormentos e a promessa de não hostilidade. Para tal ofereceu-lhe a possibilidade de alargar o monopólio da Rádio Renascença. O PSD e o CDS esfregaram as mãos de contentes.

Hoje que outros interesses levantam as bandeiras da livre concorrência burguesa, o PS, o PRD, o PCP e o MDP, juram a pés juntos, no Parlamento, pôr em causa o monopólio do Patriarcado mesmo contra os seus tutores sabichões. E proclamam a igualdade de oportunidades.

E o facto é que a cedência sendo provisória não podia ser definitiva. A Assembleia da República não tem nada a ver com uma cunha mal metida.

A lei aprovada pela Assembleia da República limita o monopólio da Rádio Renascença, ou melhor dificulta o seu crescimento. E ainda bem.

A liberdade de expressão, a liberdade de informação, a liberdade religiosa, estão no pólo oposto do monopólio. Como toda a liberdade!

Posto em pé de igualdade, o que nem sequer é o caso, o Patriarcado perde as estribeiras e a compostura.

Mas o aparente temor reverencial pela cólera do Patriarcado, pelo anátema da Conferência Episcopal, pela condenação da Hierarquia, não é ingénuo. Apesar de revogada a concordata fascista, existe um contrato entre o Estado e o Patriarcado impulsionado pelo PSD e CDS, tácito embora.

Em troca da reverência e do privilégio, o Patriarcado pacifica o rebanho, acalma as revoltas, despista os protestos, oferece o imponderável em troca do pão e do emprego. Por isso a Rádio Renascença tem tantas frequências.

Empresa comercial, a Rádio Renascença não pode ter outros direitos que os dos seus concorrentes.

Emissora católica, a Rádio Renascença não pode ter mais direitos que os de qualquer emissora, porque a religião não pode constitucionalmente conferir qualquer forma de privilégio.

De posse de uma autorização provisória, nada mais lhe pode ser permitido do que subordinar-se à lei definitiva.

O Gabinete de Imprensa da UDP

Se quer ajudar a pagar esta publicidade, use a Conta n.º 29483-830 do Balcão do Rato, n.º 3675 da Caixa Geral de Depósitos, telefone para 685034-5 ou contacte-nos na Rua de S. Bento, 698 Lisboa

"Sãobentogate" dá novas "teias"

SUPREMO TRIBUNAL DEU RAZÃO E ACÇÕES A MARIA DA GRAÇA

Enquanto o caso «Sãobentogate», como se tornou conhecido, se vai desenrolando e novos tentáculos originam processos atrás de processos, foi agora anunciado que o Supremo Tribunal de Justiça deu razão a Maria da Graça, a falsa doutora que protagoniza os principais acontecimentos, concedendo-lhe a posse das tão faladas acções da Eneida.

Com a decisão do STJ, agora conhecida, conhece desfecho uma das questões mais importantes de todo este processo, que consistia em conhecer o nome do proprietário legal da maior parte das acções da Eneida e, assim, de uma importante fatia da fortuna do ex-cônsul da Austria no Porto, José Guimarães.

Assim, Maria da Graça Correia Bastos Lopes, ficará na posse de acções avaliadas por alguns conhecedores em mais de cem mil contos, o que lhe permitirá, provavelmente, ultrapassar muitas das situações criadas com a emissão de cheques sem cobertura, se obtiver o perdão dos queixosos.

Esta questão da propriedade das acções da Eneida foi suscitada ainda por José Guimarães, com quem Maria da Graça viveu alguns anos, que pediu a anulação da transmissão de um lote de acções da empresa, alegando para o efeito que tal fora concretizado «sob coacção moral», integrado num «negócio usurário».



Com a sua morte, os legítimos herdeiros de José Guimarães mantiveram a pretensão de ver anulada a referida transmissão, tentando desse modo reaver uma grossa fatia da fortuna, já então largamente delapidada, ao que se tem dito por acção da própria Maria da Graça, que vivendo com o ex-cônsul, tinha sobre ele grande influência.

Entretanto, segundo anuncia hoje o «Jornal de Notícias», do Porto, terá dado entrada no Tribunal de Gaia uma nova queixa contra Maria da Graça, esta por emissão de um cheque careca no valor de 30 mil contos, que poderia estar relacionado com a tentativa de compra de acções da Eneida, por 26 mil contos, ou, segundo outras versões, seria mais um «negócio» em que a própria Maria da Graça teria saído defraudada.

Ainda segundo o «JN», mais um processo integrado em todo este grande imbróglio deu entrada, por sorteio, no 2º Juízo do Tribunal de Instrução Criminal do Porto.

Recorde-se, ainda, que como resultado deste «Sãobentogate» foi desencadeado o processo de investigação da corrupção que grassava na Polícia Judiciária do Porto, tendo levado à detenção de vários agentes e à fuga de Júlio Regadas, que ainda se não entregou, para evitar que fosse concretizado o mandado de captura contra ele emitido.

Por outro lado, o dirigente do PSD e conhecido advogado portuense, Montalvão Machado, viria a ser indiciado indiciado como réu, por envolvimento ainda não profundamente conhecido em toda esta trama.

Onze feridos num acidente de viação

Onze feridos ligeiros é o balanço de um acidente ocorrido ontem na zona da Pedrulha, Coimbra, que envolveu um autocarro dos transportes urbanos e um veículo de carga, informou a Polícia.

O acidente ocorreu quando o veículo de carga embateu na traseira do autocarro, devido ao facto do piso se encontrar escorregadio.

Pró-Associação Sindical da PSP tem delegação na Madeira

Encontra-se já a funcionar no Funchal a Delegação da Comissão Pró-Sindical da PSP instalada na Rua do Castanheiro, número 10.

Segundo uma nota distribuída por aquela delegação, que entrou em funcionamento no dia dois do corrente mês, o número de sócios ultrapassa já as duas centenas e meia pertencentes ao comando da Madeira e informa que em breve o Sindicato passará a adquirir personalidade jurídica, estando já legalizado.

O coordenador da delegação apela aos colegas que ainda não aderiram ao Sindicato para se inscreverem sem receio por a delegação estar verdadeiramente legalizada e apoiada juridicamente.

Guarda-fiscal inculcado de homicídio está preso em Setúbal

O cabo da Guarda Fiscal que matou o jovem António Manuel Alves Filipe, de 16 anos, está detido nas instalações daquela força policial em Setúbal, informou o Serviço de Relações Públicas da corporação.

António Manuel Alves Filipe foi morto em Lisboa, no dia 30 de Janeiro, em circunstâncias largamente noticiadas.

«O elemento da Guarda Fiscal encontra-se detido à ordem do juiz de Instrução Criminal de Lisboa».

Tripulação abandonou o «Cabo Stoy»

A tripulação da embarcação de pesca espanhola «Cabo Stoy», que ontem de manhã se encontrava em dificuldades a 200 milhas do cabo de S. Vicente, abandonou o barco, disse um informador do Comando Naval do Continente.

A tripulação foi recolhida pela embarcação de pesca espanhola «Punta Delgada» que rebocava o «Cabo Stoy».

O «Punta Delgada» navega para o porto espanhol de Cadiz, onde deve chegar hoje.

Duas freiras portuguesas raptadas pela Renamo

Duas religiosas portuguesas, Gabriela Cardoso e Maria Olinda, foram raptadas segunda-feira pela Renamo no distrito de Mecuburi, a cerca de 80 quilómetros de Nampula — disse uma fonte eclesiástica.

As religiosas seguiam integradas numa coluna militar, juntamente com o padre italiano Santo Canova.

A irmã Maria Olinda e o padre Canova regressaram terça-feira a Mecuburi, por terem ferimentos que não lhes permitiam acompanhar o grupo raptor.

Foram os raptadores que mandaram regressar a religiosa e o padre — disse a fonte, que teve conhecimento do rapto por comunicação rádio, feita pela administração de Mecuburi para a

administração de Nampula.

Ignora-se o paradeiro da irmã Gabriela Cardoso, que é natural do concelho do Vimeiro.

A fonte disse que não conhece a natureza dos ferimentos da irmã Olinda e do padre Canova.

As duas religiosas portuguesas pertenciam à Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima.

Ciganos portugueses abatidos em Espanha

Os cadáveres de dois ciganos portugueses assassinados na localidade de Monteporreiro, na Galiza, serão trasladados hoje para Portugal — informaram fontes judiciais.

O assassinato de Augusto Sousa Franco, 33 anos, e Miguel Bernardo de Oliveira, 23 anos, que segundo familiares seus se dedicavam à venda

ambulante em Lisboa, é considerado como um «ajuste de contas» e os seus cadáveres apareceram manietados, domingo em Monteporreiro, nos arredores da cidade espanhola de Pontevedra.

Ambos tinham sido mortos com uma bala na cabeça. A Polícia e o juiz encarregado do caso, guardam absoluto sigilo, quanto às investigações para encontrar o autor ou autores do crime.

Marinheiro apodera-se de camioneta e causa 1200 contos de danos

Um jovem embarcado no navio alemão «Webo Carrier» atracado em Setúbal, causou danos avaliados em 1200 contos quando ontem se apoderou de uma camioneta com 18 toneladas de pasta de papel e resolveu passear desgovernado pela cidade.

Tem 22 anos e é cozinheiro

do navio, o jovem Peter Andreas Janben, que não resistiu à tentação ao ver no cais a viatura com a porta aberta e a chave na respectiva ignição.

Segundo parece o estado de embriaguês terá sido o principal motor da acção, que o levaria a fazer cair os pesados fardos de

pasta de papel provenientes da Portucel e a embater num contentor na Doca do Comércio.

Encontra-se detido na PSP de Setúbal a aguardar que a embaixada alemã se responsabilize pelos prejuízos e preste a caução que garanta a presença do marinheiro quando do julgamento da infracção criminal.

Alerta o arcebispo de Braga

É preciso guardar melhor o património das igrejas

O arcebispo de Braga alertou os responsáveis pela guarda e conservação do património da igreja para que incrementem medidas para a sua protecção.

Em nota ontem tornada pública, Eurico Nogueira recomenda que se preste especial atenção àqueles objectos que, pela sua fácil mobilidade e valor artístico, podem ser facilmente presa cobiçada de ladrões.

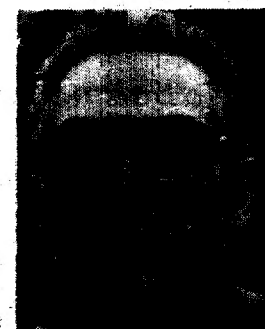
O alerta do arcebispo surge na sequência de furtos

praticados em lugares de culto.

Segundo Eurico Nogueira, a prudência pode aconselhar que alguns objectos não estejam permanentemente expostos ao público mas tão-somente nos momentos mais significativos da vida da respectiva comunidade cristã.

Sempre que se adopte esta precaução, diz a nota do arcebispo, lavre-se e arquite-se um documento que descreva as peças guardadas e o lugar onde se encontram.

Mário Castrim



O patriarca da família, com os seus anos bem puados, vive da magra reforma, obtida em tempos magros. Ainda tentou fazer umas cobranças, mas viu-se obrigado a desistir, quando o reumatismo atacou em grande. A quantidade de prédios que ainda há sem elevador, em Lisboa, só os cobraores é que sabem!

A avó contribui, para o orçamento familiar, com a sua pensão de velhice e com o trabalho doméstico. E tanto que ela sonhou com a velhice, para descansar um pouco! Só sai de casa aos domingos, vai à missa. Aliás, pouco. As suas relações com Deus atravessam um momento crítico.

O chefe de família, o Pai, estava há trinta anos, numa empresa metalúrgica. Veio a crise, vieram as dificuldades, empresa fechou as portas. Ficou com as mãos a abanar. Anda há que tempos a ver se consegue subsídio de desemprego. Ele, na estatística, recebe; na realidade é que não. A mãe, ao princípio, era doméstica, depois passou a dar uns dias fora. Chega a casa derreada. O médico da Caixa já lhe disse que precisava de uma radiografia ao torax. Tem radiografia marcada para Julho próximo.

O filho mais velho, coitado, quando se viu sem emprego e sem esperança, começou a regular mal da caixa dos pirolitos. Ultimamente tem arranjado algum, não diz como. É possível que veja uma actividade que cai no mau olhado da Judiciária.

A filha não completou o 12.º ano. Tem contrato a prazo como caixa, num supermercado, e interessa-se pelas questões sindicais. Qualquer dia, rua. O filho mais novo tem catorze anos. Frequenta o curso secundário. Anda muito estranho. Tudo veio a saber-se: o miúdo droga-se.

Estes são alguns apontamentos para um projecto de telenovela. Recusado, claro. Disseram-me:

— Queremos uma telenovela que meta engenheiros, doutores, futebol, jóias roubadas, enfim, algo sobre a realidade portuguesa. Têm razão. Nunca mais perco esta mania de fantasiar!

PS ESPERA EM 1990 GANHAR A CÂMARA DE LISBOA

No balanço de um ano de cooperação com Nuno Abecasis, por via de um protocolo assinado após as eleições autárquicas, os vereadores socialistas na Câmara Municipal de Lisboa manifestaram ontem a esperança de, em 1990, ganharem a presidência da Câmara Municipal de Lisboa.

«Da análise dos resultados eleitorais concluímos que as marcas obtidas pelo Partido Socialista em Lisboa estiveram sempre muito ligadas aos resultados nacionais», referiu o vereador Vasco Franco. Assim, para o autarca, a grande flutuação eleitoral do PS, fruto das passagens pelos governos, alianças e conjunturas várias, tem sido o maior óbice à afirmação dos socialistas no terreno autárquico da capital.

E, se na primeira Câmara eleita democraticamente, os socialistas elegeram Aquilino Ribeiro Machado para presidente do Município, desde então que a sua votação tem vindo a baixar: de cinco vereadores, o Partido Socialista passou para três e, mais grave do que esta recada, perdeu todas as presidências de Juntas de Freguesia de que dispunha.

«Trabalhar a Câmara por dentro»

Nesta conjuntura surge um protocolo assinado com Nuno Abecasis, eleito através de uma lista PSD/CDS. «Ao contrário do mandato anterior, durante o qual iam refletindo e tomando posição sobre as questões da cidade, pareceu-nos importante apresentar os pontos que consi-

deramos essenciais para a gestão de Lisboa», referiu Vasco Franco, justificando a assinatura do acordo com o actual presidente da edilidade.

«Sempre que o presidente actua nessas linhas», prosseguiu o vereador socialista, «não temos razões para estar contra», e o protocolo com incidência programática, de acordo com Vasco Franco, possibilitou, entre outras coisas, a aprovação atempada do Orçamento e Plano de Actividades para o corrente ano, facto «nunca visto» na gestão da cidade.

Respondendo a uma questão colocada pelo «DL» sobre a política de alianças, nomeadamente acerca de um acordo firmado com o PSD antes das eleições autárquicas, segundo o qual os vereadores socialistas tinham a garantia de acesso aos pelouros, Vasco Franco negou tal situação, sublinhando, «que antes de se saber que o PSD concorria com o CDS, no tempo do governo do bloco central, houve diligências para um acordo com os sociais-democratas que não se chegou a concretizar».

No entanto, para os socialistas, a actual situação, com a distribuição de três pelouros, tem possibilitado um trabalho em favor da cidade e

permite, de alguma forma, «trabalhar a Câmara por dentro», na preparação da conquista da presidência em 1990.

Associação para a Grande Lisboa

No documento intitulado «Os vereadores socialistas, a Câmara e a cidade de Lisboa», lido por Pombo Cardoso, para além de se referir «o papel insubstituível como motor de desenvolvimento» da capital, o horizonte eleitoral de 1990 é por diversas vezes sublinhado.

«O PS é a alternativa por que estuda e enfrenta os problemas da cidade, não os tornando em meras bandeiras», sublinha o texto, explicitando que a alternativa surge pelo conhecimento dos problemas, da Câmara e pelo diálogo com as forças da cidade.

Neste campo, o documento

assinado pelos vereadores Vasco Franco, Ana Sara de Brito e Pombo Cardoso explicita que «estamos preparados para no decorrer destes próximos dezoito meses lançar uma série de sessões públicas de trabalho sobre os problemas da cidade, o

que nos levará a ter, claramente definidas as acções do PS para os anos 90 na área de Lisboa».

A ausência no texto de uma referência aprofundada em relação à regionalização, e à possível criação de uma Área Metropolitana de Lisboa, apontada pelo «DL», foi justificada pelo facto de no debate interno dos socialistas, em relação a Lisboa e ao Porto «se estar a detectar uma tendência que pugna pela criação de uma forma de Associação de Municípios para fins determinados e não de uma Região Administrativa».



Casas camarárias: 1850 estão devolutas

Mil oitocentas e cinquenta das cerca de 40 mil casas camarárias estão devolutas, declarou a vereadora Ana Sara de Brito, no balanço individual que fez do seu trabalho.

De acordo com a responsável da área de intervenção social, no campo da habitação social o trabalho tem passado pela definição de critérios de atribuição, anulando as irregularidades que se vão conhecendo, num trabalho de gestão do parque habitacional camarário que levou à conclusão de que, numa cidade onde a habitação falta, há 1850 fogos da edilidade que estão devolutos.

Aliás, como o «DL» atempadamente referiu, este é apenas um dos aspectos «curiosos» que se passam com as casas camarárias, cujas chaves chegam a valer 200 contos no mercado negro.

Noutro campo, aquela responsável referiu-se à construção de novas escolas primárias, sublinhando que, como a população escolar entre os 6 e os 10 anos tem vindo a diminuir, a Câmara tem investido nos casos em que as condições de aprendizagem estão degradadas. No entanto, como ressaltou, «desde que estou na Câmara não permitimos novas urbanizações sem equipamentos sociais», revelando que em Chelas, para colmatar as falhas existentes, estão em construção creches e jardins de infância e de que, nos Olivais, vai ser criado o primeiro centro de dia para idosos.

Rossio, Praça da Figueira e Largo do Município

O vereador Vasco Franco, referindo-se ao trabalho desenvolvido na Direcção do Serviço de Obras, apontou o aumento das multas no combate aos clandestinos, acentuando que as demolições vão continuar: «estão previstas duas acções, uma na Avenida Almirante Gago Coutinho, no edifício da EPAC que ocupou os três primeiros pisos que eram para estacionamento, e outro na Rua Sá da Bandeira, junto à Gulbenkian, onde foi construído clandestinamente um andar com uma área de 400 metros quadra-

dos».

Em relação ao parque correctamente edificado mas que se encontra degradado, Vasco Franco acentuou que o Orçamento para 1987 estipula uma verba de 800 mil contos para recuperação, «dos quais 70 mil vão para intervenções no Rossio, Praça da Figueira e Largo do Município».

Para além desta acção, vão ser feitas actuações concentradas nos bairros de Alfama/Mouraria, Bairro Alto e Nossa Senhora de Fátima. E, se no primeiro dos casos, vai ser feita uma intervenção imediata nalguns imóveis cujo estado de degradação não pode esperar pelo arranque do trabalho que está a ser planeado pelos Gabinetes Técnicos Locais, o Bairro Alto vai ser estudado até Setembro, com apoio do movimento local criado em Dezembro para a sua recuperação. Por fim, «na freguesia de Nossa Senhora de Fátima, vão ser feitas 91 intervenções imediatas».

Estudo participado para os Jerónimos

Por seu lado, Pombo Cardoso, do pelouro dos Abastecimentos, referiu-se sucintamente à dinamização dos comerciantes dos mercados, tendo em vista uma gestão participada e «a criação de uma imagem competitiva com os supermercados».

Sobre o polémico caso da «Torre dos Jerónimos», Vasco Franco acentuou «que queremos chegar a conclusões através de um estudo participado sobre o impacto daquela construção», e «se se concluir que, de alguma forma, ela tem efeitos negativos, então não se poderá construir».

Referindo que «até agora não apareceu nenhuma indicação de eventuais prejuízos para a Igreja da Memória», em cuja área de protecção aquela construção se insere, o vereador socialista sublinhou que «esta questão poderá levar a concluir que a área de protecção dos Jerónimos está mal definida, e que terá então de haver uma redefinição destas áreas por parte do Governo».



As bandeiras da Reforma Agrária vão voltar a Lisboa

Trabalhadores da Reforma Agrária vão «marchar para Lisboa»

Os trabalhadores da reforma agrária vão organizar no próximo dia 10 de Março uma «marcha para Lisboa» com o fito de «exigir a paragem total das diversas formas de ofensiva contra a reforma agrária», anunciaram esta manhã o Secretariado das UCP's / Cooperativas Agrícolas e os sindicatos de trabalhadores agrícolas da zona da reforma agrária. A decisão de concretizar esta iniciativa foi tomada por aquelas estruturas no passado dia 6, em Évora, e decorre directamente das «dificuldades surgidas na Assembleia da República em torno da discussão na especialidade dos dois projectos de lei sobre a reforma agrária e também da crescente intensificação das acções do Governo contra as UCP's/Cooperativas».

Numa conferência de imprensa realizada esta manhã em Lisboa, o Secretariado das UCP's e os sindicatos tornaram públicas as conclusões da reunião de Évora, insistindo nas críticas aos «partidos responsáveis» pelos atrasos surgidos na votação na especialidade e na aprovação do texto final da lei que retira competências ao Ministro da Agricultura em matéria de atribuição de reservas, «o que está a permitir a continuação e intensificação das ilegalidades e «reservas» contra a RA». De acordo com o documento distribuído aos jornalistas, aqueles partidos (PS e PRD) devem um esclarecimento aos trabalhadores: «as suas iniciativas legislativas são verdadeiras com a intenção sincera de contribuir para estabilizarem a situação, reporem a legalidade e de as levarem até ao fim ou constituem uma manobra demagógica com fins eleitoralistas?».

A «marcha para Lisboa» - e não «sobre Lisboa», como sublinhou Lino de Carvalho, do secretariado das UCP's - organizar-se-á em três colunas originárias de três grandes zonas da RA e confluirá para Lisboa, numa única coluna composta por milhares de trabalhadores, tractores, camionetas e outros meios de transporte. A coluna chegará à Assembleia da República ao fim do dia e deslocar-se-á sob o lema «não toquem mais na reforma agrária».

A marcha é apresentada pelos seus organizadores como «uma acção de grande envergadura» e como «uma forma superior de luta» e visa antes de mais a «paragem total das diversas formas de ofensiva contra a reforma agrária».

«Com esta marcha queremos também protestar contra o atraso em que se encontra a discussão na especialidade dos projectos de lei sobre a RA já aprovados na generalidade e reclamar a rápida aprovação e promulgação de um texto final que contemple as reivindicações dos trabalhadores e suas organizações e que garanta a suspensão das entregas de reservas, acções de reivindicação de propriedade e outras formas de ofensiva ou, pelo menos, seja um travão sério e eficaz ao seu prosseguimento», afirma o documento.

No encontro com os jornalistas, o secretariado das UCP's e a direcção da CGTP, representada por Alvaro Rana, divulgaram um conjunto de factos que ilustram o prosseguimento da política de Alvaro Barreto após a aprovação pela Assembleia da República dos dois projectos já referidos. Depois dessa data - 6 de Janeiro - o MAPA já procedeu à entrega de 10 reservas, num total de 2 614 hectares, já notificou 15 UCP's/cooperativas da abertura de oito novos processos de reservas e de três despachos finais do ministro; continuam por executar todos os 383 acordãos do Supremo Tribunal Administrativo até ao momento proferidos a favor dos trabalhadores; e foram dadas instruções pelo ministro para que seja acelerada a organização de dezenas de processos de reservas...

Segundo a mesma fonte estão em curso um total de 212 processos de reservas totalizando 66 000 hectares (cerca de 20% da área actualmente ainda na posse da reforma agrária) e não os 20 de que o MAPA falou ao dirigente do PRD Hermínio Martinho.

Na RA existem presentemente 320 UCP's/Cooperativas, com um total de 380 000 hectares e 19 000 trabalhadores (10 000 permanentes e 9 000 eventuais). A RA é responsável por 10% da produção agrícola nacional e ocupa 6% da área agrícola útil do país, afirmou Lino de Carvalho.



Nomeando mãe para a CEE

Beleza olha pelo bem-estar da família

A titular da Saúde e o ministro dos Negócios Estrangeiros nomearam a mãe da primeira para a Comissão Interministerial para as Comunidades Europeias, em representação do Ministério da Saúde.

O despacho no sentido consta da II Série do «Diário da República» de dia 10 do corrente, página 1693. É um despacho conjunto assinado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Pedro Pires de Miranda, e a titular da Saúde, Maria Leonor Couceiro Pizarro Beleza Monteiro Mendonça Tavares.

Nomeada como representante do Ministério da Saúde para a Comissão Interministerial para as Comunidades Europeias, é a licenciada Maria dos Prazeres Lançarote Couceiro da Costa Pizarro Beleza, nem mais nem menos que a mãe da ministra da Saúde, Leonor Beleza.

O despacho conjunto do MNE e do MS tem a data de 27 de Janeiro deste ano, mas só veio publicado no «Diário da República», II Série, em 10 do corrente mês. É feito — o despacho conjunto — nos termos do n.º 3 do art.º 3.º do Decreto-Lei 527/85, de 31 de Dezembro, e da resolução 25/86, de 7 de Março do ano findo.

Um dirigente do Sindicato dos Médicos da Zona Sul disse esta manhã ao «DL», a propósito desta «escandalosa nomeação», tal como a classificou, que assim se vê o que a ministra da Saúde pretendia com a «sua» lei de gestão hospitalar: a de nomear «comissários políticos» para os hospitais.

MINISTÉRIOS DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS E DA SAÚDE

Despacho conjunto. — Nos termos do n.º 3 do art.º 3.º do Dec.-Lei 527/85, de 31-12, e da Resol. 25/86, de 7-3, aprovada em Conselho de Ministros de 20-2-86, é nomeada representante do Ministério da Saúde para a Comissão Interministerial para as Comunidades Europeias a licenciada Maria dos Prazeres Lançarote Couceiro da Costa Pizarro Beleza.

27-1-87. — O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Pedro José Rodrigues Pires de Miranda. — A Ministra da Saúde, Maria Leonor Couceiro Pizarro Beleza de Mendonça Tavares.

De modo a obter apreço do povo

Bispo de Coimbra quer «alma nova para hospital novo»

O bispo de Coimbra, D. João Alves, exortou ontem o pessoal do novo Hospital Escolar de Coimbra a exercer nele uma «medicina global», abrangente da pessoa humana «no seu todo corpóreo e espiritual». Numa homília que proferiu depois de benzer a capela do estabelecimento, o prelado da diocese citou Rilke para dizer que as pessoas «devem poder morrer a

sua própria morte».

O bispo acentuou que, na nova unidade hospitalar, culminam «esforços sem conta de responsáveis, técnicos e operários, bem como avultadíssimo investimento financeiro devido a um povo que não é rico».

Para o prelado, a qualidade de vida dos portugueses depende «menos da introdução de melhorias técnicas, aliás bem necessá-

Ordem apoia os 16 demissionários

COORDENADORA DOS HCL REÚNE-SE COM CHEFES DE TRIAGEM DO «BANCO»

A Comissão Coordenadora dos Hospitais Cívicos de Lisboa reuniu-se esta manhã com os dezasseis chefes de equipa de triagem demissionários do «banco» de S. José, os quais reivindicam a melhoria das condições de atendimento naquela unidade comum de urgências dos HCL.

A reunião desta manhã suscitou alguma expectativa, desconhecendo-se neste momento os seus resultados, concretamente se se poderão vislumbrar algumas medidas que permitam pôr termo a tal situação.

Os chefes das equipas de triagem do «banco» de S. José, isto é, do serviço de «urgências», reivindicam a contratação dos 96 médicos policlínicos que estavam ao serviço das dezasseis equipas (seis por equipa), dispensados na sequência do controverso concurso promovido pelo Ministério da Saúde.

Julga-se, a propósito, que o problema das «urgências», para além da satisfação dessa reivindicação de base, só em parte poderá ser atenuado quando entrarem em funcionamento as anunciadas «urgências» dos Hospitais Egas Moniz e Pulido Valente — admitiu esta manhã uma fonte do Sindicato dos Médicos da Zona Sul.

Como o «DL» ontem noticiou na sua última página, em «Últimas», a Secção Regional do Sul da Ordem dos Médicos e diversos organismos directivos hospitalares apoiam os dezasseis chefes de equipa demissionários do «banco» de S. José, que reivindicam — como é do conhecimento público — a melhoria das condições de atendimento daquela unidade.

A posição de «total apoio» aos demissionários e de denúncia das «deploráveis condições de assistência aos doentes existente em Portugal» foi tomada numa reunião de dirigentes da ordem com os 16 médicos demissionários, e ainda com as direcções médicas, os directores dos serviços de «urgência» e representantes dos Conselhos de Gerência dos Hospitais Cívicos de Lisboa e de Santa Maria.

De acordo com o comunicado

final, as posições tomadas pelos chefes de equipa de S. José — que ameaçaram demitir-se até dia 19 se não forem tomadas medidas para melhorar a situação — e pelos directores de serviço do Hospital de Santa Maria têm fundamentos «eticamente correctos».

Salienta o documento que, «ao denunciarem a falência das estruturas assistenciais hospitalares, agravadas recentemente pela redução dos recursos», os responsáveis médicos pretendem «defender a saúde dos doentes».

Os participantes na reunião atribuíram a responsabilidade da actual situação à «falta de uma política coerente de saúde na qual se deverá incluir prioritariamente a resolução da assistência do ambulatório».

Os responsáveis médicos declinaram toda a responsabilidade «pelos prejuízos que este estado de coisas traz aos doentes e que injustamente têm sido imputados

aos médicos pelo Ministério da Saúde».

Durante a reunião foi referida a existência de um relatório elaborado em 1983 por um grupo de especialistas, incluindo Fernando Pádua e Lino Ferreira (director dos Serviços de Urgência do Hospital de S. José), que aponta as deficiências dos hospitais e propõe medidas para as ultrapassar. Trata-se de um trabalho exaustivo que ficou nas gavetas dos sucessivos ministros e que torna desnecessária a nomeação de mais comissões para estudo da situação.

O «banco» de S. José apenas tem capacidade para atender 400 doentes por dia e para internar 40. Actualmente atende 800 a 1000, ficando muitas vezes os internados «deitados onde calha», porque, às vezes, nem sequer há macas ou cadeiras para eles.

A situação poderia resolver-se com a reactivação dos Serviços de Atendimento Permanente (SAP) que se encontram asfixiados por alegadas razões de poupança e cuja tarefa seria proceder à triagem e tratamento dos casos de pequena urgência que actualmente sobrecarregam os «bancos» dos hospitais, por constituírem o único recurso dos doentes.



Médicos querem hospitais a trabalhar a tempo inteiro

A contratação dos policlínicos dispensados pelo despacho da ministra da Saúde e a institucionalização de um novo leque salarial para a classe, uma «grelha» que não se subordine às letras da Função Pública, são duas das condições que o Sindicato dos Médicos da Zona Sul coloca, para que os Hospitais Centrais funcionem normalmente de manhã e à tarde e não se verifiquem casos como os que Leonor Beleza em tempos apontou, isto é, que a assistência médica seja reduzida depois do almoço.

Uma nova «grelha» salarial fora das letras da Função Pública apontando para a profissionalização e deixada ao critério dos médicos como opção voluntária (que nesse caso dispensariam o regime convencionado que muitos deles exercem e que custa caro ao Estado e ao povo português), é uma solução encarada muito a sério pela classe.

De resto, e para além de exigir naturalmente a introdução de fases nessa «grelha», o Sindicato apresentou já uma proposta salarial concreta, segundo a quem os médicos passariam a vencer entre 70 mil escudos (os policlínicos) e os 210 contos — o vencimento dos chefes de serviço. Um dirigente sindical explicou ao «DL» a razão deste explicitado: semelhante à dos magistrados e à da carreira docente.

Os membros da Zona Sul reuniram-se ontem em plenário no Hospital da Estefânia e manifestaram o seu apoio a uma proposta elaborada pelo deputado (médico) Dias Carvalho do PRD, a qual prevê a contratação dos policlínicos, com todas as regalias de que dispunham antes do seu «despedimento» pela ministra da Saúde. Foi decidido na reunião que tente sensibilizar os restantes Grupos Parlamentares para a importância dessa iniciativa legislativa, uma vez que o desemprego médico é uma das razões — e talvez a principal — por que o sector funciona mal.

A direcção do Sindicato Médico do Sul denunciou, por outro lado, o facto de se assistir à «ruptura generalizada» nos serviços de urgência dos vários hospitais centrais. Segundo Mário Jore, vice-presidente do Sindicato, uma das condições «indispensáveis» para a solução deste problema é a contratação imediata de policlínicos, recentemente desvinculados do serviço hospitalar.

Contra o parecer da Comissão de Trabalhadores

PRIMEIROS GESTORES POLÍTICOS DA EDP PARA "MINAR A EMPRESA POR DENTRO"

JOÃO ALMEIDA

Pela primeira vez, na atribulada vida da segunda maior empresa portuguesa, vai ser nomeado um Conselho de Gerência marcadamente político para a EDP. Até aqui, os gestores da Electricidade de Portugal, ainda que distribuídos por rateio entre os partidos conjunturalmente no poder, como é prática assente e praxe que já não surpreende ninguém, eram por regra recrutados na empresa e tendo atrás de si uma vida profissional na EDP ou no sector eléctrico.

Isso está em vias de acabar, contra o parecer negativo da Comissão de Trabalhadores, formalmente consultada pelo Governo, para cumprir uma exigência legal, mas que não deverá ser tido em conta.

«Vai acabar a autogestão na EDP»-foi a razão última informalmente comunicada pelo Governo para justificar esta nomeação eminentemente política e contraditória dos princípios de eficácia e competência que o Governo de Cavaco Silva garante ter elegido como padrão do seu comportamento na gestão das empresas do sector público.

Os trabalhadores, que dizem haver na EDP gente competente da área política do Governo para gerir a empresa, interpretam esta ordem para acabar com o que em meios governamentais se apelida de «autogestão» como caminho livre para, finalmente, desmembrarem a empresa, como tem sido intenção expressa do Governo. Para isso era necessário um Conselho de Gerência político e obediente, o que vai ser feito, de modo a entregar à iniciativa privada os sectores rentáveis, «limpos» à custa de elevados financiamentos públicos, e prontos a dar lucro a quem os receber como presente governamental.

Mais do que a incompetência denunciada pela Comissão de Trabalhadores, e que os curricula dos nomeados não avaliza totalmente, o que resalta neste processo é a componente política dos novos gestores e o seu desenraizamento relativamente à EDP.

«Valha-nos Deus...»

«Pretende-se minar a EDP por dentro», fazendo o que antes era feito por fora, denuncia Lúcio Fidalgo, o gestor eleito pelos trabalhadores para aquela empresa e que nunca tomou posse, a propósito da indigitação destes gestores políticos.

Segundo os trabalhadores, os membros indigitados, José Manuel Castro Rocha (vice presidente), José Filipe Mendonça Athayde de Carvalho, Carlos António Rocha Moreira da Silva, João Manuel de Castro Plácido Pires e Joaquim Serrão da Silva

Correia «desconhecem por completo o sector eléctrico».

Da parte da Comissão de Trabalhadores, contactada pelo «DL», José Miranda contou que, à excepção de Castro Rocha (a seu olhos «um homem apetrechado») e de dois gerentes do antigo conselho que se mantêm, os outros não se encontram à altura das responsabilidades que a empresa desempenha na economia nacional.

«Os outros, valha-nos Deus...», foi o comentário daquele trabalhador. «Alguns são jovens com trinta e poucos anos» e de acordo com os curricula apresentados, atingiram a patente de «tenentes milicianos, foram condecorados ou são dirigentes da Associação Nacional de Pais».

Quanto à competência e atributos para a gestão da empresa produtora e distribuidora de energia, os trabalhadores afirmam que os novos gestores possuem cursos superiores, alguns mestres em pós-graduações ou a frequência de «cursos de informática ou de gestão com trinta ou quarenta horas».

Vistos com pormenor, os curricula a que o «DL» teve acesso, não foram encontrados os «atributos sociais» indicados pelos trabalhadores, mas confirma-se nada terem a ver com o sector onde a EDP se insere.

Um dos membros indigitados, com 51 anos, para além de experiência de grupos de trabalho nas Refinarias de Lisboa e Porto onde actualmente é responsável pela Direcção de Gestão Administrativa da Petrol, cumpre funções de deputado na Assembleia da República pelo PSD.

Outro, com pós-graduações em Inglaterra, tem um longo rol de investigações e obras publicadas e apenas 35 anos. Um terceiro é Inspector-Geral das Finanças e «consultor de empresas no domínio da organização e dos sistemas», acumulando funções de assistente no Instituto Superior de Economia. Dos cinco indigitados, três são engenheiros, dois mecânicos e outro electrotécnico, sendo os restantes formados em Economia.

Contudo, pela mesma ordem de ideias, Castro Rocha

deveria ser incluído no grupo dos «chumbados», pois é apenas membro desde 1976 de conselhos de gestão de bancos nacionais e estrangeiros, muito embora os trabalhadores não o critiquem por isso.

Ninguém quer ir

Torna-se, no entanto, estranha a indigitação de semelhantes sumidades quando, segundo os trabalhadores, existem «elementos na área do Governo ou do PSD com grande categoria». A confirmar esta tese, fontes na EDP adiantam que algumas pessoas do partido do Governo, com provas, posição e princípios «foram convidados para fazer parte do conselho de gerência, mas não terão aceitado».

Na opinião dos trabalhadores, as medidas de saneamento da empresa, nomeadamente da situação financeira, «não implicariam forçosamente a substituição do Conselho de Gerência».

A exoneração de membros do anterior conselho de gerência é, segundo afirmam, «indício lógico e coerente de que os novos gestores vêm com o objectivo em comendação de alterar a estrutura da empresa», como diz a comissão de trabalhadores, sem «o alibi da competência».

Desmembramento com entrega de «rede novinha»?

Segundo a comissão de trabalhadores, tudo isto se passa quando se pretende que «as partes de lucro imediato sejam entregues ao capital privado», nomeadamente a parte da distribuição de energia, pois é aquela que não requer grandes investimentos, dado que foi até à altura toda remodelada, só faltando electrificar as localidades com menos de 50 habitantes.

«Querem ficar com uma rede novinha durante quinze anos em que é só comprar por dez e vender por vinte», diz José Miranda, coisa que não acontece com a produção e transporte onde são necessárias pesadas manutenções.

No entanto, nada de concreto se sabe. Na EDP, correm só boatos e «bocas» sobre a reestruturação da empresa. E quem devia saber, recusa-se a falar.

Em Junho do ano passado, por despacho conjunto do Ministério das Finanças, do Plano e da Indústria e Energia, é composta uma comissão com a incumbência de apresentar no prazo de 60 dias um «programa calendarizado de acções a desenvolver visando o processo de regionalização da EDP», além de outros estudos de avaliação económica, financeira e empresarial dessa reestruturação.

A regionalização da estrutura da empresa era justificada

como revelando «consideráveis desajustamentos de implantação», «grande peso na estrutura económica do país», o que criaria dificuldades de relacionamento com os utentes e implicaria um «reequacionamento da filosofia global da produção, transporte e distribuição».

Ora, segundo o porta-voz do ministério, também ouvido pelo «DL», até hoje foi unicamente apresentado um plano muito geral, com linhas de acções.

«O despacho pode dizer-se que não foi ainda cumprido», adianta o sub-director geral da Energia, dizendo que «não sabia o que era público ou não», passando a questão para o seu superior hierárquico. O director-geral, Correia Leitão, recusou-se a falar, argumentando não ter autorização para o fazer. Contudo, sabe-se que brevemente haverá nova reunião da comissão.

No grupo parlamentar do PSD, o deputado Arlindo Moreira com quem os trabalhadores da EDP já haviam tido contactos anteriores sobre esta questão, comentou para o «DL» haver várias opiniões sobre o assunto.

Contra a opinião dos trabalhadores, «há muitas pessoas na EDP que entendem que a reestruturação terá resultados mais positivos», acrescentando que será irreversível. Contudo, desconhece qualquer documento e só sabe do problema por colóquios e encontros diversos, desconhecendo «quais os critérios e a forma por que passará» a tal reestruturação.

«Estamos com o secretário de Estado», disse sem qualquer problema, adiantando que a situação tem de ser resolvida urgentemente.

Em anexo ao parecer, a Comissão de Trabalhadores propõe medidas imediatas para correcção da gestão, propícias a baixar a tarifa eléctrica em cerca de um quinto. Os valores actuais, em seu entender, estão calculados para ser o consumidor a pagar os desequilíbrios financeiros.

Entre as diversas propostas, avança-se que se proceda «à recuperação das dívidas das autarquias e empresas públicas» num prazo máximo de cinco anos, mas evitando o corte ao financiamento das autarquias, a revisão do enquadramento legal do Fundo de Apoio Técnico, operações de crédito externo com indemnização dos encargos sobre as diferenças cambiais e ainda a atribuição da «taxa nula» de IVA sobre o consumo de electricidade e gás, reduzindo-a dos 8 por cento que hoje se paga.

Além das críticas aos novos gerentes, o documento

acusa ainda o Governo de violar a Lei nº46/79, «quando não permite a tomada de posse do gestor eleito pelos trabalhadores».

Governos actuam na ilegalidade?

Esta lei, que regulamenta as atribuições e possibilidades de participação e controlo da parte dos trabalhadores, estipula no seu artigo 31º que, no Sector Empresarial do Estado, «os trabalhadores têm o direito de eleger, pelo menos, um representante para o respectivo órgão de gestão», no âmbito do direito ao exercício de controle de gestão.

Segundo a comissão de trabalhadores da EDP, desde a entrada em vigor da lei, nenhum membro dos trabalhadores tomou posse, nunca lhes sendo dado «qualquer tipo de justificação» para o facto. Os gestores eleitos nas várias empresas públicas formaram uma comissão que foi várias vezes recebida «por assessores, mas nunca pelos ministros» e que, nas suas palavras, «de cada vez que lá vamos, parece que o assunto lhes é virgem».

Instado o Ministério da Indústria, o seu porta-voz disse que tal acontece porque «essa lei tem um âmbito completa-

mente distinto da da lei de Base das Empresas Públicas» que diz serem os membros do conselho de gerência das empresas do sector empresarial do Estado nomeados pelo Conselho de Ministros, depois de propostos pelo ministro da tutela e ouvidos os trabalhadores.

Dá que, segundo o Ministério, não seja pacífica nem linear a nomeação dos gestores eleitos pelos trabalhadores, pois, conforme opiniões de um jurista, ainda não se encontra regulamentada a sua participação nos órgãos de gestão, bem como quem os demite e quais as áreas vedadas ao seu controlo. Contudo, encontra-se em vigor a lei que rege os direitos dos trabalhadores, inclusivamente na parte respeitante aos gestores eleitos.

No mesmo sentido vai a afirmação de outro jurista. Na sua opinião, a regulamentação da nomeação daqueles gestores «não é indispensável», se bem que «seja desejável uma explicitação e drenagem dos bloqueios» até agora surgidos.

Deste modo se conclui terem actuado os governos desde 1979 na «completa ilegalidade», ao recusarem-se a nomear os gestores da parte dos trabalhadores.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	55\$40	61\$40
ALEMANHA FED. (marco)	76\$65	77\$85
ÁUSTRIA (xelim)	10\$90	11\$10
BÉLGICA (franco)	35\$00	35\$70
BRASIL (cruzado)	35\$00	63\$00
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104\$00	106\$50
(notas de 5 a 1000)	104\$50	107\$00
DINAMARCA (coroa)	20\$30	20\$70
ESPAÑA (peseta)	150\$7	151\$67
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	139\$45	142\$95
(notas de 5 a 1000)	139\$95	143\$45
FINLÂNDIA (marka)	30\$65	31\$25
FRANÇA (franco)	23\$00	23\$70
HOLANDA (florim)	67\$95	69\$05
IRLÂNDIA (libra)	204\$90	208\$90
ITÁLIA (lira)	\$098	\$113
JAPÃO (iene)	\$863	\$918
NORUEGA (coroa)	19\$90	20\$40
REINO UNIDO (libra)	213\$05	217\$55
SUÉCIA (coroa)	21\$40	21\$90
SUÍÇA (franco)	90\$65	92\$15
VENEZUELA (bolívar)	55\$15	65\$15

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



O presidente Ronald Reagan foi ontem ouvido, pela segunda vez, pela Comissão Tower sobre a venda secreta de armas ao Irão. Reagan nomeou esta comissão no fim do ano passado para analisar as actividades do Conselho Nacional de Segurança, órgão da Casa Branca, cujos membros estiveram alegadamente envolvidos na venda secreta de armas ao Irão e no desvio de fundos para os «contras».

Irão estuda amnistia para espões

O Supremo Conselho Judicial iraniano está a considerar a hipótese de conceder uma amnistia para os «espões» no Irão, noticiou ontem a agência IRNA de Teerão. Entretanto, o presidente do Parlamento iraniano, Ali Akbar Rafsanjani, afirmou que John Roger Cooper, um britânico detido no Irão há mais de um ano sob acusações de espionagem, está disposto a «pedir desculpas» às autoridades de Teerão.

A agência IRNA informou que a amnistia deverá ser declarada para coincidir com o oitavo aniversário da revolução islâmica que derrubou o Xá Reza Pahlavi. As autoridades iranianas libertaram, no domingo passado, um engenheiro canadiano, Philip Eng, que partiu para Frankfurt na terça-feira. No princípio deste mês, o jornalista Gerald Seib, do «Wall Street Journal» foi detido durante quatro dias pelas autoridades iranianas, mas foi posteriormente libertado. Dois norte-americanos continuam detidos no Irão. John Pattis, 50 anos, engenheiro, detido em 16 de Junho. O Departamento de Estado em Washington não divulgou informações sobre o segundo norte-americano detido.

IS reúne-se com sandinistas

Dirigentes europeus da Internacional Socialista reúnem-se em Madrid hoje e sexta-feira com representantes da Frente Sandinista para analisar a situação na América Central e Nicarágua. Na reunião, presidida por Hans Jürgen Wischniewski, presidente da Comissão Permanente da IS para a América Latina, participam representantes dos Partidos Socialistas francês e espanhol e dos Partidos Social-Democrata da Alemanha Federal e Suécia e uma delegação de alto nível da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FLSN), dirigida pelo comandante Bayardo Arce.

Durante o encontro serão discutidos os seguintes temas: situação na América Central, situação interna da Nicarágua, iniciativa de paz do Grupo de Contadora e relações entre os partidos participantes. Segundo fontes do PSOE, a IS está preocupada com a evolução da situação na América Central e com as pressões exercidas pelo enviado especial da Casa Branca, Philip Habib, sobre os governos europeus antes da reunião na Guatemala, para convencer a Comunidade Europeia a apoiar a política de Washington em relação à Nicarágua.

As mesmas fontes adiantaram que a Internacional Socialista «não quer interferir nos assuntos internos da Nicarágua», mas «veria com agrado esforços do governo nicaraguense para a obtenção do diálogo com todas as forças da oposição».

Canais de televisão à venda

A Comissão Francesa de Comunicação e Liberdades deu terça-feira por concluído o prazo para apresentação de candidaturas à compra dos canais de televisão privada números 5 e 6. Os dois canais haviam sido concedidos no ano passado pelo governo socialista a grupos escolhidos pelo executivo, mas a decisão foi anulada pelo actual gabinete conservador, que abriu candidaturas para a compra dos canais.

Existem dois grupos principais candidatos à compra do canal 5. O primeiro é constituído pelos actuais proprietários do canal, os industriais Seydoux e Berlusconi, em associação com o magnata da imprensa francesa Robert Hersant. A candidatura de Hersant, considerado como «porta-voz» da direita francesa, provocou protestos nos meios jornalísticos de esquerda.

O segundo grupo candidato é o «Occidentale Media», constituído por outro grande proprietário de publicações, Jimmy Goldsmith, presidente do «L Express».

O Bispo de Londres advertiu ontem que estava preparado para liderar um movimento de oposição no seio da Igreja de Inglaterra se as mulheres tivessem acesso ao sacerdócio. O reverendo Graham Leonard apelou aos opositores do sacerdócio feminino para que preparem um plano destinado a um cisão histórica no seio da Igreja. Leonard salientou em comunicado aberto aos bispos, clérigos, decanos e laicos que, uma vez iniciada a ordenação das mulheres, «aqueles que não puderem continuar em comunhão com a catedral de Cantuária teriam de encontrar outros caminhos». A Igreja anglicana reivindica há mais de 20 anos o acesso das mulheres ao sacerdócio e aguarda-se uma decisão final na década de 90.



Uma manifestação em Teerão assinalou ontem o 8º aniversário da revolução islâmica, ao mesmo tempo que fontes militares iranianas aéreo contra a cidade curda de Arbil, no norte do Iraque, que cerca de 500 pessoas. Por seu lado, o Iraque anunciou que ontem Teerão e outras cidades iranianas.

Enquanto xiitas cercam campos palestinos no Líbano

ISRAEL LANÇA ATAQUE AÉREO E PROVOCA DOIS MORTOS E CINCO FERIDOS

Aviões de combate israelitas atacaram hoje posições palestinas perto de Sídón, no Sul do Líbano, causando pelo menos dois mortos e cinco feridos, informou a Polícia libanesa. Este ataque, o quinto levado a efeito por Israel no corrente ano a território libanês, surge num momento em que os palestinos estão sitiados nos seus acampamentos por muçulmanos xiitas, que pretendem recuperar todas as posições que lhes foram conquistadas na aldeia de Maghdoushen, perto do porto de Sídón.

Esta luta tornou-se, nos últimos dias, o símbolo mais dramático da vida do Líbano, com centenas de refugiados à beira de morrer de fome. Ontem, no acampamento de Bourj Al-Barajneh, onde a situação é mais aflitiva, uma palestina imolou-se pelo fogo e aos seus quatro filhos, prestes

a morrer de inanição, segundo fontes palestinas na capital libanesa. A população nesse acampamento já se alimenta de ratos e já chegou a pôr a hipótese de ir comendo os que vão morrendo, para poder sobreviver.

A luta de hoje começou depois de a milícia Amal ter im-

pedido camiões cheios de apoio alimentar de emergência de entrar no acampamento sitiado.

No ataque israelita, que durou 15 minutos e cujas vítimas são civis (à excepção de dois guerrilheiros feridos), seis aviões dispararam pelo menos oito mísseis.

Em Telavive, um porta-voz militar afirmou que os aviões de combate atingiram posições da guerrilha palestina perto do campo de refugiados de Miyen-Miyen, alegadamente utilizados para lançar ataques contra Israel. Acrescentou que todos os aviões regressaram em segurança.

Os guerrilheiros palestinos e milícias responderam com disparos anti-aéreos ao ataque.

Entretanto o Presidente François Mitterrand, pediu ao

Governo francês para intervir, por motivos humanitários e «sem demora», em defesa dos refugiados palestinos sitiados no Líbano. Também a Comissão Europeia anunciou em Bruxelas que se encontra a estudar uma ajuda às populações «deslocadas no Sul do Líbano».

O líder da OLP, Yasser Arafat, por seu turno, exortou a ONU a proteger os palestinos cercados no Líbano ou a fornecer meios para que a sua organização o possa fazer.

Também hoje, um conselheiro do Presidente libanês, Amin Gemayel foi raptado por nove atiradores, em Beirute Ocidental - noticiou a rádio «Voz do Líbano».

O refém, Jean Obeid, que foi levado para destino desconhecido, tinha acabado de sair de uma reunião com o presidente

Imprensa soviética ignora libertação de dissidentes

Os jornais e a televisão soviética ignoraram ontem a libertação de 140 dissidentes, a maior e mais significativa libertação de prisioneiros políticos desde a década de 50 no país. Com efeito, os meios de comunicação soviéticos não se referiram ao anúncio feito terça-feira pelo porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Gennady Gerasimov, de que 140 dissidentes tinham sido libertados e que o Kremlin estava agora a rever outros 140 casos.

No entanto, o jornal «Pravda» dedicava na sua edição de ontem um longo artigo aos direitos humanos, afirmando que a URSS está a preparar-se para um amplo debate sobre esta questão. O órgão oficial do PCUS co-

mentava o que considerou ser a incapacidade dos países ocidentais para responder de maneira positiva à sugestão de Moscovo, feita o ano passado, para uma reunião sobre as questões humanitárias na capital soviética.

Apesar deste comentário, o Pravda não se referiu ao anúncio feito na véspera pelo Kremlin e que incide precisamente sobre a questão dos direitos humanos.

Entrevistado pela BBC, Gennady Gerasimov disse não prever que muitos mais casos de dissidentes sejam revistos na sequência das medidas anunciadas na terça-feira. «Agora temos 140 fora da prisão e aproximadamente o mesmo número está a ser estudado. E isto é praticamente o fim, não penso que

teremos muito mais», frisou.

Questionado se pretendia com isso afirmar que existiam apenas 280 presos políticos na URSS, Gerasimov respondeu: «não estou a dizer que temos presos políticos. Não prendemos pessoas pelas suas opiniões, mas pelas suas acções».

Significativamente, as autoridades de Kiev interromperam ontem uma manifestação de judeus soviéticos que pretendem emigrar para Israel. Um funcionário adiantou que o protesto foi proibido porque a Constituição soviética autoriza apenas a realização de manifestações que sejam do interesse do povo ou do Estado.



Andrei Sakharov e a sua mulher E. chegada a Moscovo. A libertação de dissidentes foi o primeiro sinal de q URSS no que respeita aos presos

ROBERT GATES:

Um profissional respeitado

Bernard Guetta/Le Monde - DI

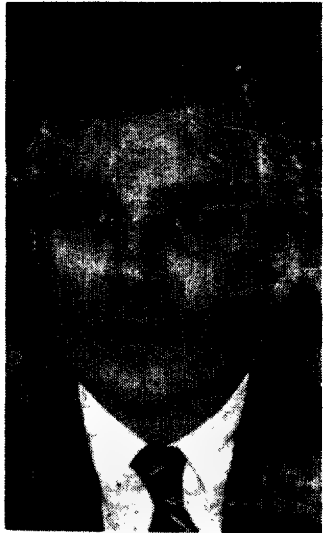
Magro e de traços ainda juvenis, o novo director da Central Intelligence Agency (CIA) conserva aos quarenta e três anos o aspecto de um estudante sério, que se ajusta mal ao velho «rato» da informação, que ele é de facto.

Ingressado na CIA numa época (1966) em que a agência não era de modo algum popular a todos os níveis, Robert Gates era já, desde a Primavera passada, director adjunto. E por aí ficaria se o cancro não atacasse o cérebro do seu predecessor, William Casey. Mas as circunstâncias que favoreceram a sua promoção há menos de um ano também contribuíram agora para a sua escolha.

Especialista de história soviética (dominando tão bem o russo como o inglês) e membro da mais poderosa associação de peritos em controlo de armamentos, Gates foi nomeadamente encarregado pela sua agência de acompanhar no todo o dossier soviético, tomando sobre si a supervisão do departamento de análise dos dados por ele recolhidos. Ele é nesse sentido um técnico de indiscutível competência.

O homem da situação

Este diplomado, estranho ao mundo da acção, é ao mesmo tempo um apologista declarado das operações clandestinas que o seu predecessor havia privilegiado e que ele considera como «um instrumento apropriado de política estrangeira, tanto mais quando elas são decididas num contexto mais amplo».



Gates, além disso, trabalhou no Conselho Nacional de Segurança de 1974 a 1980, ou seja sob as ordens de três presidentes diferentes, Richard Nixon, Gerald Ford e Jimmy Carter. Deste parêntesis na Casa Branca, ele guardou um certo perfume «bipartidarista» tanto mais pronunciado se se levar em linha de conta que foi um chefe de gabinete muito apreciado por Brezinski, o conselheiro de Carter para os assuntos de Segurança Nacional.

Bem visto pelos republicanos e sobretudo pelos mais conservadores de entre eles, bem visto também pelos democratas e respeitado por todos. Gates foi portanto o homem da situação, também em Março último quando substituiu o anterior director-adjunto, John McMahon, que desaprovo o novo activismo da CIA.

Robert Hunter, um velho conselheiro de política estrangeira de Mondale (o candidato democrata nas eleições presidenciais de 1984) vê no novo patrão do serviço de informações americano um homem «que coloca a política depois do trabalho» e que o Senado confirmou sem dificuldade. Os «ultras» do reaganismo, se não estão muito satisfeitos, há claramente uma razão e o paralelo impõe-se, deste ponto de vista, pelo que se passou antes do Natal com o Conselho Nacional de Segurança.

Profundamente implicado no «Irangate» e nos devios de fundos em favor dos «contras», o almirante Poindexter foi substituído por um homem de perfil semelhante, Carlucci, diplomata de carreira, alto funcionário no tempo de Richard Nixon, director adjunto da CIA sob Jimmy Carter e número dois do Pentágono durante o primeiro mandato de Reagan.

A crise e a chegada de uma maioria democrata ao Senado impulsionaram assim a entrada em cena de profissionais, ponderados na acção e de mil militantes da revolução conservadora que a eleição de Reagan tinha, em 1981, colocado nos comandos do Estado federal.

Botha não quer receber Shultz

O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof «Pik» Botha, declarou ontem que se oporia a uma visita do secretário de Estado norte-americano de Estado, George Shultz, que se destinasse a debater novas sanções a Pretória. Botha afirmou à Televisão que não estaria disposto a receber Shultz se ele desejasse debater o relatório elaborado por uma comissão oficial norte-americana e que pede ao governo de Reagan para defender junto dos seus aliados a aplicação de sanções à África do Sul.

O trabalho em questão, que aliás foi já recusado por Shultz, recomenda a dado passo que o secretário de Estado visite Pretória e debata com as respectivas autoridades o problema do apartheid.

Entretanto, o Instituto de Relações Raciais divulgou um balanço destes dois últimos anos na África do Sul e que indica que pelo menos 2.323 pessoas foram mortas desde Setembro de 1984 em confrontos violentos. O Instituto declara que 400 pessoas foram mortas directamente pelas forças de segurança.

24 HORAS

Ajuda secreta aos «contras»

Investigadores do Congresso dos EUA apuraram que os «contras» receberam 10,5 milhões de dólares em ajuda encoberta, dos quais apenas dois milhões provinham das vendas clandestinas de armas ao Irão, revela o «Washington Post». Segundo este jornal, que cita fontes da comissão especial de inquérito do Congresso, 8,5 milhões de dólares utilizados na operação clandestina de ajuda aos grupos anticomunistas supostamente organizada pelo coronel Oliver North, ex-funcionário do Conselho de Segurança da Casa Branca, foram retirados de um fundo de 15 milhões de dólares oferecidos pelo magnata saudita Adnan Khashoggi em Maio de 1986.

Guerra das estrelas

A Primeiro-Ministro britânica, Margaret Thatcher, e o seu homólogo italiano, Bettino Craxi, apelaram aos Estados Unidos para prosseguir as consultas com os seus aliados sobre a iniciativa norte-americana de defesa estratégica (IDE), também conhecida por «Guerra das Estrelas». Os dois líderes ocidentais fizeram o apelo durante uma conferência de imprensa, três dias depois do secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, ter afirmado que os EUA podem estar prontos dentro de seis anos para instalar o seu sistema de defesa baseado no espaço.

Jornalistas ameaçados

Os jornalistas estrangeiros que procurem obter segredos de Estado ou penetrar nas universidades para contactar estudantes ou professores serão expulsos da China, avisou um funcionário do Ministério chinês dos Negócios Estrangeiros. O aviso está relacionado com a detenção, e posterior expulsão, em Janeiro passado, do jornalista norte-americano Lawrence Macdonald, um colaborador da agência francesa «France Press», acusado de actividades «incompatíveis com o estatuto» de correspondente estrangeiro.

Redução de armamentos

A França convidou os países do Pacto de Varsóvia a associarem-se aos preparativos de uma nova conferência sobre a redução dos armamentos convencionais na Europa, informaram fontes diplomáticas ocidentais em Viena. Os representantes dos países da Europa de Leste e dos membros da NATO foram convidados para um almoço na próxima terça-feira, na sede da Embaixada de França na capital austríaca, revelaram as mesmas fontes.

Ajuda a países africanos

O quotidiano «The New York Times» alerta para a «nova vaga de sofrimento que já se abate sobre a África», sobretudo Angola e Moçambique, e apela para a ajuda material e diplomática dos Estados Unidos. O jornal comenta, em editorial, que desta vez a tragédia ameaça «o terço meridional do continente» e acrescenta: «Aqui, em Angola e Moçambique, registam-se as taxas de mortalidade infantil mais altas do mundo».

Governo de Cabul pede apoio das Nações Unidas

O governo afegão pediu ontem apoio às Nações Unidas depois de guerrilheiros muçulmanos terem abatido segunda-feira um avião soviético. A rádio de Cabul, captada em Islamabad, Paquistão, disse que o ministro afegão dos Negócios Estrangeiros, Abdul Wakil, enviou uma mensagem ao secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, apelando a este organismo internacional no sentido de impedir mais ataques.

A mensagem acusava indirectamente os Estados Unidos e outros países ocidentais de serem responsáveis pelo ataque. O avião foi abatido segunda-feira quando descolava da base aérea militar de Khot, no Afeganistão Oriental. Yunis Khalis, um dos sete mais importantes grupos de guerrilha, indicou que as suas forças abateram o avião com um míssil. O grupo acrescentou que morreram 43 militares afegãos em consequência do avião ter explodido depois de ter levantado voo.

No entanto, funcionários do governo afegão continuam a afirmar que o aparelho era um avião civil em voo de rotina e que morreram 36 pessoas, incluindo mulheres e crianças.

Entretanto, Diego Cordovez, mediano da ONU para o conflito afegão, encontra-se em Moscovo, onde conferenciou com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, tendo ambos concordado que se têm registado progressos para a paz no Afeganistão, afirma a TASS.

A visita de Cordovez à URSS seguiu-se a conversações entre Shevardnadze e o seu homólogo paquistanês e a outros contactos diplomáticos que tiveram como tema o conflito afegão e a retirada das tropas soviéticas do país.

o 8º aniversário da revolução anas anunciavam um ataque que destruiu um radar e matou a que os seus aviões atacaram

do Parlamento, Hussein Husseini, num hotel de Beirute Ocidental, quando os desconhecidos interceptaram o seu automóvel.

Ontem, o secretário norte-americano de Estado, George Shultz, reafirmou que os EUA não querem nenhum acordo de Israel nem de ninguém mais para libertar os reféns estrangeiros sequestrados no Líbano. Shultz considerou que quaisquer negociações encorajariam os raptos a sequestrar mais reféns.

No entanto, fontes políticas em Beirute revelaram que Israel está a negociar indirectamente com as milícias libanesas uma troca de prisioneiros por reféns. Os mesmos informadores disseram ainda que essas negociações poderão durar várias semanas, por serem conduzidas através de um intermediário.



er Elena um dia depois da sua ação do decano do movimento de que algo estava a mudar na política

TEATRO VASCO SANTANA

Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA

VEJA TEATRO ÀS 19 H
— A PREÇOS REDUZIDOS —

NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
A PARTIR DO DIA 17.2.87 6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h

SYLVIA PLATH - Quem a matou?

de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE

INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *
MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

Europeu de "Esperanças": Portugal, 1-Itália, 2

E TUDO O VENTO VAI LEVANDO

Para o futuro rezará a crónica do modo seguinte: Um golo de Rui Barros a escassos segundos do fim, não chegou para evitar a derrota (2-1) de Portugal frente à Itália, em encontro da fase de qualificação para o "Europeu" de "Esperanças" em futebol, desenrolado em Alvalade.

O técnico Paolo Maldini (filho do técnico transalpino), abriu o activo para os italianos, aos 50 minutos, tendo Franco Lerda elevado para 2-0 (aos 70), antes de Rui Barros obter o tento de honra dos portugueses.

Com este desaire, a turma das quinas (orientada por António Oliveira), passou a ocupar a 3.ª posição do Grupo 2, com dois pontos em três jogos, enquanto a Itália ficou classificada, com três pontos em dois jogos. A Suíça continua a liderar o Grupo (quatro pontos em quatro jogos), estando a Suécia no último lugar, com um ponto em dois encontros.

A Itália, com defesa coesa e segura e com um meio-campo muito forte, controlou as operações, sobretudo no tempo complementar, com Galderisi e Lerda a serem os elementos mais destacados na linha avançada.

Lerda (um autêntico «quebracabeças» para a defensiva portuguesa), poderia ter inaugurado o marcador logo aos 8 minutos quando, de cabeça, falhou o golo fácil, depois de um falhanço do guarda-redes Lopes.

Os pupilos de António Oliveira reagiram: e Fernando Mendes (aos 10 minutos) esteve à beira de surpreender o guarda-redes Loricelli num remate traiçoeiro ao ângulo esquerdo. Contudo, até ao intervalo, o encontro pauteou-se pela fraca agressividade dos portugueses e pelo excessivo afunilamento de jogo a meio campo, tendo os transalpinos construído as melhores ocasiões, através de Lerda e Galderisi (aos 35 e 36 minutos).

No período complementar, a formação lusa voltou a exibir falta de soluções ofensivas para romper a cortina defensiva italiana, na qual pontificaram Ferrara e Maldini, este último filho do técnico italiano Cesare Maldini.

O jovem Maldini viria a justificar a inclusão na equipa, ao fazer o 1-0 para a Itália, num bom golpe de cabeça à boca da baliza e depois de cruzamento de Lerda do lado esquerdo. Na res-

posta, Pacheco (inconformado com o resultado) forçou o guarda-redes Loricelli a uma defesa difícil, mas seriam os italianos a elevar o «placard» quando Lerda, após uma fífta de Barny, ultrapassou Carvalho em corrida e disparou sem hipóteses para Lopes.

O mesmo dianteiro poderia ter bisado volvidos 10 minutos quando, com Lopes fora da área, atirou de longe, falhando o alvo por um triz. Portugal, com um futebol desgarrado e sem ambição, poderia ter sofrido mais golos: mas, já perto do final, Rui Barros conseguiu reduzir para 2-1, ao culminar da melhor forma uma infiltração rápida de Júlio Sérgio na área adversária.

Maldini, Galderisi, Ferrara, Cuchi e Lerda rubricaram as melhores actuações individuais pela Itália. Do nosso lado, Pacheco e Fernando Mendes, Júlio Sérgio e Rui Barros foram os jogadores mais lutas em espectáculo (pobre) optimamente arbitrado.

Sob chuva copiosa e fustigada por grande ventania, cerca de mil «valentes» tiveram coragem para estar em Alvalade e verem a óptima arbitragem do belga Jean-François Cucke, que dirigiu as seguintes equipas:

Portugal: Lopes; Mota (Marito 74), Barny, Carvalho e Fernando Mendes; Mito (João Paulo 64) Parente, Pacheco, Júlio Sérgio e Skoda; Rui Barros.

Itália: Loricelli; Ferrara, Maldini, Zanoncelli (Pioli 71) e Benedetti; Lucci, Berti, Onorati (Cuchi 77) e Galderisi; Notaristefano e Lerda.

Cartão amarelo para Zanoncelli (23) e Júlio Sérgio (65).

Opiniões

O técnico italiano Cesare Maldini afirmou estar «duplamente feliz pelo facto de a Itália ter ganho a Portugal e por um dos golos ter sido obtido pelo filho». (Paolo Maldini). O treinador do conjunto transalpino referiu que o avançado Lerda



Mota afasta a bola de Ferrara



Bailarico com pouca arte total

e o médio Cuchi foram os elementos mais importantes na manobra táctica da sua equipa, acrescentando que a vitória abre boas perspectivas ao êxito da Itália no grupo 2 de qualificação para o europeu de «esperanças».

«Este triunfo foi muito importante para nós: mas, precisamos de criar mais ritmo a jogar», disse Cesare Maldini, sublinhando que a maioria dos jogadores não alinham como titulares nas suas equipas da 1.ª divisão italiana. No seu ponto de vista a formação precisa de uma maior rodagem, de forma a permitir o apuro de forma a todos os jogadores que não actuam no melhor campeonato transalpino.

O técnico da turma portuguesa (António Oliveira) afirmou que a Itália «justificou ser a formação mais poderosa do grupo», «não fazia demagogia quando disse que a Itália era a favorita». O importante para nós é

dar traquejo aos jogadores e prepará-los para a selecção AA», disse António Oliveira, adiantando que todos os jogadores deram o rendimento esperado. «Vamos continuar a trabalhar nesse sentido» — finalizou.

Após este encontro é a seguinte a classificação do Grupo 2:

	J	V	E	D	G	P
Suíça	3	1	2	0	4	2
Itália	2	1	1	0	3	2
Portugal ...	3	1	0	2	4	5
Suécia	2	0	1	1	0	2

Jogos que faltam disputar: 4JUN.: Suécia-Itália; 16JUN.: Suíça-Suécia; 22SET.: Suécia-Portugal; 16OUT.: Suíça-Itália; 10NOV.: Portugal-Suíça; 12NOV.: Itália-Suécia e 2DEZ.: Itália-Portugal.

É cíclico

Neves de Sousa

É cíclico. Ou porque estava calor em demasia, ou porque chovia a potes. Porque o palco parecia sulcado por um arado, ou tinha a relva muito alta. Porque eles (os outros parceiros), eram altos de mais, ou tiveram os favores do árbitro. Porque se a gente tivesse acertado aquela bola, a tal, aos tantos minutos, tudo teria ficado diferente, logo se mudava qualquer copioso resultado desfavorável, em veloz viragem de «placard», para o nosso prazer.

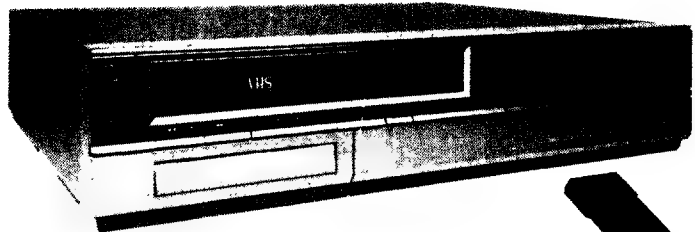
E, ou porque os clubes deixam treinar a selecção, ou porque a selecção nunca chegou a treinar junta, porque estão na prateleira dois pares de azes imprescindíveis, ou face a termos muita gente lesionada, encontra-se sempre um bode expiatório. É cíclico.

Ontem, foram as esperanças: ficámos de cruzeiros na boca. A bola estava escorregadia, a plateia não ajudou, a temperatura foi o que se sabe. Os visitantes venceram. É cíclico.



Cuchi em desarme

VIDEOS-VHS
com garantia



a baixo preço
59.900\$

M. L. FERREIRA RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A 1000 LISBOA
CENTRO COMERCIAL AMOREIRAS - Loja 2098

TRIBUNAL CÍVEL DA
COMARCA DE LISBOA
11.º JUÍZO

ANÚNCIO
Proc.º n.º 7197

Pela 2.ª Secção do 11.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Especial de Despejo movida por ALVARO DA SILVA FERNANDES e mulher ZIDIA MARIA DE ALMEIDA SACRAS FERNANDES, residentes no lugar de Monte Grande, Mortágua, contra ALFREDO MANUEL GOMES JUSTIÇA, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua José Mergulhão, Zona Sul, Lote A — 8.ª Letra C — Reboleira — Amadora, pelo que, é por este meio citado o referido Réu, para comparecer neste Tribunal, no próximo dia 5 de Março, pelas 9.30 horas, a fim de se realizar a tentativa de conciliação ordenada nos mencionados autos, devendo o Réu comparecer pessoalmente ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir.

No caso da tentativa se frustrar, poderá o Réu contestar, querendo, e porventura reconvir benfeitorias e indemnizações a que se julgue com direito, no prazo de 10 dias a contar da data em que aquela tentativa se efectuou, sob pena de, não o fazendo, ser condenado no pedido.

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1987

O JUIZ DE DIREITO
Rogério da Silva e Sousa

O Escrivão Adjunto
Mamed Macchimento

(«DL» 12/2/87 — 2.ª Páb.)

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 73 977 «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES POLIETILENO APERFEIÇADAS, PARA EXTRUSÃO E PRINCIPALMENTE PARA EXTRUSÃO-SOPRAGEM».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.ª Esq.
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 73 976 «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES DE POLIPROPILENO COM ELEVADA RESISTÊNCIA AO CHOQUE».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.ª Esq.
1000 LISBOA

Artur Santos: o adeus a Angola

O técnico português Artur Santos, que durante três épocas dirigiu a equipa de futebol do Sagrada Esperança, Lunda-Norte, demitiu-se por motivos salariais.

TOTOBOLA

A NOSSA APOSTA

Concurso n.º 7/87
15 de Fevereiro de 1987

Portugal-Itália	1
Lixa-Gil Vicente	X
Felgueiras-Aves	1
Famalicão-P. Ferreira	1
Fafe-Espinho	2
Trofense-Leixões	1
Mangualde-Mirense	1
U. Coimbra-Torreense	X
Marinhense-Covilhã	2
Feirense-Águeda	2
Sacavenense-Atlético	1
Sant. Cacém-Barreirense ..	X
Estoril-Olhansense	1

Arnoux sem conduzir: fazia pista na estrada

O piloto francês de Fórmula 1 René Arnoux viu a sua carta de condução apreendida por um período de três meses, por ter sido detectado a conduzir um automóvel a 242 km/hora numa estrada próximo de Cosne-Sur-Loire, no centro de França. A sentença foi proferida por um tribunal de Nevers e, devido a não ter residência em França (Arnoux vive habitualmente na Suíça e na Grã-Bretanha) o piloto teve de pagar uma caução na altura em que foi mandado parar pela Polícia para poder seguir viagem.

A Comissão Jurídica, que toma decisões sobre a apreensão de cartas de condução, anunciou a sua sentença a Arnoux, que terá de responder num processo penal, acusado de excesso de velocidade.

Sporting de Braga emenda a mão

A direcção do Sporting de Braga reintegrou o defesa esquerdo Ernesto no plantel de futebolistas profissionais em actividade no clube.

Ernesto fazia parte do lote de seis jogadores afastados pela direcção do clube minhoto, sob proposta do ex-treinador Humberto Coelho. Quim Alberto e Jorge, também integrantes do mesmo lote, têm treinado no Chaves, com autorização do técnico Raul Águas e da direcção do clube flaviense.

Setúbal: atletismo mais rico

A Câmara Municipal de Setúbal cedeu à Associação de Atletismo do distrito terreno para a construção de um complexo desportivo. O terreno tem a área de 43.470 metros quadrados, fica no lugar de Poço de Mouro e era anteriormente propriedade de uma sociedade imobiliária, que (para o efeito) o cedeu ao Município. O futuro complexo disporá de uma pista de atletismo.

Madeira de braço dado

A Direcção Regional dos Desportos da Madeira e as Associações Desportivas Regionais estabeleceram um protocolo no âmbito da definição dos critérios e apoios à participação das modalidades amadoras nas competições nacionais. O protocolo reconhece que o desporto amador na Madeira iniciou uma nova etapa do seu processo de desenvolvimento e preconiza a necessidade de ser rentabilizado o investimento que está a ser feito.

ocumeto considera a época 1986/1987 o ano zero de reflexão para a obtenção de indicadores que permitam a elaboração das normas gerais regionais orientadoras da participação a nível nacional.

A temporada 1988/1989 (de acordo com o protocolo), é definida como a do alargamento do quadro de equipas participantes com base no princípio de que seja proporcionado a qualquer clube o direito à participação em provas de âmbito nacional.

A Região Autónoma da Madeira encontra-se representada nas competições nacionais (e nas várias divisões) pelas modalidades de voleibol, basquetebol e andebol.

Elas jogam futebol

MENINAS DE CARCAVELOS SÃO CAMPEãs LISBOETAS

A 12.ª jornada do sexto Campeonato Distrital de Futebol Feminino de Lisboa oferecia muitos pontos de interesse. O primeiro tinha a ver com o guia (Carcavelos): caso vencesse o seu oponente (ISEF) tornava-se campeão, reconquistando o troféu perdido na época passada. De facto, assim veio a acontecer, tendo o Grupo Desportivo de Carcavelos conquistado o 3.º título em 5 participações, marcando desta forma uma grande supremacia relativamente às restantes equipas participantes nos campeonatos já realizados.

Fazendo jus à sua condição de «leader» incontestado, o Carcavelos realizou uma magnífica actuação, nomeadamente nos primeiros vinte minutos da 2.ª parte, período em que obteve os quatro tentos com que venceu a equipa universitária do ISEF, por sinal, constituída maioritariamente por atletas não pertencentes àquela Faculdade.

No entanto, já na primeira metade da partida a equipa do Carcavelos (ainda invicta) tinha realizado uma boa exibição, dominando claramente nessa metade do jogo (o ISEF, aliás, só por uma vez se aproximou com perigo das redes caseiras). No entanto, todo esse domínio não foi materializado em golos, pois a pontaria das atacantes da casa não era a melhor.

Abriendo o activo logo no primeiro minuto do 2.º tempo, o Carcavelos embalou para uma excelente exibição, praticando um futebol ofensivo de grande qualidade. Naturalmente, os golos foram surgindo, dando ao marcador a expressão daquilo que realmente se passou em



As campeãs. Em cima e a contar da esquerda: Filomena (massagista), Ana Banha, Beca, Tina Lagoa, Maria João Neves de Sousa, Ana Machado, Fani, Ana Torres, Graça, Luísa e o treinador Nuno Cristóvão. Em baixo: Elsa, Mena, Céu, Lina, Xana, João e Isabel

campo. No final, foi a festa com os jogadores e adeptos a festejarem mais este título, merecidamente ganho pelo Grupo Desportivo de Carcavelos.

Sob a direcção de Belmiro Neves, auxiliado por Jorge Monteiro e Virgílio Simões, a equipa do Carcavelos alinhou da seguinte forma: Bela; Céu, M.ª João Neves de Sousa, Tina Lagoas (cap.) e Elsa; Lena Machado (Luísa, 35), Graça, Ana Banha e Isabel; Fani (Alina, 49) e Ana Torres. Suplentes não utilizadas: Xana, João Pereira e Mena. Treinador: prof. Nuno Cristóvão de Almeida. Marcadoras: Fani (36), Ana Torres (42 e 55) e Beca (49).

Lamentamos não poder divulgar a constituição da equipa do ISEF, mas não nos foi concedida.

Os outros pontos de interesse desta jornada situavam-se em verificarmos se alguma coisa

ficaria definida quanto ao apuramento para a Taça Nacional, ainda sem data marcada para o seu início. Na época passada, de Lisboa, foram apuradas 3 equipas para esta prova.

Na Praia, o tenente Valdez (até aqui a fazer uma boa 2.ª volta) recebia o Costa do Estoril e queria rectificar o resultado negativo da 1.ª volta (0-2). Não o conseguiu, pois perdeu novamente, agora por 1-2, possibilitando assim ao Costa do Estoril a sua continuação na luta por um dos lugares que dá acesso à prova nacional, pese embora o calendário final não parecer muito favorável à equipa estorilista.

No outro encontro desta jornada, o Académico de Alvalade recebia o Odivelas, que jogava o «tudo por tudo» quanto à sua ida à competição máxima. Com um início da partida bastante forte, a equipa da casa chegou aos 3-0 e fez ir por água abaixo as espe-

ranças da turma de Odivelas que, com este resultado, se vê praticamente afastada da Taça Nacional. EM) Os resultados desta 12.ª jornada foram, portanto: Tenente Valdez, 1 - Costa do Estoril, 2; Carcavelos, 4 - ISEF, 0; Académico de Alvalade, 3 - Odivelas, 0.

Após esta jornada a classificação está assim ordenada:

J V E D G P

Carcavelos	10	8	2	—	27	5	18
C. Estoril	10	5	2	3	14	8	12
Ac. Alvalade	10	5	1	4	34	14	11
Tenente Valdez	10	4	3	3	20	16	11
Odivelas	11	4	3	4	16	17	11
ISEF	9	2	1	6	12	21	5
Vialonga	10	—	2	8	6	48	2

ISEF e Tenente Valdez têm um jogo em atraso.

A penúltima jornada (a realizar no próximo domingo) engloba os seguintes encontros: Vialonga-Tenente Valdez, ISEF-Académico de Alvalade e Costa do Estoril-Carcavelos.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGãos DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 7/87, DE 15 DE FEVEREIRO DE 1987

Penalti: 121 1X2 111 1121; O Algarve: 1X2 22X 112 X221; Jornal de Amarante: X11 1X2 111 1111; Jornal da Beira: 121 1X1 112 1111; Cardeal Saraiva: 121 112 111 21X1; Correio de Coimbra: 22X 1X2 112 1XX1; Correio do Vouga: 211 111 11X 11X1; Defesa de Espinho: XX1 12X 11X 1121; O Diário: X2X 121 X12 11X1; Diário de Viseu: X21 112

1X1 XX1X; O Distrito de Portalegre: 211 111 11X 11X2; Folha do Domingo: 221 1XX 11X 1111; Ecos de Cacia: X21 1X2 112 11X1; Eu Sei Tudo: X11 XX2 11X 11X1; Jornal de Felgueiras: 1X1 11X 112 1XX1; Jornal do Fundão: X11 1XX 11X

111X; Gazeta das Caldas: XX1 1X1 1X2 111X; Rádio Totobola: 121 11X 11X X11X; Linhas de Elvas: 211 111 1X2 1111; Litoral: 1X1 1XX 111 X1XX; Jornal da Lixa: XX1 1XX 11X 1XX1; Maria da Fonte: 221 1X1 11X 1111; O Mensageiro: 1X1 1X2 11X X111; No Estúdio e no Estádio: X21 122 11X 11X1; Notícias de Felgueiras: XX1 1X1 11X 1XX1; Notícias de Gouveia: 211 1X1 112 1211; Notícias de Guimarães: 1X2 11X

112 1X1X; Notícias de Viseu: X21 11X XXX 1X1X; Notícias de Viana: X2X 12X 11X 1X1X; Reconquista: X2X 11X 112 1111; Informação

Desportiva/Rádio Alitude: XX1 112 11X 1XX1; Clube da Manhã/Rádio Comercial: 1XX 122 112 1X21; Manhã, Manhã/RDP Comercial: X21 1XX 112 1111; Secção Desportiva/RDP Comercial: XX1 12X 112 1X21; Tempo de Desporto/RDP Comercial: 12X 12X X12 XX21; Boomerangue/RDP Centro: 222 122 11X 12X1; Programa da Manhã/RDP Centro: XXX 1X1 1X1 XX11; Música Com Elas/RDP Centro: X22 122 112 12X1; Fotogramas/RDP Centro: XXX 1X1 11X 1X11; Fora de Jogo/RDP Centro: XX2 122 112 12X1; Bola ao Centro-RDP Centro: 222 121 112 1XX1;

Grande Sábado/RDP Centro: X22 1X1 X12 12X1; Canal Mais/RDP Centro: XX2 122 112 1X11; Sintonia Desportiva/RDP Centro: X22 122 11X 1XX1; RR/Desporto: XX1 1X2 1X1 11XX; RR/Bola Branca: 22X 11X 11X 11X1; RR/Diário do Desporto: 12X 11X 11X 1111; Rádio

Sports: 12X 121 112 X111; Jornal de Sintra: XX1 112 112 X1X1; Voz do Ave: 1X1 1X2 11X 11X1; A Voz do Domingo: X21 1XX 111 11X1; Voz de Lamego: 121 1X2 11X 1X21; Desporto Regional/Rádio Alitude: 1X1 111 11X 1111; Gente Gira/Antena 1: 2X1 1XX 1X2 1XX1; Pista de Dança/Rádio Alitude: X21 1XX 111 1X1X; Sons da Madrugada/Rádio Alitude: X11 1X2 112 2221; Tarde Desportiva/Antena 1: 121 11X 211 1121; Livre e Directo/Antena 1: 222 121 XX1 1X1X; A Defesa: X1X 1X2 112 XX11; Jornal de Santo Tirso: 1X1 11X 112 X1X1; Diário de Lisboa: 1X1 121 1X2 21X1; Jornal de Gaia: XX1 112 11X X21X; Jornal da Graça: X2X 1X2 X1X 11X1; A Ordem: 221 1X2 1X2 1X22; O Primeiro de Janeiro: X21 1X1 11X 1111; Quadrante Norte: 1XX 1X1 112 1XX1; Repórter do Dia: X21 11X 11X 1111; Resenha Desportiva: 122 1X1 11X X2X1; Alvo Desportivo: 111 1XX 11X 1111; Rádio Alvo: XXX 121 111 X1X1; Alvo: X11 11X 11X 1121; Alvo Suplemento: 111 111 111 1111; A Voz dos Rádicos: 1X1 111 111 1111.

assim vai o

totobola

	R E S U M O			B O L A S (*)		
	1	X	2	1	X	2
1. Portugal-Itália	25	36	12	4	6	2
2. Lixa-Gil Vicente	11	27	35	2	4	6
3. Felgueiras-Aves	47	15	11	8	2	2
4. Famacão-P. Ferreira	71	2	0	11	1	1
5. Fafe-Espinho	23	33	17	4	5	3
6. Trofense-Leixões	22	26	25	4	4	4
7. Mangualde-Mirense	66	6	1	10	1	1
8. U. Coimbra-Torreense	62	11	0	10	2	1
9. Marinhense-Covilhã	15	29	29	2	5	5
10. Feirense-Águeda	55	15	3	9	2	1
11. Sacavenense-Atlético	41	23	9	8	3	1
12. Sant. Cacém-Barreirense ..	31	31	11	5	5	2
13. Estoril-Olhansense	59	12	2	9	2	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

X21 1XX 11X ou 2 111 ou X1

Seis atletas portugueses vão hoje tentar obter, em Madrid, os mínimos necessários para o «europeu» de pista coberta, em França. Dos oito portugueses que vão participar no «Memorial José Maria Cagigal», Luís Cunha e Virgínia Gomes garantiram já a presença no «europeu» (a disputar em Lievin, nos próximos dias 21 e 22) mas João Lima, Pedro Curvelo, Fernando Damásio, Mário Silva, Ana Oliveira e Maria João Lopes vão tentar alcançar as marcas para estarem presentes em França. A Federação Portuguesa de Atletismo indicou Albertina Dias, Albertina Machado, Aurora Cunha, Conceição Ferreira, Lucília Soares, Rosa Mota e Ana Moreira para representarem Portugal na estafeta de Eikiden (Japão), que decorrerá a 22 do corrente. Portugal ficou em 3.º lugar na edição de 1986 desta prova.

Canário no Crosse «L'Equipe»

Lara Ramos, técnico de Ezequiel Canário, afirma ser «muito difícil» o atleta do Imortal de Albufeira voltar a repetir a vitória no Crosse «L'Equipe», no próximo domingo. Canário, que venceu a tradicional prova do «L'Equipe» em 1985, «não está ainda no seu melhor», refere Lara Ramos.

O atleta do Imortal de Albufeira será acompanhado no crosse «L'Equipe», a disputar em

Paris, pelos atletas José Regalo e Albertina Machado. Lara Ramos sublinhou que a prova «serve como teste» para o campeonato nacional de corta-mato, a disputar dia 1 de Março, em Anadia. «O Ezequiel esteve durante algum tempo inactivo e só agora começa a recuperar a forma», adianta Lara Ramos.

Corta-Mato de Lisboa

Os melhores atletas dos clubes do distrito de Lisboa estão inscritos no corta-mato que se disputará domingo próximo, em Odivelas, anunciou a Associação de Atletismo de Lisboa numa conferência de Imprensa. Mário Paiva (presidente da AAL) indicou que o objectivo deste organismo, com a realização do Campeonato de Corta-Mato de Lisboa, é o de levar a modalidade a zonas onde não existem pistas especialmente construídas para a prática do atletismo e, simultaneamente, incentivar a juventude a praticá-lo.

O corta-mato de Lisboa terá lugar nos terrenos anexos à empresa Metalfábril (na estrada Loures - Odivelas) e a realização conta com o apoio da Câmara Municipal de Loures. O presidente da AAL revelou aos jornalistas que o plano de realizações daquela associação, para o ano em curso, alinha-se no apoio das autarquias locais, havendo já protocolos assinados com as Câmaras Municipais de Lisboa, Sintra e Amadora.

ESPECTÁCULO A NÃO PERDER: VEM AÍ O PETRO DE LUANDA

A equipa de futebol do Petro Atlético de Luanda (campeão de Angola e vencedor do recente «Torneio Internacional da Sonangol») poderá deslocar-se em Agosto a Portugal, declara o empresário Valter Ferreira.

«Contactei já o presidente do Petro e tudo está bem encaminhado para que a equipa se desloque a Portugal em Agosto e seja um dos participantes do torneio a realizar em Guimarães (de 1 a 8 daquele mês) integrado nas festas da cidade», disse.

A equipa angolana poderá realizar outros jogos em Portugal com clubes da 1.ª divisão do futebol português. Valter Ferreira, antigo futebolista, informou também estar a negociar a deslocação da equipa do Vitória de Guimarães a Luanda.

Schalke bateu Olhanense

O Schalke 04 bateu ontem o Olhanense, por 2-0, em jogo de carácter particular disputado em Olhão. Os golos foram apontados por Dierssen (25 m) e Uegmann (65 m). A turma algarvia alinhou inicialmente com Tozé; Carrada, Graciano, Lima e Vítor; César, Luís Silva, Rui Esteves e Aldeias; Maarten e Floor. Jogaram ainda Paulo Renato,

Herculano, Oliva, Carlos Reis, Rui Fonseca e José Armando.

Os alemães deveriam realizar no sábado um novo jogo com o Farense, convite que rejeitaram, alegando falta de cumprimento integral das condições estabelecidas para os jogos anteriores. Exigiram ao clube de Faro um contrato directo contra o pagamento de uma verba de 750 contos, considerada (na circunstância) incomportável pelo Farense.

Futebol de salão: Portugal ganha

Portugal venceu os Estados Unidos (4-3) em encontro da 3.ª jornada do grupo «A» do torneio da FIFA em futebol de salão, a decorrer em Santiago de Compostela (Espanha). No outro jogo do mesmo grupo, a Espanha superou a Bélgica por 3-2. No grupo «B», o Brasil confirmou o seu favoritismo, ao derrotar a Hungria por 3-2, enquanto a Holanda bateu a Itália por 4-1.

Classificação do grupo A:

	J	V	E	D	G	P
Espanha	3	3	-	-	10	4
Bélgica	3	1	1	-	7	7
Portugal	3	1	-	2	7	11
EUA	3	-	1	2	6	8

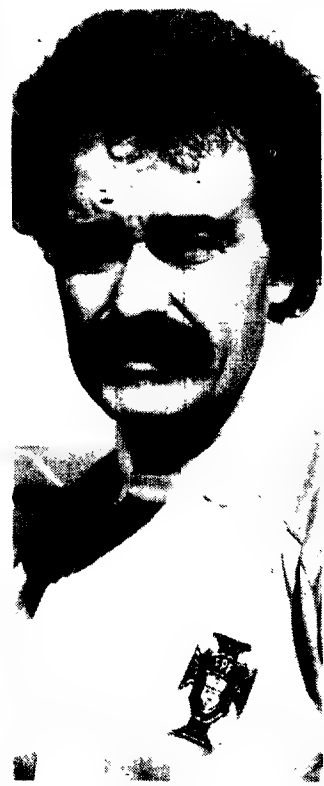
Grupo B:

	J	V	E	D	G	P
Holanda	3	3	-	-	11	3
Brasil	3	2	-	1	7	8
Hungria	3	1	-	2	4	5
Itália	3	-	-	3	2	8

Taça de Espanha

O Barcelona foi eliminado pelo Osasuna da Taça de Espanha em futebol, após a marcação de grandes penalidades, depois de empate (1-1) no conjunto das duas «mãos». O Barcelona, que na primeira «mão» perdeu por 1-0, ganhou pela mesma margem na 2.ª «mão», mas acabou por ser afastado em «penalties», por 5-3.

O Real Madrid, depois de um empate nulo na 1.ª «mão», superou agora o Cádiz por 6-1, ultrapassando esta 5.ª eliminação da «Taça». Os resultados completos da tonda foram os seguintes: Real Sociedad - Eibar, 2-0 (4-0 nas duas mãos); Atlético de Bilbao - Langreo, 4-1 (5-1); Logrones - Bétis, 3-1 (3-1); Osasuna - Barcelona, 0-1 (1-1); Osasuna venceu por 5-3 em «penalties»; Maiorca - Saragoça, 2-0 (2-1); Real Madrid - Cádiz, 6-1 (6-1); Eldense - Maiorca Atlético, 1-0 (2-3); Real Madrid Juniors - Atlético de Madrid, 1-3 (1-4).



Boa Nova

Estava a pensar-se o pior: parece (porém), que o mau tempo já lá vai e que o guardanetes Manuel Bento poderá, dentro de três meses, regressar ao trabalho activo. Nesse sentido se pronunciou uma junta médica, integrada por sete elementos, representantes do «capitão» da selecção, da Federação, do Benfica e das companhias seguradoras. Bento está a recuperar sob as ordens do dr. Camacho Vieira e do massagista João Silva.



Instituto Nacional de Habitação

CONCURSO PÚBLICO PARA ANTEPROJECTOS DE HABITAÇÃO EVOLUTIVA

Encontram-se patentes, na sede do Instituto Nacional de Habitação, na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 5 — 8.º andar e na sua delegação no Porto, na Rua Júlio Diniz n.º 63 — 2.º andar, a partir de 16 de Fevereiro de 1987, durante as horas normais de expediente, os elementos que constituem o processo do Concurso Público para apresentação de anteprojectos de Habitação Evolutiva a levar a efeito por este Instituto. O prazo para inscrição dos concorrentes e apresentação das propostas termina às 17.00 h do dia 18 de Maio de 1987, devendo a sessão pública para divulgação dos resultados ter lugar às 15.00 h do dia 15 de Junho de 1987. A inscrição dos concorrentes (equipas de projectistas coordenadas por um arquitecto) processar-se-á através do preenchimento de uma ficha fornecida numa das moradas atrás mencionadas, nas quais poderá, também, ser adquirido o Programa do Concurso.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1987

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 14.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc. 12 731

Faz-se saber que foi distribuída na 1.ª secção do 14.º Juízo Cível de Lisboa, uma Acção Especial (Interdição por Anomalia Psíquica) contra MARIA JOSÉ SOARES, casada e residente na Rua Vasco da Gama, lote 55-B, Casias, para o efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1987

O Juiz do Direito
José António da Cruz

A Escrivã Adjunta
Maria Margarida de G. C. Estêvão

«DL» 12/2/1987

ANÚNCIO

Proc. N.º 14/86

1.ª Secção 3.º Juízo

O Tribunal Judicial da Comarca de Torres Vedras, 3.º Juízo.

Faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e primeira secção correm editos de vinte dias, contados da publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Virgílio Rodrigues Cerqueira, residente em Vilar - Cadaval, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Carlos Bernardes & Filhos, Lda., com sede no Bairro Vila Morena em Torres Vedras, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Torres Vedras, 26 de Novembro de 1986

O Juiz, do 3.º Juízo

Edmundo Ocasio Marques

O Escrivão de Direito

João Matoso Pereira

«DL» 12/2/87 — 2.ª Pub.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 73 975 «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES DE POLIPROPILENO DE RESISTÊNCIA AO CHOQUE MELHORADA».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA

Patentes e Marcas

Rua Castilho, 201-3.ª. Enq.

1000 LISBOA

CASELCOOP COOPERATIVA DE CONSTRUÇÃO E HABITAÇÃO ECONÓMICA

Rua do Gravato, 5-Cave - Bairro Caselas - 1400 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 3 do Artigo 35.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir em sessão EXTRAORDINÁRIA no Caselas Futebol Clube, Rua 5, no Bairro de Caselas, no dia 28 de Fevereiro de 1987, pelas 15 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 - Aprovação da contracção do empréstimo para construção de 66 fogos nos termos da minuta de contrato enviada pelo Instituto Nacional de Habitação em 23/1/1987.
- 2 - Concessão de poderes à Direcção para em nome da Cooperativa outorgar no contrato do empréstimo a contrair.

Na falta de «quorum», a Assembleia reunirá meia hora mais tarde com qualquer número de membros presentes.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Joaquim António Cabral Role

CORESA — CONSERVEIROS REUNIDOS, S.A.

Certifico que por escritura de 19 de Dezembro de 1986 lavrada de fls. 81 a fls. 82 v.º do livro n.º 299-D das notas do 17.º Cartório Notarial de Lisboa, foi aumentado o capital da sociedade CORESA - CONSERVEIROS REUNIDOS, S.A., matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 41 732, de 65 000 000\$00 para 115 000 000\$00, aumento esse no montante de 50 000 000\$00 realizado em dinheiro e pela emissão de novas 50 000 acções do valor nominal de 1000\$00 cada uma;

Que em consequência do referido aumento de capital foram alterados os Estatutos no tocante ao art.º 5.º, que passou a ter a redacção seguinte.

Art.º 5.º

O capital social é de 115 000 000\$00, dividido em 115 000 acções com o valor nominal de 1000\$00 cada uma, integralmente subscrito e realizado ESTÁ CONFORME.

17.º Cartório Notarial de Lisboa, 16 de Janeiro de 1987.

O 2.º Ajudante do Cartório
Manuel Pereira

«DL» 12/2/1987

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	2	2	0,0	Muito nub.
V. Castelo	9	5	0,0	Aguaceiros
Vila Real	4	4	0,0	Muito nub.
Porto	4	4	0,0	Muito nub.
P. Dourad.	-	-	-	-
Coimbra	5	5	0,0	Aguaceiros
C. Carvoeiro	12	10	0,0	Muito nub.
C. Branco	-	-	-	-
Portalegre	3	3	0,0	Muito nub.
Lisboa	9	9	0,0	Pouco nub.
Evora	6	6	0,0	Muito nub.
Beja	6	4	0,0	Pouco nub.
Faro	10	10	0,0	Pouco nub.
Sagres	12	11	0,0	Muito nub.
P. Delgada	15	12	0,0	Chuvisco
Funchal	15	14	0,0	Muito nub.
Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 14, Porto 13, Faro 16, Ponta Delgada 17, Funchal 20.				

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

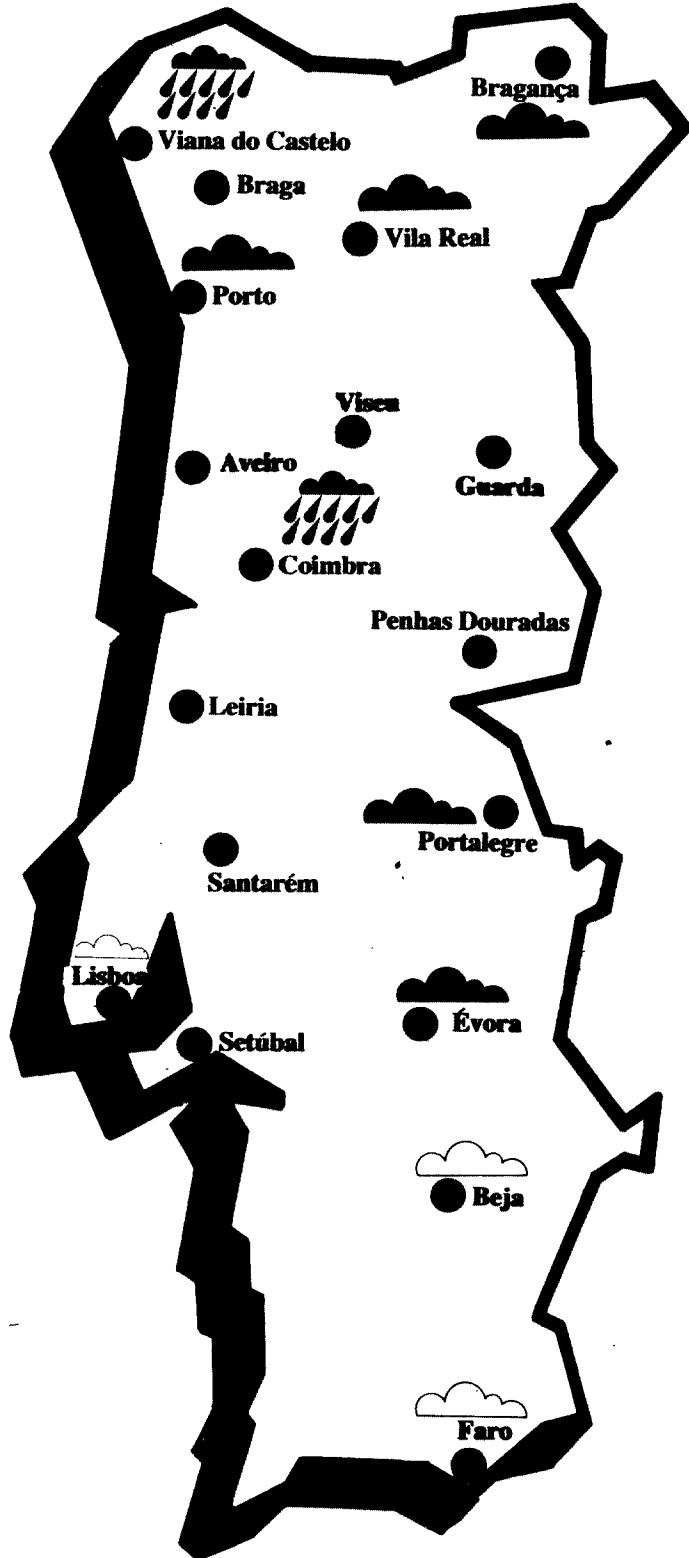
	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	2	2	Chuva
Londres	3	3	Chuva
Paris	2	2	Muito nub.
Bruxelas	3	3	Chuva
Amsterd.	3	3	Chuva
Genebra	3	3	Neblina
Roma	13	11	Muito nub.
Oslo	-5	-6	Neve
Copenhaga ..	0	0	Nevoeiro
Estocolmo ..	0	0	Chuva e neve
Berlim	1	1	Nevoeiro
Viena	3	3	Pouco nub.
Varsóvia	1	1	Neblina
Atenas	11	11	Muito nub.
Moscovo	-17	-21	Neblina

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	18	31	Limpo
Joanesburgo ..	15	25	Nublado
Los Angeles ..	15	21	Nublado
Montreal	-23	-6	Nevoeiro
Nova Deli	11	25	Limpo
Nova Iorque ..	-8	3	Nublado
R. de Janeiro ..	18	34	Nublado
S. Francisco ..	14	17	Nublado
São Paulo	17	19	Nublado
Tóquio	7	21	Limpo

PORTUGAL AMANHÃ



A EUROPA ÀS 6 HORAS



• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Informação da agência Lusa

TEMPO

HOJE

No continente:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de noroeste. Aguaceiros pouco frequentes, podendo ser de neve nas terras altas do Norte e Centro.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar grosso a alteroso. Ondulação de noroeste. Vaga de quatro a cinco metros.

Costa Sul: Mar cavado. Ondulação de sudoeste. Vaga de dois a três metros.

Nos Açores:

Céu muito nublado. Vento fresco a muito fresco de sudoeste nos Grupos Central e Ocidental e moderado no Grupo Oriental. Períodos de chuva fraca em especial no Grupo Ocidental.

Estado do mar: Mar cavado a grosso. Ondulação de noroeste de dois a quatro metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de nordeste. Aguaceiros fracos nas vertentes viradas a norte.

Estado do mar: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de nordeste cerca de quatro metros, sendo de sudoeste um metro na costa Sul.

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado, tornando-se pouco nublado a partir da tarde. Vento fraco a moderado de oeste. Períodos de chuva fraca em especial nas regiões do Norte e Centro.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado. Apresentando-se muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco a moderado de noroeste.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
2.30 3,8 m	8.14 1,3 m
14.51 3,6 m	20.18 1,3 m

Amanhã

3.05 3,9 m	8.45 1,2 m
15.25 3,8 m	20.50 1,1 m

"O Raio Verde"

de Eric Rohmer

Há filmes cuja única questão é muito simples. Perguntam «O que é o cinema?» e deixam-nos com a interrogação.

É preciso acreditar muito na realidade para ousar um filme como este: cinco técnicos, uma Aaton 16mm, um grupo de actores (alguns profissionais, outros não), diálogos improvisados, um Verão para filmar o «O Raio Verde», aquele fulgor terminal que vemos quando o que o produziu já lá não está. É preciso acreditar muito na realidade para fazer ficção como se fosse documentário, pôr a câmara e ficar a ver. Havia 99,99% de probabilidades que não acontecesse nada. Milagre, acontece.

Rohmer tem andado a filmar «Comédias e Provérbios», o pequeno teatro dos sentimentos. Um milímetro ao lado da realidade para melhor fruir o cinema. Prazer do texto (diálogos de uma elegância extrema), gosto pelos rostos e pelos enganos do coração. Três filmes sublimes engrenou («O Bom Casamento», «Paulina na Praia», «Noites de Lua Cheia»). E, de súbito, talvez por uma vontade extrema de ver se o real ainda lá estava, faz «O Raio Verde», o filme de todos os riscos.

Riscos industriais (os perfeccionistas iriam dizer, disseram, que a imagem, por vezes, não faz *raccord* de luz, que o som está em bruto...), riscos narrativos (os rigoristas do texto iriam queixar-se, queixaram-se, dos desvios que, muitas vezes os diálogos tomam, da inutilidade dramática de tanta coisa...), riscos estéticos (perdoar-lhe-iam a fé no real, a quase

obsessiva ausência de encenação?). É evidente que a polémica começou cedo (a que está em vias de se acender cá, já é reedição...) e até há quem a queira estancar com aquele argumento último que é dizer que gostar deste filme é uma questão de fé. Mas não é: é uma questão de disponibilidade.

Passar ao lado da sequência na praia (com a sua evidência de solidões, com a incontornável realidade do *sofá*), não ser capaz de olhar o interior daquele apartamento de Biarritz (estrangeiro, inumano), não se comover com a cena final (não tanto porque a personagem viu o «O Raio Verde» mas porque acredita que esse facto vai alterar tudo), não ser sensível à triste vulgaridade daquela solidão (uma espécie de mínimo múltiplo comum sociológico da sociedade francesa) é não ter olhos para uma verdade das coisas que não é emplumada, é olhar para outro lado, é não perceber, no fundo, que este filme retoma a lição de Rossellini da forma mais improvável e tocante. É, em suma, não ver que Rohmer abandona por um instante o pequeno teatro dos sentimentos para se ater aos próprios sentimentos e chegar lá. «O Raio Verde» é um filme que se dispõe a olhar — e viu.

Não acredito, contudo, que aquele plano terminal do pôr-do-Sol, em que também nós vimos o «O Raio Verde», tenha sido obtido sem trucagens e não creio que a maioria dos espectadores acredite. A lâmina de ironia de



Marie Rivière e Vincent Gauthier em «O Raio Verde»: o que é o cinema?

Rohmer, apesar de presente em toda a construção da personagem de Marie Rivière, torna-se, aí, cintilante: as coisas, se calhar,

não estão lá, o cinema dá uma ajuda ao real. Uma mão de ilusão para que o real se ponha a significar, a contar histórias.

GRUPO TEATRO HOJE
Teatro da Graça/Voz do Operário
Trav. de S. Vicente, 11 Tel: 875626

área
branca

16 POE
TASCO
NTEMP
ORANE
OS.

POR ALEXANDRE DE SOUSA - ANA MARIA REGOSIO - CARLOS FERNANDO - ELISA LISBOA - INÊZ DE CASTRO - LIA GAMA - MANUEL MENDES - MARIA JOSÉ PASCOAL - RUI PEDRO

DIRECÇÃO DE GASTÃO CHUZ
ESPACIO DE DALTON - SALER - ANTE

13 FEB 21.45

14 FEB 16.30 - 21.45

15 FEB 16.30

APOIO: DIÁRIO DE LISBOA - ASSOCIAÇÃO DE CRÁTERE

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
SÓ ATÉ DOMINGO

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 16

GUERRAS
DO ALECRIM
E MANGERONA

DE ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA «O JUDEU»
ENCENAÇÃO CARLOS AVILEZ

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHAIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA TEL. 32 22 10

ORDEN DOS MÉDICOS
CONVITE

A Secção Regional do Sul informa todos os colegas que o PROFESSOR DOUTOR Manuel Eugénio Machado Macedo toma posse como Presidente da Ordem amanhã, 13, pelas 17.45 h, na Aula Magna da Universidade Clássica de Lisboa, na presença das mais altas individualidades, esperando a presença de todos os Médicos que desejem testemunhar a sua solidariedade, o que será muito grato ao novo Presidente.

COMUNA TEATRO DE PESQUISA
PRAÇA DE ESPANHA - T. 720 08 18

TERÇA A SÁBADO ÀS 21.30 H

DOMINGO 17 H

TEXTO DE ROGER VITRAC
2.º mês

"VICTOR" ou

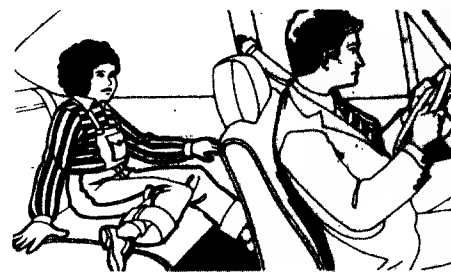
as crianças no poder

APOIO - F. GULBENKIAN - A. FRANÇAISE

BRAZ E BRAZ - SECLA - FAIANÇA - R. COMERCIAL

* VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
* TERÇA
* QUARTA
* E QUINTA
PREÇO ÚNICO:
* 200.00

AOS
PAIS



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA
"Transporte sempre as crianças no banco de trás"

"Itinerário Poético" entre a primeira e a segunda etapa

FÁTIMA MURTA: SONHAR, DECLAMAR, COMUNICAR

Rodrigues Borges

Fátima Murta, que desde o dia 15 de Novembro do ano passado vem cumprindo a primeira etapa dum sonho chamado «Itinerário Poético», apresenta sexta-feira, dia 13, no auditório da Sociedade Portuguesa de Autores, um recital que tem por título «Ardente Algarve Impressionista e Mole», ou seja, o culminar, em Lisboa, de uma série de recitais que sucessivamente levou a Lagos, Tavira, Vila Real de Santo António, S. Brás de Alportel, Silves e Castro Marim.

Tudo leva a crer que este «sonho» de Fátima Murta (outro «sonho» desta mulher generosa, que além de declamadora também é poeta e actriz, é por exemplo, gravar «A Mensagem» de Pessoa) há-de ter o seu epílogo — lógico e feliz epílogo — lá para finais de 1989.

Até que a cortina se cerre, Fátima terá que correr, com os poetas que escolheu, por terras do Alentejo, Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Ribatejo, Açores, Madeira e Lisboa.

Os dados estão lançados, os apoios (Secretaria de Estado da Cultura, Fundação Gulbenkian, Câmaras Municipais, Direcção-Geral da Comunicação Social, etc.) praticamente assegurados. Por outro lado — o lado do amor, da força, da confiança... — Fátima Murta revela-nos a sua determinação em fazer chegar a bom termo este seu projecto. **Projecto lindo**, dizem-nos nós.

Concordando com os objectivos da «aventura» ou, por isso mesmo, pusemos a questão, sem mais rodeios: — Porquê «este» itinerário poético, porquê este «inesperado» relançamento dos recitais de Poesia, quando estamos num tempo em que se poderia até pensar que o género já não pegasse?

O «tiro» acertou em cheio. Fátima Murta, uma mulher jovem, que se move, e fala, e pensa, como uma mulher que acredita a cem por cento no presente, não perde tempo:

«Sabe? Se a Cultura não tem idade, a Poesia é um valor que nunca há-de sucumbir enquanto houver, pelo menos, um que a escreva ou diga, outro que a leia ou a escute... E depois, se o diálogo é cada vez mais preciso, entendendo que um veículo possível para

esse desejado diálogo pode muito bem ser (porque não?) um recital de Poesia, principalmente se nos lembrarmos das populações mais carentes, e por isso, se calhar, mais receptivas».

A partir daqui, Fátima não pára. A recordação da Fátima-menina que recitava na escola, lá no seu Algarve. Que inventava palcos e atraía outros meninos, e outros menos meninos. O liceu, o acender de um gosto por tudo quanto era versos, teatro, desejo cada vez mais forte de comunicar, de estar viva e de fazer vida à sua volta.

E depois, e depois?

«Cresci, como todas as meninas e meninos. Lisboa, a Faculdade (alguns amores, pensámos nós... mas ela prossegue); e sempre, sempre, a Poesia a marcar os meus passos. Antes de mais a leitura, logicamente as preferências: «O Afilhado» de Nemésio, «O Desastre» de Cesário Verde, «O Funcionário Cansado» de António Ramos Rosa, tudo de Florbela Espanca, «O Sexto Motivo do Corpo» de Natália Correia, «Adeus» e «Poema à Mãe» de Eugénio de Andrade, «A Cena do Odio» de Almada Negreiros, alguns poemas de Guerra Junqueiro, Antero de Quental, Teixeira de Pascoais...»

E depois, e depois?

Sem preocupações cronológicas — mais nossas que dela — Fátima Murta recorda-nos os seus livros de Poesia («Sete Vésus para Salomé» e «Sobre a Terra», editados respectivamente em 86 e 83), os seus discos de poemas («Infância» em 1981, «Afrodite» em 1983), a sua incursão mais recente pelo Teatro profissional (Grupo de Campolide, onde aprendeu muito e fez «A Menina Júlia» de Strindberg)... e agora, porque as conversas são como as cerejas, regressamos ao «Itinerário Poético».



... Pretendo que os meus recitais constituam um permanente diálogo entre as regiões e a capital

O que é que esta Fátima Murta, hoje, pretende com esta «Volta a Portugal»?

— «Primeiro, pretendo que os meus recitais constituam um permanente diálogo entre as regiões e a capital. Por essa razão planifico os reportórios com base em três camadas de autores: os poetas regionalistas, os nascidos em cada região, mas que atingiram projecção nacional e os que, embora de naturalidade diferente, abordaram nos seus textos referências implícitas ou explícitas à região em que os inclui. Também me preocupe — fundamentalmente

— com a qualidade, a dignidade e a mensagem a transmitir. Para completar a ideia de «diálogo entre as regiões e a capital», é preciso explicar que, a seguir a cada etapa regional, conto fazer, como agora, uma apresentação em Lisboa do mesmo espectáculo».

O tempo voa, conversar (ouvir) com Fátima Murta é um (desde já, confessado) prazer. Só que o trabalho tem exigências. O trabalho da declamadora / escritora / actriz, outrossim o trabalho do jornalista.

Faltava saber — os leitores devem saber — que da antologia seleccionada

por Fátima Murta para este «Ardente Algarve Impressionista e Mole» destacam-se os nomes de Ruy Belo (o único não algarvio), João Lúcio, Cândido Guerreiro, Emiliano da Costa e António Ramos Rosa, Leonel Neves, Teresa Balté e Nuno Júdice. Sexta-feira, dia 13, no auditório da Sociedade Portuguesa de Autores. A seguir, lá para Março, o «Itinerário» prosseguirá no Alentejo...

E depois, e depois?

Que a força não lhe falte. Prá frente é que é o caminho: Fátima Murta... — dizemos nós.

Edição de discoteca básica nacional

Os primeiros títulos de uma colecção de discos inteiramente dedicada à música portuguesa de todos os tempos, foram lançadas pela nova etiqueta «Portugalsom», produzida e editada pela Secretaria de Estado da Cultura.

Esta colecção - Discoteca Básica Nacional - abrange os diversos tipos de música, desde a sinfónica à de câmara, passando pela vocal e instrumental, permitindo vir a apresentar, a longo prazo, as obras mais significativas dos compositores portugueses.

A nova etiqueta conta com a colaboração de solistas e orquestras nacionais e estrangeiras, sendo a finalidade das produções efectuadas fora do País promover a divulgação, além-fronteiras, das obras gravadas.

Ao lançar este projecto, a SEC teve em conta a quase inexistência no mercado discográfico de gravações de obras de compositores nacionais, situa-

ção que acarreta um alheamento grave por parte do grande público em relação à nossa cultura musical.

A Discoteca Básica Nacional será comercializada a preço muito inferior ao habitual, com o objectivo de interessar a uma vasta camada populacional na sua aquisição. A edição destas obras resulta da conflagração dos esforços da Direcção-Geral da Acção Cultural e de várias empresas discográficas.

Títulos da Discoteca Básica Nacional agora editados pela «Portugalsom»:

Filipe Pires - Canções do Mar/Canções do Amanhecer/Canções da Morte/Canções da Noite/Canções Satíricas.

Coro Gulbenkian/Jorge Matta.

Carlos Seixas - Concerto Para Cravo e Orquestra/Sinfonia/Abertura.

Concerto Para Cravo e Orquestra (anónimo) Janos Sibestyen (cravo).

Orquestra da Câmara Ferenc

Lizst/Janos Rolla.

Freitas Branco - sinfonia nº. 1/Antero de Quental (Poema Sinfónico).

Orquestra Filarmonica de Budapeste/Andras Korodi.

Lopes Graça - Requiem Pelas Vítimas do Fascismo em Portugal. Solistas/Coro da Opera Nacional Húngara.

Orquestra Filarmonica de Budapeste/Andras Korodi.

Joly Braga Santos - Sinfonia nº. 5 «Virtus Lusitaniae».

Orquestra Sinfónica da ENR/Silva Pereira.

João de Sousa Carvalho - Penelope/L'Eumene/Perseu (aberturas). Sonatas para Cravo, Orquestras de Câmara Ferenc Lizst/Janos Rolla, Janos Sibestyen (cravo).

Francisco Xavier Baptista - Sonatas.

Cremilde Rosado Fernandes (fortepiano).

Feira do Livro Português em Bissau

A segunda feira do livro português em Bissau decorre até sexta-feira na capital guineense depois de, durante uma semana, ter exibido 600 títulos num total de 9000 volumes.

O secretário de Estado do Ensino guineense, Rambout Barcelos, defendeu que estas iniciativas deviam ser intensificadas, considerando de «todo o interesse» que o português continue a ser compreendido e falado por uma camada guineense cada vez maior.

Apenas 11 por cento da população guineense domina o português. As 33 etnias e grupos étnicos do país expressam-se nas suas línguas e dialetos, alguns comunicam em crioulo e o francês tende a substituir gradualmente a língua lusitana.

Por seu lado, o director do Instituto do Livro, Leonel Galvão, comentando

a mostra, regozijou-se com a sua organização, afirmando que ela irá permitir à instituição que dirige conhecer as preferências dos leitores nacionais e identificar a camada social com maior interesse pela leitura.

Leonel Galvão adiantou que a realização deste certame, cujo financiamento foi garantido pela Fundação Calouste Gulbenkian, irá colmatar as brechas existentes no mercado livreiro nacional, onde a importância de livros didácticos é reduzida, devido a carência do país em divisas.

A exposição foi inaugurada sábado, na presença do embaixador de Portugal, Barreiros Martins, e dos secretários de Estado guineense do Ensino e da Cooperação Internacional, Rambout Barcelos e Bernardino Cardoso, respectivamente.

Alfas Triplex

— T. 806496

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

MONA LISA

(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

DOIS POLÍCIAS À SOLTA

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

TOP GUN — ASES INDOMÁVEIS

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 h

A MISSÃO

T. 763319

(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoréiras 1

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoréiras 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoréiras 3

RAN — OS SENHORES DA GUERRA

(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoréiras 4

MONA LISA

(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoréiras 5

DOIS POLÍCIAS À SOLTA

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoréiras 6

A MISSÃO

(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

CORONEL REDL

(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.00 h

Avila

— T. 539930

PEGGY LUE CASOU-SE

(m. 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

COELHINHAS NA CAMA

(Int. m. de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme "O Raio Verde" realizado por Eric Rohmer (Ciclo Comédias e Provérbios). É um filme de qualidade galardoado com o Leão de Ouro (Grande Prémio) no último Festival de Cannes. A intérprete é Marie Rivière. Em exibição no Estúdio 444 e no Quarteto.

Capitôlio

— T. 372358

VAMOS FALAR DE SEXO

(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

O SEGRETO ADMIRADOR

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

QUE LOUCURA DE MULHER

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O TORTURADOR

(n/ac. m. 18 anos)
24.00 h

Cineholso

SEXOS ESCALDANTES

(Porno)
12.30, 14.30, 16.45 e 19.00 h

Cine Camões

T. 324194

VINGANÇA IMPLACÁVEL

(Int. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

TESTEMUNHA DE UM CRIME

(m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

ESMERALDAS SANGRENTAS

(m. 16 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

EM BUSCA DO TESOURO PERDIDO

(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

(m. 6 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

O ÚLTIMO TANGO EM NOVA IORQUE

(m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

VINGANÇA SELVAGEM

(m. 16 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

O GOLPE DO GÊNIO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

Eden

— T. 320768

DOIS POLÍCIAS À SOLTA

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(m. 16 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

LAÇOS DE TERNURA

(m. 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

O RAIOS VERDE

(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

ALIENS — O RECONTRO FINAL

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER

(m. 18 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

TOP-GUN — ASES INDOMÁVEIS

(m. 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

A CAMINHO DOS LOBOS

(m. 12 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

O GOLPE DO GÊNIO

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

CAMPO DO INFERNO

(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio

— T. 555134

BANDO DA MÃO

(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

O GOLPE DO GÊNIO

(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

SÓ ENTRE AMIGAS

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

A MOSCA

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

O RAIOS VERDE

(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
A GOLPADA
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma

— T. 889192

POLTERGEIST II — O OUTRO LADO

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

MISSÃO COBRA

(Int. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

A MISSÃO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

MONA LISA

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

PEGGY SUE CASOU-SE

(m. 12 anos)
De: Francis Coppola
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

NOVE SEMANAS E MEIA

(m. 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

O BANDO DA MÃO

(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

POLTERGEIST II — O OUTRO LADO

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli

T. 706666

ONDE SE METEU A 7.ª

COMPANHIA

(m. 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxmanlia

— T. 880808

COUTTON CLUB

(m. 16 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon

T. 368480

CAMPO DO INFERNO

(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos

(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Cinema

AMADORA — Cineteatro

— «A Fábrica das Loucuras», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

AMADORA — Cineteatro

— «A Missão», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cineteatro

— «Nova Iorque Fora de Horas», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CACÉM — Cineteatro

— «Duelo Imortal», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby

— «Poltergeist II», às 21.30 (m. 16 anos)

SANTO ANTÔNIO — CINE ST.

— «O Soldado Aventureiro», às 17 e 21.30 h (m. 6 anos)

MEM MARTINS — Estúdio

— «Dois Eme — «Lembras-te da Última Noite?», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Casais

ESTORIL — Casino Estoril

— «E.T. — O Extraterrestre», às 17.00 e 21.15 h (maiores 6 anos)

ALGÉS — Cinema 2000

— «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

OEIRAS — Alto da Moura

— Sala 1 — «Ventos do Holocausto», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «O Polícia de Hong Kong», às 15.30 e 21.45 h (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine

— «Ana e as Suas Irmãs», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar

— Sala 1 — «A Mosca», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «A Missão», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Oxford

— «E.T. o Extraterrestre», às 16 e 21.30 h (m. 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia

— «Eugénio, Eugénio», às 15.30 e 21.30 h (n/ac. m. 13 anos)

ALMADA — Cinestúdio

— «Howard e o Destino do Mundo», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrivei Almada

— «Testemunha de um Crime», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano

— Sala 1 — «E.T. o Extraterrestre», às 15.45 e 21.30 h (m. 6 anos)

Sala 2 — «Exchibur», às 16.15 e 21.45 h (Int. 13 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense

— «A Lenda da Floresta», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical

— «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodível

— «A Lenda do Talismão», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

DOIS ARTISTAS E DUAS MANEIRAS

Isabel Garcia usa das matérias (a madeira, por exemplo) e usa da simulação de usar matéria, ludibrian - do a vista e disso tirando proveito.

As suas obras surgem, então, vistosas, mas carregadas. Densas de valores cromáticos e de efeitos de textura, são também ricas de ritmos e exuberantes na composição. Estes trabalhos lidam com materiais num jogo divertido e obtêm efeitos agradáveis a partir do próprio excesso que assumem.



Isabel Garcia: técnica mista em madeira

Conjuntamente com Isabel Garcia, na Altamira, R. Filipe Folque, estão patentes desenhos de José Paulo Ferro.

E diríamos que, então, a história é outra e de maneira diferente conta - da. João Paulo Ferro desenha a grafite, sublinhando o contraste negro-branco e por vezes a textura. Desenhos ricos formalmente, executados com uma boa qualidade técnica e demonstrativos do que o artista é capaz de fazer.

São desenhos cativantes, alguns levemente agressivos, e que empurram o olhar pelos declives da gradação da luz.

Contando coisas embora, o posicionamento ou o enquadramento do que é mostrado, remete para o nível da macrovisão ou para as áreas do abstracto.

Esta exposição pode ser vista de segunda a sexta, das 10 às 19, aos sábados das 10 às 13.



Desenho de João Paulo Ferro

EXPOSIÇÕES

• Sala de Exposições Temporárias do CAM da Gulbenkian: exposição de fotografia de Jorge Molder, hoje às 21,30 visita guiada pelo dr. Pedro Miguel Frade.

• Galeria António Clara (Av. da República, 38): Exposição de desenhos de José João Oliveira com o título «Vernus», patente até 24 de Fevereiro

• Galeria Tempo (R. Nova de S. Mamede, 17-A): exposição de Pintura da autoria de João Martins. Até 25 do corrente, de segunda a sábado das 16 às 20.

• Atelier 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): exposição de Escultura de Luís Cruz, que é membro fundador deste atelier e neste momento integra uma exposição no Teatro Mirita Casimiro, com os restantes elementos do Atelier 15. A mostra da R. Freitas Gazul está patente até ao fim do mês, de 2ª a 6ª entre as 18 e as 22 e aos sábados das 15 às 19.

• Galeria «Marc Chagall» (Leiria): Pintura e Escultura de João Oliveira e Henrique Moura. Até 1 de Março, diariamente das 14 às 22.

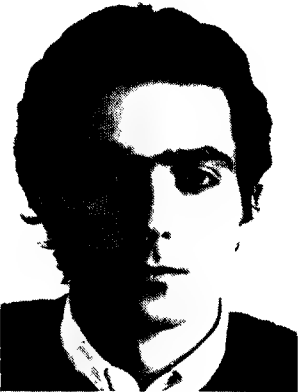
• Palácio Anjos - Algés: «Tabernas de Lisboa em Ociras», uma exposição de fotografias de Luís Pavão.

• Ferrolho: exposição «Paisagem Urbana», desenhos de M. Inês Barros.

• Escola Preparatória do Monte de Caparica: até dia 13, na continuidade de um amplo projecto de intervenção a nível local, os artistas plásticos de Almada associados na IMARGEM, têm patente uma mostra de pequeno formato, que servirá de base a uma experiência de carácter pedagógico da

responsabilidade dos professores. Apoios da Câmara Municipal de Almada e da Secretaria de Estado da Cultura

• Espaço Polígru - Renascença (R. Ivens, 14): Colectiva com trabalhos de Isabel Augusta, Ivo, Mateus, Rui Matos e Teresa Silva.



Rui Matos expõe no Espaço Polígru

• Casa da Imprensa: Maria Duarte expõe pintura até 13 de Fevereiro, de 2ª a 6ª das 10 às 20.

• João Sebastião Bar (R. D. Pedro V, 14): Pintura de Margarida Varejão.

• Fundação Gulbenkian: Livros e obra gráfica de Max Ernst. De 3ª a domingo das 10 às 17.

• Galeria 601 (Centro Comercial S. João de Deus): exposição de Pedro Amâncio

• Palácio Foz (Restauradores): Fotografias de Vasco Calixto sobre «Viagem na Islândia e Ilhas Faroer».

Livraria Barata, Av. de Roma, 11-A : Manuel Viana expõe 20 desenhos a pastel sobre suporte de papel. Até 15 de Fevereiro, de 2ª a sábado das 12 às 23.

• Restaurante Escorial (R. das Portas de Santo Antão): Pintura de Louro Artur até

18 de Fevereiro, todos os dias das 12 às 24.

• Galeria EMI-Valentim de Carvalho (R. Cruz dos Poais, 111): Ana Jotta expõe pintura com o título «Eu Seja Cão». De terça a domingo, das 15 às 19.

• Codilivro (P. Dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A, Benfica): exposição de Pintura de Helena Matta. Patente até dia 20.

TEATROS

• Instituto Alemão (Campo dos Mártires da Pátria, 36): a companhia «Marionetas de S. Lourenço» apresenta, às 21,30, a ópera D.

Quixote, segundo o texto de António José da Silva «O Judeu», numa tradução para o alemão de Alrun Hasse de Almeida Faria. Vozes de Fernando Serafim, Álvaro Malta e Helena Afonso. Manipulação de Helena Vaz, Teresa Gata, Teresa Norberto, com a colaboração da bailarina Leonor Beltrán. Música de José Alberto Gil e marionetas e encenação de Helena Vaz. Músicos: Artur Moreira (clarinete), Carlos



António Sala canta boleros: esta noite no Loucuras

Passos (violino) e Carlos Seixas (piano).

• Teatro Nacional D. Maria II: «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva (O Judeu), encenação de Carlos Avilez.

• Comuna: «Victor ou as Crianças no Poder» de Roger Vitrac, com encenação de João Mota.

• Teatro do Século: «Drácula Junior», texto e encenação de Fernando Gomes.

• Teatro Aberto: «O Jardim das Cerejas» de Anton Tchekov, pelo Novo Grupo, com encenação de João Lourenço.

• Teatro da Trindade: «A Mulher do Campo», de William Wycherley, pela Cornucópia com encenação de Luís Miguel Cintra.

• Teatro Vasco Santana: «Sylvia Plath - Quem A Matou?» de Barry Kyle, pelo Teatro Estúdio de Lisboa com encenação de Luzia Maria Martins.

• Centro Cultural da Bica (L. de St. Antoninho): «O Subsídio» de Nuno Artur Silva, sextas às 22, sábados e domingos às 16 horas.

• Caixa Económica Operária (R. Voz do Operário, 64): o grupo «Contra Regra» apresenta «Dos Horácios e Curiácios á Noite», encenação Brecht/José Mário Branco.

• Teatro 1º Acto - Algés: «Nó Cego» de Carlos Vereza, pelo Teatro Espaço, com encenação, dramaturgia e direcção de Agueda Sena.

• Teatro Ibérico (Igreja Barroca do Antigo Convento de Xabregas): «A Vida E Sonho» de Pedro Calderon de La Barca, encenação de Blanco Gil.

• Teatro Maria Matos: a revista «A Escrita em Dia» de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal.

• Teatro Variedades: a comédia «Aqui Há Fantasmas» de Henrique Sanmtana.

• Teatro Villaret: «Sapateado» de Richard Harris, trad. de César de Oliveira e Barry Scarry.

MÚSICA

• Grémio Literário (R. Ivens, 37): às 22 horas, recital de guitarra pelo Trio Chirarrístico Lucchese. Do programa constam obras de A. Vivaldi, J. S. Bach, A. Piccinini, A. L. Hoyer, S. Dodgson e H. Villa-Lobos. Colaboração do Instituto Italiano de Cultura.

• Auditório «Maestro Frederico de Freitas» da Sociedade Portuguesa de Autores (Av. Duque de Loulé, 31): às 18,30 concerto por Jorge Peixinho. Entrada livre.

• Loucuras (Av. Alvares Cabral): mais uma «quinta-feira tranquila» com a reprise de António Sala e o seu «show» de Boleros. Como sempre, (bem) acompanhado pela

Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória dirigida pelo maestro Jaime de Oliveira.



Trabalho de Helena Matta, na Codilivro

CINEMAS

• Centro British Council (R. Cecílio de Sousa, 65): «Angel» de Neil Jordan, com Stephen Rea.

• Cinemateca Portuguesa: em «sessões do Congresso sobre Inquisição», «A Paixão de Joana D'Arc» de Carl Dreyer, com René Falconetti (de 1928), às 21,30. As 18,30, A Fotografia no Cinema Português - Artur Costa Macedo, com o filme «Lisboa, Crónica Anedótica», de Leitão de Barros.

• Forum Picoas: «A Companhia dos Lobos» de Neil Jordan, com Sarah Patterson e Angela Lansbury.

• Hotel Meridien: «Le Monde Sous-Marin» de Christian Petron.

• Instituto Franco-Português (Av. Luís Bivar): «A Lua na Valeta» de Jean-Jacques Beineix com Gérard Depardieu e Nastassja Kinski.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— AREIRO — APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); CALVÁRIO: Monge, R. dos Trindades, 20-22 (T. 636704); CAMPO DE OURIQUE: Castro Fonseca, R. 4 de Infanteria, 28-A (T. 688857); AMPO PEQUENO — AVE: DA DE ROMA: Galeno, Av. de Monteiro Torres, 38-A (T. 620); CARNIDE: Guimaraes, R. Neves Costa, (T. 7140081); CONDE: MOZTEIXEIRA, R. Poço dos Agros, 117 (T. 601961); DO RESTELO — HOS: Tanara, R. Reinol, 3-A (T. 611814); FANIA: Universal, R. Gaboria, 5-7 (T. 544158); R — QUINTA DAS: Mafos Viegas, Av. R. Amélia, 34-B (T. MARQUES DE AL: Liberal, Av. da Li-219 (T. 543641); M MONIZ: Tavares, Palma, 194 (T. 863350); MORES: Branquinho, R. Sapadores, 87-89 (T. CARNAXIDE: H. Pt. António Boto, 11-A (T. 5556); CODIVEL — AS: Nabais Vicente, 19-A, Loja, Urbaniz- (T. 9816803); PON- Pimentel, Az. dos Be- R-8 (T. 991328).
O — ALTO DO usil, R. Barão de Sa- (T. 841912); ALTO O AMARO — RIO ilena, R. Aliança Ope- A-B (T. 636620); AL- : Roma, Av. de Roma, 772466); BAIXA: Va- cursal, R. da Madalena, 872060); BENFICA — CEMITÉRIO: Lis- laudino Nunes, 73-A (T. CAMPOLIDE: Im- R. General Taborda, 680931); CHELAS: de Chelas, 173-175 (T. APA: Mota Capitão, Félix, 45-B-C (T. METRO — ANJOS: R. Forno do Tijolo, 40-2); OLIVAIS SUL: R. Cidade de Vila Ca- 43 (T. 310026); SÃO AO: Sá da Bandeira, de Sá da Bandeira, 54672); BRANDOA- : Brito, R. do Co- 32-B (T. 993351); - AMADORA: Vaz R. António Ferro, 6-A (T. OLIVAL BASTO: dos Acores, 11-A (T. PRIOR VELHO: F. das Prioras (T.

Banda — AL-
Cristo Rei, Av. do 31-A (T. 2766498); COVA DA PIE- Louro, R. Alexandre o, 6-B (T. 2763517); MONTE DE CA: Nova, R. dos Traba- curais, 82 (T. 2954436); COSTA DE (CA: Chai, Av. General Delgado (T. 2403218); R. Dr. António Elvas, 2290305); Até às 22 ho- (MBRA: Leão, Av. da L. e, 13 (T. 2233471); Até às 22 horas; LAVRADIO: J. do, Av. Joaquim J. Fer- 17-C (T. 2043126); Até às 22 horas; BARREIRO: Santa R. Dr. Manuel Pacheco 44-B (T. 2072141); Per- n- : BAIXA DA BA- : Cardoso, Av. da Li- 59 (T. 2041044); Até às 22 horas; CORROIOS: Lino, Sesimbra (T. 2232841); horas; AMORA: Nobre C. ro, R. Dr. Emídio G. 314 (T. 2212923); Até às 22 horas; SEIXAL: Sorome- n. Paiva Coelho, 38 (T. 22-0); Até às 22 horas; MONTIJO: Higien, R. José Jo-

aquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; MOITA: Silva Rocha, P. da Re- pública, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; ALCOCHETE: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; SE- TUBAL: Nova, R. General Gomes Freire (T. 22052). Perma- nente; Alice, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; Rosado Pinto, P. do Bocage, 98 (T. 22484). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — AL-
GÊS: Miraflores, R. Dr. Antó- nio Granjo, 2 (T. 4101161). Perma- nente; LINDA-A-VELHA: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 419235). Até às 19 horas; TI- RES: Guimaraes, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; ALCABIDE: Car- valho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bas- tos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; PAÇO DE ARCOS: Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; OEIRAS: Oeiras, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; CAR- CAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Perma- nente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Aisir, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); MA- DORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vi- venda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; ES- TORIL: Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; CASCAIS: Misericórdia, R. do Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMA-
DORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019). Permanente; Carlos, R. Sebastião da Gama, 28, Casal de São Bas. Perma- nente; DAMAIA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até às 22 horas; QUELUZ: André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; CAMARATE: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; CACÉM: Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Perma- nente; MEM MARTINS: Qui- mia, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; MÉR- CÊS: Claro Russo, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Carga- leiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; COLARES: Abreja (T. 9290088); SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias —
MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; SCAVEM: So- ares, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; LOURES: Sálvia, Av. da Repú- blica, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas; AVEIRO: Neto, P. Agos- tinho C. P. (T. 23286). Perma- nente.

Coimbra — SILCAR, R.
Ferreira Borges, 88-94 (T. 22923); SILVA SOARES, R. Vasco da Gama, 44, Bairro Nor- ton de Matos (T. 711454); RAINHA SANTA, R. da Fi- gueira da Foz, 11-B (T. 24737).

TEATROS

Maria Matos
Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«**ESCRITA EM DIA**», Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal. Intérpretes: Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Estúdio — Teatro Mirtila Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — Tel. 267 03 20

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GALILEU GALILEI**», de Bertolt Brecht.

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)

De 3.ª a sáb. às 21.30.

«**VICTOR**» OU AS CRIANÇAS NO PODER de Roger Vitrac. Enc. de João Mota.

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10

Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA**», de António José da Silva («O Judeu»). Encenação de Carlos Avilez. Com: Rui de Carvalho, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maia, e outros.

Setúbal — Teatro de Bulso

R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 29130

De 3.ª a 5.ª, às 21.30

«**O AUTO DA BARCA DO INFERNO**», pelo TAS. Encenação de Carlos César.

Porto — Estúdio do TEP

R. do Pinheiro, 4 — Tel. 31 59 94

De terça a sábado, às 21.00

«**CATÁSTROFE OU O MUNDO DE SAMUEL BECKETT**», Encenação: Mário Viegas. Intérpretes: Cândido Ferreira, Fernanda Policarpo, Fernando Sá, José Moreira, Mário Sancho e Mário Viegas.

Porto — Teatro Sa da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)

De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.

«**O JARDIM DAS CEREJAS**», de Tchekov. Versão de João Lourenço, Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

Alges — Teatro 1.º Acto

R. Eduardo Augusto Pedrosa, 16-A — Tel. 211 50 33

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«**NÓ CEGO**», pelo Grupo Teatro Espaço.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**SAPATEADO**», de Richard Harris. Versão portu- guesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 19.00; 6.ªs e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro Estúdio d Lisboa

«**SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?**», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe. Intérpretes: Clara Joana, Luísa Ortigosa, Manuel Men- donça e Maria Dulce.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**A VIDA É UM SONHO**», de Pedro Calderon de la Barca. Espectáculo de Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Francisco Soro- menho, Luzia Paramés, António Filipe, Miguel Martins,

Teatro de O Século

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, só às 16.00

«**A MULHER DO CAMPO**», de William Wy- cherley. Pelo Teatro da Cornucópia.

Teatro de O Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quinta a domingo, às 21.30

«**DRÁCULOS JÚNIOR**», texto e encenação: Fer- nando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advita.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

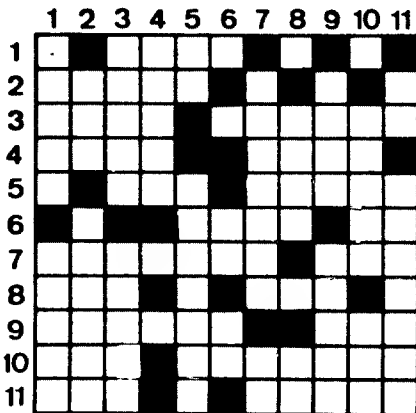
Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00
«**AQUI HÁ FANTASMAS**», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 957

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Gostar muito de. Conjunção. Artigo defi- nido.
- Deixar de andar.
- Ovários dos peixes. Variedade de granada que é pedra pre- ciosa.
- O mesmo que penol. Causa ne- nhuma.
- Figura que simboliza o povo americano. Rebento.
- Recuo. Entre os caldeus, o 5.º mês.
- Divide. Coragem.
- Nome de mulher. Doçura.
- Arma de arremesso. Unidade de trabalho.
- Nome de mulher. Roeria.
- Grande quantidade. Bradar.



VERTICAIS:

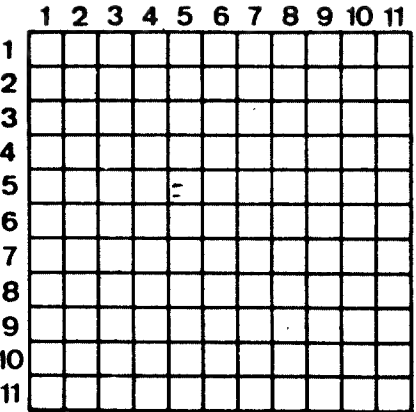
- Deus grego e romano também chamado Febo. Orar.
- Antiga capital da Birmânia. Porco que se cevou.
- Lavrás. Remunerar.
- Cidade de Itália.
- Atmosfera. Rameira que sus- tenta um rufião (gir).
- Dois consoantes desiguais. Preposição e artigo.
- Nenhuma pessoa. Pronome re- flexo.
- Involgar. Actínio (s.q).
- Está arriscado a. A classe sa- cerdotal.
- Grande petra. Esteiro.
- Boro (s.q). Impelir.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 786

HORIZONTAIS:

- Sara. Pegara.
- Preposição. Cidade de França.
- Freguesia do concelho de Pe- nafiel. Escuros.
- Nome de fruto. Pertences.
- Sorte. Volta.
- Compreenderá o sentido de. Rio de Itália. Brisa.
- Cólera. Agarrar.
- Apelido. Estacionados.
- Escudeiro. Letra grega. Pre- posição latina que designa movimento.
- Adornasse. Ave pernalta.
- Pegas. Frutos silvestres.



VERTICAIS:

- Querido. Cidade de Portugal.
- Joieira. Tempo do verbo ser. Reis.
- Vive. Nome de mulher.
- Eia! Piedosas.
- Colocar. Confusão (fig).
- Protecção. Igual. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.
- Agora. Comoveram.
- Leitura. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abe- lhas.
- Guarnição de asas. Letra grega. Érbio (s.q).
- Rio de França. Caruma.
- Ouro (s.q). Remedeia. Ofere- ces.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 956

HORIZONTAIS:

- Telhas. NA.
- Acuaram. Per.
- Rã. Nero. Ega.
- Drogar. Aram.
- Colai. Ira.
- Não. Brigar.
- Cr. Aru. Coma.
- Are. Alta.
- Es. Honra.
- Pitágoras.
- Joa. Asila.

VERTICAIS:

- TARDANÇA. PI.
- Ecar. Arreio.
- Lu. Oco. ESTÁ.
- Hango.
- Areal. Rã. Gl.
- Sarrabulho.
- Mo. Ir. Torá.
- O. Içaras.
- PERIGO. Asi.
- Negaram.
- Aramara. Ává.

PROVERBIO: Na tardança está o perigo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 785

HORIZONTAIS:

- Torrozeiro.
- Rio. Rasto.
- EN)3 Armamar. Oom.
- Noas. Uai! Ca.
- Saldaram.
- Ecou. Aaro.
- Irem. SS. Cás.
- Ri. Id. Lava.
- Amorosa. Rir.
- Selaram. Asa.
- Sam. Lesmas.

VERTICAIS:

- Trandeiras.
- Oiro. Crimes.
- Roma. Oêl Olá.
- Assumira.
- Mio. Dor.
- Aulas. Sal.
- Erradas. Ame.
- Lá. Iar.
- Oso. Roçaram.
- Toca. Avisa.
- Somam. Saras.

Radio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A viver também se aprende; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.35: Sinfonia, n.º 2, em dó menor, «Ressurreição», de Mahler; 17.00: Integra; 17.25: Música portuguesa; 18.40: Canções; 19.20: Concertos; 20.40: Grandes intérpretes; 21.30: Sinfonia, n.º 8, de Mahler; 23.45: Solos instrumentais; 00.30: Suite «Fogo-de-Artifício», de Händel; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RADIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: E de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RADIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OME FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Cantar português; 23.00: Bola Branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 20.30: Meia de música; 21.00: Palácio de Cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

RTP

17.30 - Mira Técnica

Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário

18.05 - Brinca Brincando

«O Pequeno Inventor» e «O Casamento do Robot»

18.50 - Par ou Impar

19.20 - Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.05 - Palavras Cruzadas

24.º Episódio: - A fotografia tirada a Rui na boite aparece num jornal acompanhada de um comentário em que o consideram o animador da noite. O treinador de Rui vê a notícia e comunica-lhe que o vai pôr no «banco» até ver. Helena fica contente ao ler a notícia no jornal e, pouco depois, tem conhecimento, através da filha, de que João e Margarida casam no dia seguinte. Apesar de aparentemente desinteressada do assunto, Helena garante que eles se hão-de arrepender. Luis conta a Helena que Filipe o foi consultar e que ficou preocupado com o seu estado de saúde.

20.50 - Europa Especial

21.40 - Face a Face

Com Maria Betânia

22.10 - As Blue Bell

3.º Episódio

23.00 - 24 Horas

23.35 - Remate



No 1.º canal, às 22.10 «As Blue Bell»



15.05 - Agora, Escolha!

16.30 - Notícias



No 2.º canal, às 20.30 «Uma Família às Direitas»

16.35 - Trinta Minutos Com...

Helena Kendal

17.05 - Countdown

18.00 - Estádio

Patinagem Artística - Campeonato da Europa

19.00 - Nino Show

20.00 - Notícias

20.05 - 5ª Dimensão

88.º Episódio: - Jana está sentada na sala com os pais a folhear um álbum, enquanto Nelda, pensa como deve ser bom nunca envelhecer. Mas a perfeição e a rotina da casa revoltam-na contra o facto das cinco criadas serem «robots» construídos pelo pai e pede-lhe que os destrua. Mas quando da conversa com a família, repara nas estranhas impressões que surgem nos seus rostos.

Realizador: Jack Smith

20.30 - Uma Família às Direitas

63.º Episódio

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - E de Ler

«Fábulas» de Trindade Coelho

21.35 - A Quinta do Dois

Programa de variedades, de humor, e de diálogo, conduzido por Carlos Cruz.

AMANHÃ

RTP-1

17.30 - Mira Técnica
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.05 - Palácio dos Sonhos
21.50 - Tudo é Espectáculo
22.50 - Hitchcock Apresenta
23.20 - 24 Horas
23.50 - Remate

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - E de Ler
21.35 - Contraponto
22.35 - Meu Filho, Meu Filho
23.35 - Uma Boa Ideia



AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

Brinca Brincando

RTP 2

5ª Dimensão

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

1. Rua Betânia, 17 - Lisboa
2. Rua Quinta do Anjo, 405 - Lisboa
3. Tel. 414/111



«Palavras Cruzadas»



PORTE
PAGO



Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 369 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do «DL» na Madeira: 40\$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

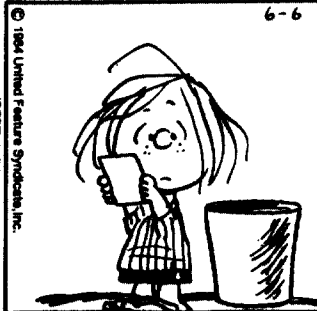
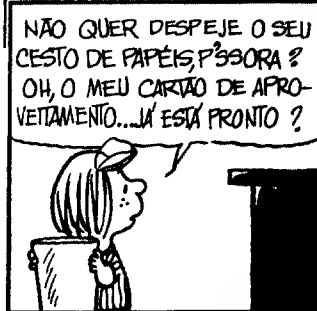
Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Pêra Santos

ÚLTIMA HORA

Os norte-americanos Jimmy Connors e John McEnroe eliminaram sem dificuldades os seus adversários na segunda jornada do torneio de ténis dos Estados Unidos em recinto fechado. Connors, segundo cabeça de série, afastou da prova o soviético Andrei Chesnokov e McEnroe, quinto cabeça de série, eliminou o seu compatriota Paul Annacone. Elliot Teltscher é o próximo adversário de Connors, enquanto McEnroe defrontará Joahn Kriek.



Castrim em hora de balanço: 'fui um exilado da vida'



Mário Castrim, que durante 20 anos foi crítico de televisão no «DL», disse numa entrevista ao último número da revista «Grande Plano», da RTP, que nesse tempo foi «um exilado da vida, exilado da rua», mas «não um escravo». «Foram 20 anos que não digo de sacrifício, porque gostava do que fazia, mas durante os quais nunca comi com a família».

«A minha vida familiar», acrescentou, «resumia-se aos intervalos dos programas, comia sempre num tabuleiro frente ao televisor e não contactava com ninguém; era o meu trabalho e ninguém podia falar ou fazer barulho». Mário Castrim comparou o seu dia-a-dia de crítico de televisão ao de «quem entra para um convento».

Noutro passo da entrevista, Mário Castrim, confessou «que era a escrever que se divertia». «Antes do 25 de Abril», adiantou, «as pessoas liam-me por gozo, por prazer, porque as fazia rir com uma observação ou com a invenção de uma palavra». «Elas nem se davam conta de que rindo também estavam a ser inteligentes, porque colaboravam num projecto que eu lhes apresentava, mesmo sem lhes dizer claramente qual era». «Depois do 25 de Abril», prosseguiu, «desapareceu muito desse aspecto lúdico da linguagem; a luta tornou-se muito mais em campo aberto, e por sua vez os meus leitores também se orientaram em diversos leques políticos e sectores partidários; aí, fragmentou-se muito a simpatia que tinham por mim».

Robot "desactiva" explosivos na "Segurex-87"

Um robot de braços articulados que desactiva engenhos explosivos é uma das principais atrações da «Segurex-87» — Salão Internacional de Protecção e Segurança — ontem inaugurado na Feira Internacional de Lisboa.

No certame estão patentes nos próximos quatro dias mais de uma centena de expositores que mostram as modernas técnicas aplicadas à segurança e prevenção.

A «Segurex-87» ilustra a relação cada vez mais estreita entre as indústrias eléctricas e electrónicas e a segurança, e o crescente recurso a engenhos sofisticados nas acções de prevenção.

No certame estão representadas empresas empenhadas no desenvolvimento de tecnologia e equipamentos de segurança nas mais diversas áreas: contra a intromissão roubo e agressão, incêndios, segurança laboral, prevenção rodoviária e de meios de transporte, catástrofes naturais, nucleares, vigilância e protecção do mar e do meio ambiente.

Presos dois especialistas do conto do vigário

Agentes da Brigada de Prevenção e Vigilância da Polícia Judiciária prenderam ontem de manhã, na garagem da Rodovia Nacional, à Av. Casal Ribeiro, em Lisboa, dois conhecidos burlões especialistas no método do conto do vigário.

Os detidos, referenciados pela Polícia como «Cabeças», de 54 anos, que se diz motorista e o «Galinhas» com 77, natural de Lisboa e que já exerceu a profissão de comerciante, preparavam-se para embarcar com destino a Paris de onde seguiriam para a América.

Ambos têm actuado em vários países, em especial na América do Sul, pelo que interessam a diferentes polícias.

No momento da prisão tinham consigo alguns documentos falsos: o «Galinhas» era portador de uma carta de condução falsa que lhe permitiria alugar automóveis para a prática de crimes ou para os transaccionar; o «Cabeças» tinha em seu poder bilhete de identidade e passaporte falsos e três impressos em branco para carta de condução.

D/E/C/A/R/A/S/



FERNANDO PESSOA, no caso pela escrita do seu heterónimo Bernardo Soares, está a ser um êxito editorial em Itália, só ultrapassado pelo «Nome da rosa», de Umberto Eco. Os dados comprovativos das elevadas vendas de «O livro do desassossego» («Il libro dell'inquietudine») constam da tabela publicada por «Il Messaggero», de Roma, mas são reforçadas pelos elementos disponíveis quanto à edição da Feltrinelli: três edições em apenas três meses, com cerca de 20 mil exemplares já vendidos.

MARIA CALLAS passa a ser mais acessível aos melómanos portugueses, com a importação, para venda no mercado português de uma série de dez discos com óperas por ela interpretadas. No lote encontram-se óperas de Puccini («La Bohème» e «Madame Butterfly»), de Verdi («Rigoletto», «Il Trovatore» e «La forza del destino») e de Donizetti («Lucia di Lammermoor»).

LITOS foi, inopinadamente



ou talvez não, afastado, em cima da hora, do «team» de «esperanças» que competiu com os italianos em Alvalade. O jovem internacional sportinguista foi mandado sair do autocarro quando iniciava a viagem e, agora, está suspenso por (diz-se...) palavras trocadas com responsáveis federativos.

SAM NUJOMA, presidente da Organização Popular do Sudoeste Africano (SWAPO), deverá visitar oficialmente o Brasil em Março, a convite do ministro dos Negócios Estrangeiros, Abreu Sodré. Esta será a primeira vez que um dirigente daquela organização visita o Brasil, neste caso com visitas ao Rio de Janeiro e Brasília, onde Nujoma será recebido pelo presidente José Sarney e pelo ministro Abreu Sodré. Nujoma e Sodré encontraram-se em Luanda, em Novembro, durante uma hora, tendo o responsável pela diplomacia brasileira reiterado o seu apoio ao dirigente namibiano.

MELO LAPA, jornalista e um dos mais conceituados



gastrónomos portugueses, intervirá na próxima terça-feira, dia 17, na Sociedade de Língua Portuguesa, com uma dissertação sobre o tema «Comer, beber, cozinhar e escrever». Membro da Confederação dos Gastrónomos do Alto Minho e coordenador do suplemento «Comida» do «Diário de Notícias», Melo Lapa deverá evocar alguns jornalistas e escritores, obviamente entre os que se distinguiram pelo seu interesse pela gastronomia (e não foram poucos...).

CESAR TORRES, director do Rali de Portugal, foi agraciado pela Câmara de Fafe com a Medalha de Prata de Mérito Municipal. Segundo disse o presidente da Câmara, durante a cerimónia de entrega da medalha, tal ficou a dever-se a «tudo quanto o director do rali de Portugal tem feito por Fafe». César Torres responderia, salientando quanto se sente honrado com esta distinção: «Já fui condecorado pelo Governo e pelo Presidente da República. Mas é a primeira vez que uma autarquia me homenageia».

De 23 a 26

de Fevereiro

"Le Monde"

na Faculdade de Letras

Os leitores de Francês da Faculdade de Letras de Lisboa (Departamento de Linguística), em colaboração com o jornal «Le Monde» e com os serviços Culturais da Embaixada de França, organizam de 23 a 26 do corrente uma série de iniciativas visando um maior conhecimento da Imprensa francesa.

Eis o calendário:

No dia 24, às 10 horas, na Sala de Exposições da FLL, abertura da exposição «Presse Française: 'Le Monde' et le Portugal depuis 1974.» Atenção: haverá um quiosque de venda de jornais e revistas francesas.

No dia 26, sob o lema «Portes Ouvertes sur 'Le Monde'», um encontro de estudantes com o jornalista Batifoulier Christian e o desenhador Plantu, ambos daquele jornal francês. Plantu fará desenhos ilustrativos dos temas abordados durante o diálogo. Local e hora: Sala de Exposições das 10 e 30 às 12 horas e das 15 às 16 e 30.

No mesmo dia, mas agora no Anfiteatro I, às 17 horas, J.-M. Dupont pronuncia uma conferência sobre «A independência da Imprensa e o movimento estudantil actual», com a presença de Francisco Pinto Balsemão e José Rebelo (moderador). Esta conferência será proferida em francês.

João Ruella Ramos morreu há 15 anos

Passou ontem o décimo quinto aniversário do falecimento do dr. João Ruella Ramos, antigo presidente do Conselho de Administração da Renascença Gráfica, empresa proprietária do nosso jornal. Assinalando a data, foi mandada celebrar, pela família do extinto, missa de sufrágio na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, ao Prazeres.

LER ESCRIVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.
TELEX: 12363

N.º 290

Clip



Maria Velho da Costa

■ Dom Quixote, novas ficções

A *Dom Quixote* anuncia para breve, na sua colecção *Autores de Língua Portuguesa*, um novo romance de José Cardoso Pires, *Alexandra Alpha* de seu nome. Além disso, também Maria Velho da Costa publicará, na mesma editora, o seu novo romance *Missa*, do qual o último número da *Vértice*, homenageando José Gomes Ferreira, divulga um excerto prometedor. A *Dom Quixote* conta ainda iniciar a publicação das obras de João de Melo, com *O meu reino não é deste mundo*. O autor está a concluir outro romance que será editado a seguir. Lobo Antunes publicará igualmente, na mesma editora, o seu novo romance *O regresso das caravelas*. Quanto ao *Viúvo* de Dacosta, que foi editado pela Dom Quixote e pelo Círculo de Leitores, a *Du Seuil* está a estudar a possibilidade de editar uma sua tradução francesa.



José Cardoso Pires



António Lobo Antunes

■ Lídia Jorge

Novidades Europa-América: está no prelo a sexta edição de *Notícias da Cidade Silvestre*, de Lídia Jorge, re-

centemente galardoada com um prémio da Câmara Municipal de Lisboa.

■ Gonzalez

Idos e Calendas, de José Carlos Gonzalez, é lançado pela Caminho no próximo dia 19 na Casa da Imprensa. Fernanda Lapa dirá poemas do autor, que é apresentado por João Rui de Sousa.

■ Artes e Ideias

Arrancou a Primeira Mostra Portuguesa de Artes e Ideias, subordinada ao tema **Portugal**. A mostra estará no Forum Picoas em Outubro, pretendendo constituir um momento alto da actividade juvenil no domínio artístico. Para preparar a Mostra foi criado um Clube Português de Artes e Ideias, cujo presidente é Jorge Manuel B. Xavier. Carlos Pimenta, Helena Vaz da Silva, Agustinha Bessa Luís e Amália Rodrigues são algumas das personalidades que integram a sua Comissão de Honra. Da pintura à música e do teatro à dança, jovens entre os 16 e os 30 anos vão dar o seu melhor para levar por diante a iniciativa. As informações podem obter-se no respectivo secretariado, Av. Duque de Avila, 135, 7.º, em Lisboa, ou pelo telefone 53 50 81 (extensão 87).

■ Prémio por Cesário

Cesário e a Duplicidade do Olhar, de Maria da Graça de Melo Borges, e *Cesário Verde ou a Transformação do Mundo*, de Fernando Manuel Cabral Martins, ganharam **ex aequo** o «Prémio João Pinto de Figueiredo», ontem entregue na Livraria Barata. O júri do prémio, que foi criado pela viúva do autor de *Cesário Verde*, foi constituído por Joel Serrão, David Mourão-Ferreira, António Pinheiro Guimarães, José Blanco e Rui Feijó.

■ Óscar Lopes

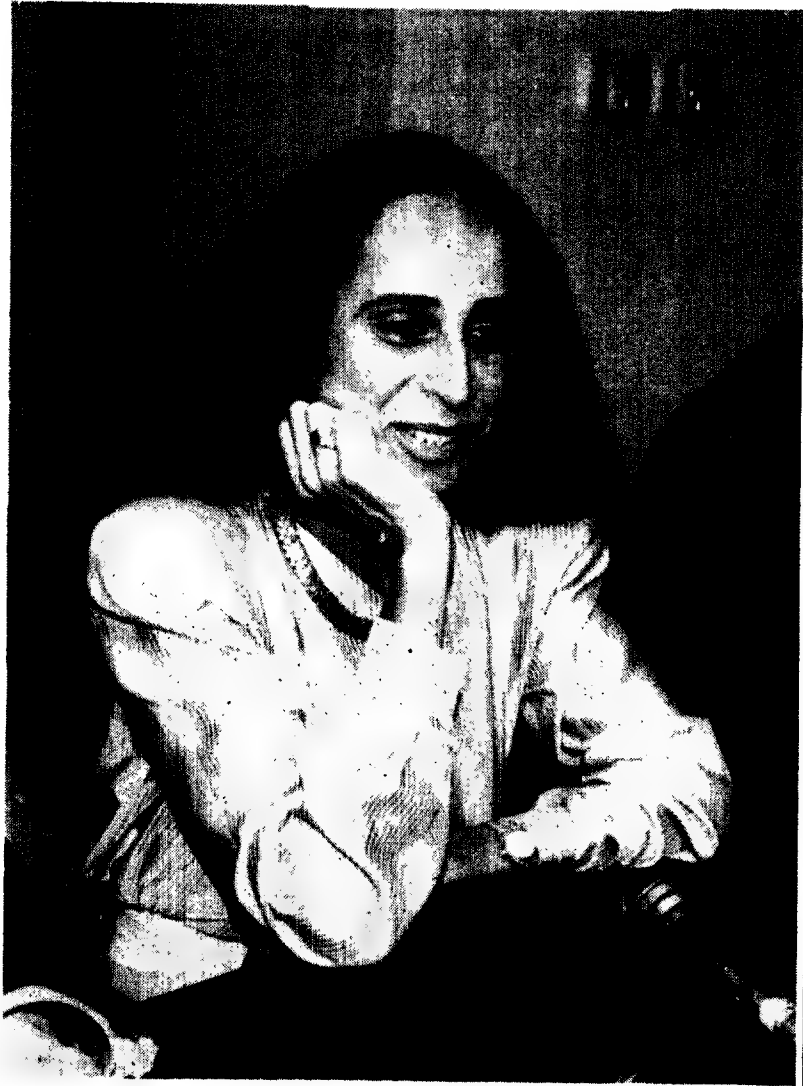
Óscar Lopes profere em Maio a sua última lição, no âmbito da **Quinzena de Letras** da Universidade do Porto. A associação local de estudantes vai homenagear o autor e o professor insinuando

ao mesmo tempo o **Prémio de Poesia Oscar Lopes**.

■ Sophia

Sophia de Mello Breyner é, desde esta semana, chanceler das Ordens Na-

cionais. Os outros dois novos chanceleres são Azeredo Perdigão e António de Spínola (respectivamente para as Ordens de Mérito Civil e Militares). A posse teve lugar segunda-feira e foi conferida pelo dr. Mário Soares.



■ Bethânia Guerreira

Aí está Maria a **Mulher**, Bethânia a **Guerreira**, como ontem disse na conferência de Imprensa que precede a sua série de espectáculos no Coliseu. Chegou e viu, vai bisar, ainda não venceu. Voltaremos a ver a Bethânia de «Alibi», que vendeu um milhão de discos do Brasil? (Foto José Tavares)

Esculpir alegria

Entro na sala de exposições do 1.º andar da Sociedade Nacional de Belas-Artes. A sala foi invadida por estranhos animais. Olhando melhor, talvez sejam brinquedos. Ou perguntas feitas por um escultor à pintura. Ou às cores. Ou à alegria. Ou à procura das formas. A um canto, sentado, adivinho ser o autor dessas formas. Chama-se Moisés Preto. Tem 23 anos. É a sua primeira exposição individual.

A minha primeira reacção é de surpresa. Demoro algum tempo a habituar-me a estas estranhas peças escultóricas que parecem rir, ou provocar quem delas se aproxima. Começo a descobrir que são constituídas em parte, todas elas, por peças de pedra negra, à qual foram ligados elementos de outros materiais (metal, madeira, plástico) de cores vivas, ainda mais vivas perto do negro bruto da pedra.

Acabo por deparar com um dos «animais», de constituição um pouco mais complexa: naquilo que seria o dorso está reproduzido, na mesma pedra negra, um xilofone. «Não queres experimentar tocar?», diz ele. Primeiro penso que é brincadeira, mas acabo por experimentar. E não é que começam a sair sons musicais, lindos, desconcertantes? Es-

cultura que toca. Animal com música. Humor colorido.

O Moisés explica-me depois a origem de tudo isto. Diz-me que os seus trabalhos anteriores, em que a pedra não era utilizada mas sim o metal, as fibras plásticas e sempre as cores vivas estiveram ligados a uma procura de movimento; eram peças contendo mecanismos, algumas das quais pensadas para uma intervenção humana. «No ano passado, por exemplo, fiz uma balança que era para ter em cada braço um enforcado suspenso. Uma pessoa a fazer de enforcado.» Explica-me também que sente necessidade de utilizar cores vivas, de transmitir alegria, de criar peças que, tanto pelo prazer de as fazer como pela aparência possam ser como que brinquedos, só que brinquedos para adultos.

Não lhe agrada que sejam constituídas, como muitas vezes acontece em escultura, por um só material, uma só cor. E sendo a utilização de cor uma das coisas importantes, tem encontrado nas resinas químicas, com as quais modernamente

se pode moldar formas nas quais é possível aplicar cor, um importante meio de expressão.

Quanto à presença de partes em pedra em todas as peças desta exposição, explica-me que a escultora Clara Menéres,

professora da ESBAL, que ele frequenta, foi subsidiada, no ano passado, pela Gulbenkian, para fazer, com alunos daquela escola, uma pesquisa sobre as potencialidades da ardósia como material para escultura. Foi assim que, participando nessa pesquisa juntamente com alguns colegas, veio a utilizar esse material, o que consiste numa inovação no campo da escultura em pedra, pois até agora a ardósia não tinha sido explorada com esse fim.

Pergunto-lhe qual é a sensação de fazer uma primeira exposição individual. «Isso foi a maior alegria que tive. No dia da inauguração, senti que transmitia alegria às pessoas. Algumas chegaram a perguntar se eram ou não esculturas...»

Exposição de escultura de Moisés Preto
Paulo / Sociedade Nacional de Belas-Artes / de 3.ª a dom., das 15 às 20 horas / até 22 de Fevereiro.

Manuel Cintra



Arthur C. Clarke

Regressa à Coleção *Nébula* com a sua obra mais recente

CANÇÕES DA TERRA DISTANTE

Milénio terceiro: um mundo novo e maravilhoso, *Thalassa*, torna-se o lar de uma das pequenas colónias fundadas séculos atrás pelas naves-mães. Nesse mesmo milénio dá-se o fim da Terra. Em *Thalassa* o idílio foi quebrado pelo aparecimento de uma nave com um milhão de refugiados em hibernação.

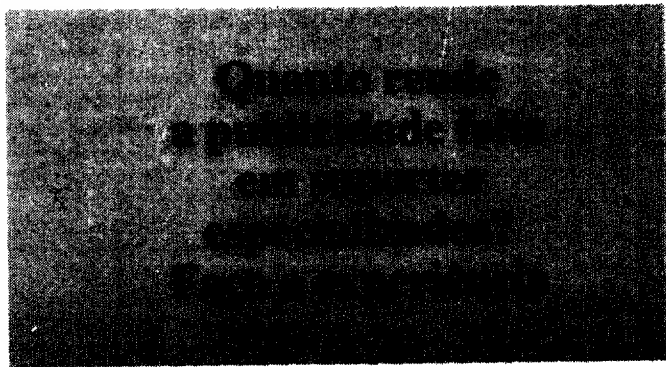
Arthur C. Clarke, na sua obra, publicada recentemente nos Estados Unidos e agora em Portugal, apresenta um trabalho não de fantasia mas de ficção científica no sentido estrito do termo, na mesma linha de 2001 — Odisseia no Espaço e 2010 — Segunda Odisseia.



EUROPA-AMÉRICA ...
... a memória no futuro

Na terça-feira

Sete Ponto Sete



Jacques DERRIDA: Ulysse gramophone. Deux mots pour Joyce. Galilée, 1987, 143 pág., 62FF.

ESTE belo ensaio retranscreve duas conferências dedicadas a Joyce. A primeira, «Deux mots pour Joyce», foi proferida em 1982 no colóquio «Pour James Joyce» (Centre Pompidou) e a segunda, «Ulysse gramophone», abriu, em Junho de 1984, o James Joyce International Symposium (Frankfurt).

As palavras, em Derrida, nunca são lançadas ao acaso. Em *Ulysse gramophone*, «gramofono» reenvia não só ao facto da obra ser uma retranscrição de um discurso oral, mas ainda à presença de toda a aparelhagem fónica (telefone, gramofono) que circula nos textos de Joyce: *Ulysses* e *Finnegans Wake*. O termo «conferência», quanto a ele, adapta-se perfeitamente (pelo próprio facto da conferência ser sempre imperfeita, traduzida, percebida e entendida de várias formas) — a *Ulysses*, uma vez que a conferência remete para a circunferência, a «circum-navegação». Logo de início notamos que esta circunferência transborda, que a navegação se efectua sob temporal. Assim, a escrita joyciana participa dessa grandeza que vos transborda porque demonstra uma «hipermnésia que logo nos endivida» (pág 22). Hipermnésia das línguas, de todas as línguas que se cruzam, se misturam, dando lugar a uma guerra das palavras, das letras, das línguas. É o que assinala o «He War» de *Finnegans Wake* que

faz apelo não só à palavra divina como também à guerra, na medida em que «declarar é um acto de guerra». Joyce cria Babel, declara a guerra à língua pela língua. Joyce aplica o sistema do «enxerto» (greffe) de uma língua no corpo de uma outra, inventa uma máquina monumental, «máquina hipermnésica capaz de armazenar, numa imensa epopeia, com a memória ocidental, todas as línguas do mundo, até às marcas do futuro» (98). E Joyce, assim como o deixa entrever Derrida, antecipa e prevê, não só todas as línguas passadas e futuras, como também todos os acontecimentos, todas as situações. Se Derrida nos conta algumas experiências suas em Tóquio ou em Ohio, é, por um lado, para nos deixar entender que já foram vividas em *Ulysses*, nomeadamente no que diz respeito à carta, ao postal, ao telefone. Por outro lado, a narração das experiências visa a retardar o momento de falar de «coisas sérias», pois Derrida, não sendo um «especialista» de Joyce (ainda que Joyce circule nos textos derridianos como «La Pharmacie de Platon» (ver *La Dissémination*, Seuil, 1972), *Glas* (Galilée, 1974), e *La Carte postale* (Aubier-Flammarion, 1980) — fica intimidado diante do círculo, da família dos peritos.

Derrida, sempre malicioso, retira-se para melhor se impor. Na realidade, há e não há, simultaneamente, peritos joycianos. A máquina de Joyce, ao prever tudo, destrói as raízes da competência joyciana, principalmente a partir da questão da assinatura (reenviávamos, para este tema a Margens da Filosofia (Rés) e a *Otobiographies*

(Galilée, 1984). Derrida enuncia p. tanto o paradoxo do saber joyciano, ou seja o saber paradoxal: «1. Nenhuma verdade pode vir de fora da comunidade joyciana e sem a experiência, a astúcia e o saber acumulados por leitores supertreinados. 2. Mas, inversamente ou simetricamente, não há modelo para a competência joyciana, não há interioridade ou clausura possível para o conceito de uma tal competência» (pág. 107). A assinatura releva do performativo, como o «sim-sim» que dizemos, o «sim» telefónico que afirma a presença, como este «Yes» com o qual acaba *Ulysses* onde os «sim» surgem centenas de vezes. «Yes» é a palavra mais importante, a mais intraduzível também; deve ser lido em inglês (Joyce joga com «eyes» e «yes») e pode ser ouvido em francês (Derrida joga com «oui» (ouvido) e «oui» (sim)). O «sim» é o suplemento indelével de qualquer verbo (a dívida infinita, como o indica o anagrama inglês do OUI francês: IOU (I Owe You)). O «sim» final do livro é o «sim» inaugural da presença, o sinal de que «nunca estamos sozinhos», como acontece no riso (e toda a obra de Joyce se revela como um enorme riso). «Sim» antecede tudo, é a própria palavra do inconsciente que não conhece o «não». O «sim», escreve Derrida, é como «o perfume de um discurso». Aliás, o que faz Molly senão dizer «sim» a todos os perfumes? Daí, Derrida teria podido intitular o seu discurso «do performativo em *Ulysses*» (p.129).

Chaké Matossian

Poemas Escolhidos, Ezra Pound, Dom Quixote

COM um esclarecedor comentário à importância da poesia de Ezra Pound no impulso criador que dinamizou o «Imagisme» inicia-se a leitura de «Ezra Pound — Poemas Escolhidos». Absorvente pela clareza discursiva do seu prefaciador e tradutor José Palla E Carmo! Uma boa razão e um excelso motivo para se penetrar «Cino», o primeiro poema deste livro.

Acerca deste primeiro texto direi que me toca pelo seu contagiante e musical lirismo. Pelo que, ao interiorizá-lo, me senti a escutar distintas sinfonias de Bach formadas a partir do mesmo tema. Logo: perante «sui generis» barroco melómano onde o imaginário (infinitamente livre dos sons) é guiado pela palavra. Passo a citar: «Bah! Já cantei acerca de mulheres em três cidades, / Mas é tudo a mesma coisa; / E vou cantar acerca do Sol. / (...) / Já cantei acerca de mulheres em três cidades, / Mas é tudo a mesma coisa. / Vou cantar acerca do Sol. / ...eh?... a maior parte delas tinha olhos cinzentos, / Mas é tudo a mesma coisa, vou cantar acerca do Sol. / (...) / Já cantei acerca de mulheres em três cidades. / Mas é tudo a mesma coisa. / Vou cantar acerca de pássaros brancos / Nas águas azuis do céu, / As nuvens que são espuma para o seu mar.»

Guiado por irreverente palavra, entenda-se! Anote-se o tom despreocupadamente oral com que se escreve.

E esta rebeldia prolonga-se nos poemas seguintes. Cito: «Os teus cantos? Oh, as mãezinhas / Cantá-lo-ão ao crepúsculo, / E quando a noite / Se encolhe com o beijo da madrugada / (...) / Dirão a rir os teus versos uns aos outros (...).»

Rebeldia multifacetada, reconheço ao ler «Leucis, que almejava a uma grande Paixão / Acaba por não ter mais do que boa vontade em ser prestável.» Ou: «Ao estudar com



Ezra Pound

tes rostos na multidão: / Pétalas num ramo molhado, negro.» Ou: «(...) Ó Deus, ó Vénus, ó Mercúrio patrono dos ladrões, / Emprestai-me uma tabacariquinha, / ou instalai-me noutra atenção os curiosos hábitos dos cães / Sou forçado a concluir / Que o homem é o animal superior. / Ao estudar os curiosos hábitos do homem / Confesso, meu amigo, que fico perplexo.» Ou: «Erinna é uma mãe modelo, / os seus filhos nunca descobriram os seus adultérios. / Lalage é também uma mãe modelo. / Os seus rebentos são gordos e felizes.»

Uma rebeldia analítica, microscopicamente banhada de leituras, viagens efectuadas. Matematicamente calculada em filosóficas tiradas satíricas onde o desencanto é canto. Sedução! É-o e o autor di-lo. Sabe-o, claramente lendo dentro de si e nos outros... Cito: «O aparecimento desprossado qualquer / Que não neste maldito ofício de escrever, / em que se puxa pela cabeça de manhã à noite.»

Embrenhamo-nos na escrita de Ezra Pound e apercebemo-nos estar perante um cultor do concreto. De um experimentalismo em que tudo é COISA. Como se ele fosse o Edmund Husserl da poesia!, constato deslumbrada. Ignorava o rosto estético da fenomenologia, dessa ciência em que tudo é objecto. Sólida exis-

tência porque pertença do manifesto. Note-se que viajo pelo livro. Que ao fazê-lo me sucede algo de semelhante ao descrito em «Dans Un Omnibus De Londres». E, porque isso me acontece, rememoro o filósofo Edmund Husserl de «Investigações Lógicas».

Viajo pelo livro... Chego a «Cantos» que se me apresenta um conjunto de epopeias em que figuras mitológicas e históricas aparecem sapiencialmente captadas. Epopeias em que o riso eclode quando, por exemplo, lemos o final do «Canto XII» que passo a transcrever: «Não sou o teu pai mas a tua mãe, disse ele, / O teu pai era um rico mercador de Istambul.» Em que o silêncio se instala perante a densa simplicidade valorativa do «Canto LI»: «Reluz / na mente do céu Deus / que o fez / mais do que o Sol / em nossos olhos. (...) / A usura é contrária à expressão da Natureza.»

E em silêncio me fico, a cabeça em rodopio perante o «Canto LXXX», e a repetir: «Amo ergo sum, e precisamente nessa proporção.» Em silêncio, mas só depois de recomendar a atenta leitura do capítulo IV do «Prefácio» de José Palla E Carmo. Porquê? Entendê-lo-ão ao ler os «Cantos»...

Ana Paula Portugal

A grande antologia do Círculo de Leitores acaba de sair

Tomai lá do O'Neill

«Tomai lá do O'Neill», a grande antologia que o Círculo de Leitores desejaria ter encomendado ao próprio poeta, está já em distribuição, ilustrada pelas fotografias do filho, Alexandre Delgado O'Neill. O organizador da antologia é António Tabucchi, director do Instituto Italiano de Cultura, de quem, com a devida vénia, aqui reproduzimos o estudo-prefácio intitulado «Riso, Dor, Bichos e Sono», incluído na edição.

Entretanto, está ultrapassado o problema técnico surgido com os primeiros exemplares da edição — que, distribuídos, foram de novo recuperados, pelo Círculo, para substituição: alguns versos caídos tornavam incompletos certos poemas. A emenda foi feita em todos os restantes exemplares.



Riso, Dor Bichos e Sono

António Tabucchi

1. Insolente, escarminho, seco e lapidar, o verso de Alexandre O'Neill é o símbolo e o porta-voz de uma poesia que se opôs com tenacidade e lucidez exemplares ao salazarismo, sem no entanto ceder ao populismo fácil e à retórica.

Tendo aprofundado precocemente à poesia com o Movimento Surrealista de Lisboa de 1948, do qual foi um dos mais activos promotores, O'Neill viveu uma breve temporada surrealista em clave libertária e anarcóide, como provocação, como alforria aos mitos da cultura oficial; quando lhe parece que também o surrealismo português se vai transformando em simulacro e decálogo, abandona-o polemicamente (estamos em 50 e O'Neill tem vinte e seis anos) por uma poesia que ele próprio definiu como da «verdade prática»: uma poesia civil, vigilante e clarificadora. Tempo de Fantasmas (1951) e No Reino da Dinamarca (1958) são os títulos simbólicos dos dois primeiros volumes desta nova fase: os fantasmas são os surrealistas portugueses, com a sua insurreição generosa mas estéril, toda ela literatura, e são simultaneamente os fantasmas que ficaram em circulação e dos quais a poesia dos surrealistas, marcada pelo lirismo trágico e pelo berro de raiva e de protesto, não conseguiu desembaraçar-se. No Reino da Dinamarca, com a sua explícita referência shakespeariana, é, pelo contrário, em tons um tanto alucinados e febris, um drama que tem por trama o mester de viver numa província ibérica esquecida da Europa e por ela esquecida. Mas consciente de que, se a poesia pode ter uma função civil, ela será, antes de mais, a de desimpedir o campo dos falsos mitos e dos fingimentos, O'Neill destrói a imagem de um proletariado heróico criado pelo neo-realismo e restituiu-o à sua condição anti-heróica, à dor surda e latente, à melancolia quotidiana; e a bandeira da «verdade prática», da poesia-vida, é o verso áspero, essencial, coloquial, muitas vezes prosaico: um verso em que já não há lugar para a Musa, seja qual for a «literatura» de que seja a madrinha.

Fazendo-se intérprete de uma vida mesquinha e não cantável, sempre ignorada pela poesia com maiúscula, O'Neill filtra-a nas sucessivas colectâneas de que os títulos são a metáfora e o paradigma. A colectânea de Abandono Vigiado (1960), por exemplo, patenteia no título o propósito de conter os vícios do lirismo e do efeito fácil através da clamorosa reivindicação de uma poesia que seja «Topada, lixa três, serra-

ção, vidro moído, papel que se rasga ou pedra que rola na pedra...»; enquanto as imagens do homem imobilizado na soleira da porta e do homem-mosca enclausurado a zumbir entre a cortina e o vidro, a que nos remetem os títulos de De Ombro na Ombreira (1969) e Entre a Cortina e a Vidraça (1973), acrescentam à paisagem deste ibérico reino da Dinamarca um grotesco torpor. Único interregno sentimental, as submissas poesias da festa popular, acanhada e melancólica, de Feira Cabisbaixa (1965), onde aliás começa a encontrar um adequado espaço de tratamento aquele problema da linguagem do qual desde o período surrealista, com as poesias sobre as palavras, O'Neill sentira a urgência. A exploração da linguagem dá-se a vários níveis e em várias direcções. No seu furioso, mas na realidade metódico e pertinaz reconhecimento do expressionismo linguístico, O'Neill mede a sua trigonometria do português: no plano das abscissas, do sintagma, o despedaçamento da sintaxe, o anacoluto plebeu, a proposição elíptica iconicamente retirada de empréstimo à publicidade, o deverbal dos discursos oficiais assumido em função parodística, o estereótipo, o lugar-comum revisitado. No plano das coordenadas, o paradigma do português hodierno: um autêntico perfil sociológico do léxico que vai da gíria subproletária dos subúrbios de Lisboa à paródia da linguagem pequeno-burguesa, até à palavra recuperada ou polissemantizada. Um léxico que regista isomorficamente o calão e o cultismo, o coloquialismo e o arcaísmo, a onomatopeia, a palavra manipulada e ressemantizada através da aglutinação e da apócope, se não até a invenção pura e simples. Mas, principalmente, a gíria — e penso especialmente nas prosas poéticas de As Andorinhas não têm Restaurante (1970): o calão amiúde escarminho e desencantado do subproletariado urbano que O'Neill regista com minúcia e que lhe serve para «lixa três» da sua poesia. Para dizer sem maiúscula a vida.

2. Para tentar uma leitura não conformista da poesia de O'Neill, proponho uma leitura do seu populoso besteiário: um besteiário também ele muito pouco conformista, que contém animais curiosos: peixes (um chernie, uma carpa, um peixe desconhecido made in Portugal), um macaco, gatos, cães, muitos insectos (vespas, formigas, moscas, grilos), animais voláteis domésticos (galinhas, pombos, perus), cisnes, cabras, rãs e lagartos. Para terminar, um sinal insólito e mecânico (um cavalo de Tróia) e um exemplar de uma espécie muito rara, de uma fisiologia complicada mas que pertence de qualquer maneira aos seres alados: um anjo da guarda. Um anjo da guarda que, com um rato, cabe a cada português num poema do livro de O'Neill, As Horas já de Números Vestidas, publicado em 1981.

O besteiário de O'Neill mereceria sem dúvida um capítulo à parte no hipotético manual de zoologia fantástica que o surrealismo produziu em grande quantidade. Com uma diferença: o emprego que O'Neill fez do

seu besteiário tem uma função e um efeito bastante diferentes do emprego do besteiário surrealista clássico (Breton, Éluard, etc.), mas mesmo assim merece uma reflexão. Como se sabe, O'Neill iniciou-se na literatura em 1948 com um poema gráfico, A Ampola Miraculosa, publicado nas edições «Cadernos Surrealistas» de Lisboa e que tem o subtítulo provocador de Romance. Trata-se de treze ilustrações de uma enciclopédia popular sobre as quais o poeta intervém unicamente ao escrever as didascálias, contando assim uma história por imagens numa situação em que, na realidade, não havia história.

O método, aparentemente, é o mesmo da colagem de Max Ernst Uma Semana de Bondade; a colagem, no caso de O'Neill, é constituída não já pela sobreposição de um outro desenho mas pela nova didascália que descontextualiza a ilustração, a expatria e a ressemantiza ao atribuir-lhe um novo sentido. Todavia, em oposição às colagens da Semana de Ernst, nas quais, segundo a própria definição do artista, se verifica «a irrupção do insólito e do irracional no quotidiano», na Ampola Miraculosa de O'Neill é o quotidiano que é vivido e apresentado em termos de irracional e de insólito, com uma inversão de perspectivas que

põe em evidência o lado surreal do real, sem a irrupção do elemento fantástico. Poder-se-ia dizer que o fantástico em O'Neill não é obtido graças à introdução do insólito e do não-usual, mas pelo contrário graças a uma valorização do usual, graças à distorção e dilatação deste.

Do mesmo modo, creio, poderíamos tentar ler o besteiário de O'Neill: um besteiário que põe em evidência o lado surreal do quotidiano através de uma instância de certo modo realística, quer dizer, sem a utilização de um quociente fantástico (ou, se se preferir a definição de Todorov, do «fantástico puro»).

O'Neill não pesca nos baixios do subconsciente para de lá retirar monstros ou pássaros fantasmagóricos (e neste sentido o seu surrealismo não provém das zonas obscuras da consciência, como em Poe, ou do sono da razão de Goya), pesca antes no imaginário colectivo traduzindo figuras habituais em termos surreais e produzindo uma imagética muito reconhecível e quase confidencial. Por exemplo:

Cão formal da poesia
cão estovado de alegria
cão moído de pancada
e condoído do dono
cão de gravata pendente
de remexido rabo ausente...

e ainda:

Senhora formiga
é bom que se diga
que tu és má:

vais à alma, a pé,
p'ra roubar até
o que lá não há.

A operação de O'Neill, na utilização dos animais, tem uma fisionomia cultural que parece derivar dos grandes fabulistas da antiguidade e que, através dos modernos, utilizam La Bruyère, La Fontaine (um La Fontaine pervertido) e Apollinaire, com uma transformação do real semelhante, em termos figurativos, à de um artista que Breton, apesar de tudo, admirou imensamente: o desenhador Grandville. Mas reduzir a termos zoomórficos o imaginário colectivo, pressupõe uma operação e uma posição que não me parecem despidas e indiferentes: enquanto o artista que se debruça sobre os abismos da sua própria consciência põe em prática uma operação completamente privada, O'Neill, com a sua pesquisa no imaginário colectivo intervém no plano do social; passa portanto do plano do fantástico puro ao plano do fantástico aplicado. O seu real surrealizado produz ironia, a ironia produz caricatura, a caricatura produz sátira. E aqui está também a razão por que o seu zoo está povoado por animais «menores». Nem sereia, nem faunos, nem minotauros, nem hipogrifos, nem fénix, na poesia de O'Neill: as suas pequenas jaulas contêm pequenos animais muitas vezes desinteressantes e parasitas: piolhos, pulgas, moscas e formigas; e outros animais modestos, baratos, de ínfima categoria.

— Onde já vi esta mosca?
— Mas em toda a parte, filha,
desde o bolo de noivado
à minha tépida virilha.

e ainda:

Tem muito estilo o grilo...
faz cri-cri no meu verso,
faz cri-cri no meu quilo.
Cri-cri faz no ouvido
e quase no mamilo.

Nota

O texto que aqui publicamos é apenas um excerto do estudo de A. Tabucchi

A sétima face do dado

«Quem fomos nós perante a realidade, essa realidade que sei agora deitada, como um cão manhoso, aos pés de Nadja? Sob qual latitude teremos estado, entregues assim ao furor dos símbolos, possesores do demónio da analogia, objecto que nos sentíamos de diligências extremas, de atenções singulares, especiais? Como foi que projectados juntos, uma vez por todas, tão longe da terra, tenhamos podido trocar, nos curtos intervalos que a nossa maravilhosa perplexidade nos deixava, algumas opiniões incrivelmente concordes por cima dos escombros fumegantes do velho pensamento e da vida sempiterna? Do primeiro ao último dia, sempre vi em Nadja um génio livre, algo assim como um desses espíritos do ar que certas práticas de magia permitem momentaneamente atrair, mas impossíveis de submeter».

In Nadja, de André Breton

Deslaçar o que une a causa ao efeito (1) equivale a retirar ao pensamento uma das suas leis constitutivas anteriores e indispensáveis a toda a experiência. Terramoto a lançar confusão e angústia nas margens aprazíveis de onde, com olhos ensonados, homens prestes a transformar-se em coisas seguem o fluir calmo da causalidade até ao mar visível, claro, sem sortilégios, da finalidade. Estes *voyeurs* aborrecem-se a decompor a realidade em factores sem ver que não se vê a realidade quando se analisam os factores da realidade: vê-se a análise dos factores. O sistema reflecte-se na análise, e a análise acaba por colorir o que analisa. De todos os pontos de vista, só se vê a própria vista; e esta nem sequer é de quem vê: é do sistema que - através da análise que vê a análise - vê o sistema. Perigos de se trilharem sempre os mesmos caminhos fáceis das séries condicionadas... Há outras leituras mais perturbadoras, outros nexos incendiados que nos levam, sem sabermos como, até às encruzilhadas de voluptuosidades alheias, onde o nosso destino se encontra subitamente no centro de outro destino e fulguram na vida os grandes relâmpagos da revelação. Quem nunca conseguir essa disponibilidade ficará sempre excluído do conhecimento tangível.

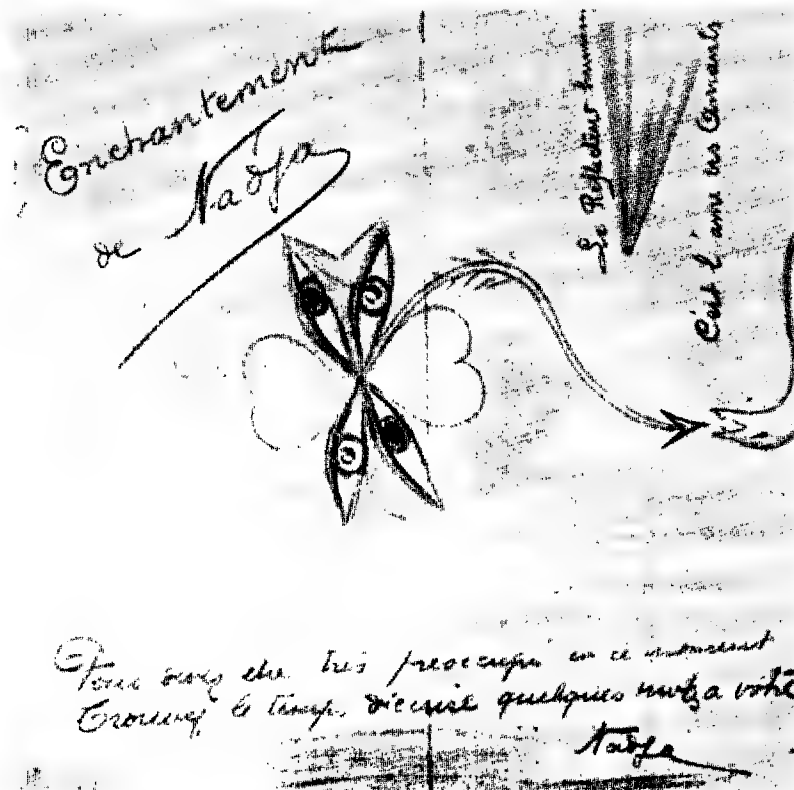
Viver e pensar. Os surrealistas recusam em absoluto qualquer oposição entre estas categorias. Também escrevem livros. Ao contrário dos escritores profissionais, porém, tentam suplantar a insuficiência da escrita, a inanidade e utopia do projecto de comunicar pelo modo literário, através da poesia, considerada esta não como exercício bizantino e aplicado de alguns talentos mais caprichosos,

mas como testemunho levantado e intenso da vida a toda a altura, «da vida de fazer perder o fôlego». Trata-se de rejeitar em bloco o pouco de realidade imposto, bem como as «experiências» castradoras que o definem, e de fazer predominar em todas as circunstâncias da vida a vontade de abolir as fronteiras entre sonho e vigília, de reconciliar o homem consigo mesmo. Nascido de uma reflexão sobre os meios de expressão, o surrealismo pretende-se uma tentativa de expressão total. Nunca dissocia a libertação interior da satisfação das exigências da necessidade exterior, e isso leva-o a interrogar as formas errantes, a procurar revelar-lhes o sentido oculto em todos os domínios, quer se trate da linguagem, da rua ou do sonho.

Nadja é uma destas formas imbuídas de virtudes mágicas que fazem coincidir no mesmo encontro a «necessidade natural» e a «necessidade humana» (2). No mesmo encontro iluminado por todas as fogueiras da paixão, única luz que anula de facto o negrume e abate as espessas muralhas erguidas entre a nossa vida e a necessidade natural das coisas. Não é pedir muito à vida — apenas o essencial — viver num estado de tensão sensível propício ao estabelecimento de complicitades fulgurantes entre o coração, o pensamento e um universo que de nenhum modo nos é indiferente. Não é pedir-lhe muito — apenas não desmerecer dela — jogar no amor todas as chances de cumprimento supremo desse encontro, e saber reconhecer os sinais com que o mundo nos significa o seu acordo, saber reconhecê-los em todo o nosso tempo e todo o



Os olhos de Nadja



A flor dos amantes, desenho de Nadja

nosso espaço, só *nosso* quando verdadeiramente livres, conquistados em luta contra tudo o que reduz, destrói e mutila a tensão extrema do ser na conjunção maravilhosa do desejo e da realidade exterior. O amor selectivo, único e exclusivo, à sua maior altura, é o instante mais nítido da percepção do objecto interior no objecto exterior. Iludir a procura incessante dessa *gracia*, trocar a expectativa exaltante que ela proporciona pelos exercícios regulares e maquinais que constituem o sombrio horizonte de tantos desgraçados, ou pelas confortáveis carapaças dessa inteligência turva que engendra os preconceitos, as rotinas, os hábitos estéticos, as crostas de cultura estratificada que separam sem remédio o nosso fogo interior do lume do mundo que o rodeia — é medida fiel da abjecção, da demissão moral de que o homem é capaz.

As palavras que descrevem qualquer vida — e de certo modo, ao nível da

literatura, se destinam a *compensá-la* — são de consumo imediato, meros *sinais para troca* que morrem assim que são lidos. Dela, a vida, têm feito «romances», relatos conscienciosos de «experiências» individuais encantadoras ou horrorosas. A banalidade e a mesquinhice da maior parte dessas composições, bem como o repertório de atitudes cínicas que pressupõem nos seus autores, nada interessam na resolução dos principais problemas da vida, mas tão-só na ilustração brilhante dos modestos álibis justificativos do que não serve para nada, excluem-se, é bem de ver, de uma via como a surrealista, que procura recuperar a força intrínseca do espírito. Nesta perspectiva, situa-se a «voz de raros acentos» que se ergue de *Nadja*, essa voz maravilhosa, comum, no fundo, a todos os homens, repassada do acordo profundo que os une, para além das fronteiras e dos interesses, na fraternidade verdadeira cuja língua uni-

versal é a poesia. É ela, provavelmente, a única capaz de exprimir a esperança de um futuro humano aceitável.

«Nadja, por ser em russo o começo da palavra esperança, e por não ser senão o começo». Na narrativa, o desaparecimento de Nadja coincide com a entrada na vida de Breton da mulher que se lhe impôs como «a viva encarnação da Quimera», aquela cuja perda determina os sonhos nocturnos e o sonho acordado de *Os Vasos Comunicantes*. As coincidências inesperadas, as relações estranhas estabelecidas em redor de Nadja, a espécie de mensagem de que ela é portadora, constituem a revelação do que, após o seu afastamento, a mulher apaixonadamente amada iria encarnar. «Sem o teres desejado, vieste substituir as formas que me eram mais familiares, muitas figuras do meu pressentimento. Nadja era uma delas, e está certo que a tenhas feito entrar em ocultação para mim. Só sei que essa substituição de figuras se detém em ti, porque és insubstituível, e seria com a tua presença que eu veria chegar para sempre o final desta sucessão de enigmas». Não foi assim para sempre, mas os instantes negros, os cruéis desmentidos que a vida infligiu a esta aspiração de manter as relações humanas a uma altura de verdade e de força *a perder de vista*, nunca corrigiram em André Breton o risco de apostar, «com a energia do desespero», no que a experiência dos seus sonhos lhe revela: não há decepções em amor. Na selva da solidão, entre os véus negros da noite, o encontro com o ser amado chega para fundir num único bloco de luz quem somos e quem não somos, nós e o Outro, nós e o mundo.

O surrealismo sempre rejeitou qualquer conciliação com as condições sombrias da nossa existência. E na poesia viu sempre uma actividade capaz de transformar a mentalidade do homem face aos problemas fundamentais da sua condição e da sua vida. Mas esta poesia não é para fixar os materiais vivos da realidade: é para devorá-los. A sua única norma consiste no poder encantatório da acção e da linguagem entregues a si mesmas, pela primeira vez, em liberdade.

Viver assim exige uma consciência pura, hostil às convenções da época, aos hábitos, às repetições, ao alfabeto da civilização, absolutamente inapto para a verdadeira fala do homem. Exige essa maravilhosa disponibilidade de que a vida de André Breton foi exemplo constante: significar um *não* violento a tudo o que se interpõe entre nós e a nossa vida, a tudo o que impede o nosso integral reconhecimento nela; e um *sim* não menos veemente ao que leva a achar no tempo o ouro que lhe cabe.

«Quem vem lá? És tu, Nadja? É verdade que o *além*, todo o além, esteja nesta vida?»

Ernesto Sampaio

Notas

- (1) — «As noções de causa e efeito concentram-se e entrelaçam-se na de interdependência universal, em cujo seio a causa e o efeito trocam de lugar incessantemente (...) A causalidade só pode ser entendida se a relacionarmos com a categoria do acaso objectivo, forma como se manifesta a necessidade». (Engels).
- (2) — «O acaso seria a forma de manifestação da necessidade exterior que abre caminho no inconsciente humano». (Breton).



Breton: «Inveja (é um modo de falar) todo o homem que tem tempo de preparar algo assim como um livro...»

Garrett

Preparativos (primeiros) para uma viagem (de estudo) ao garrattiano «Arco de Sant'ana»

«(...) nenhum demagogo fez nunca uma revolução com os seus programas, por mais artigos que estes tenham; todas as fazem os governos, todas as concita o poder por seus abusos e insolências.»

(Almeida Garrett, in «O Arco de Sant'Ana», cap. XXII)

«Assaz têm abusado da nosa paciência, ó juizes, os Catilinas desta mal estreada terra.»

(Id., ibid., cap. XXXII)

POR umas duas ou três vezes, ao percorrer com os olhos os livros que preenchem as prateleiras da estante, dera eu de chofre com o velho «Arco de Sant'Ana» do nosso bom Garrett. Em edições diversas, acumuladas com o passar dos anos. E essa foi, senão a razão, pelo menos uma razão (ou uma razão mais...) para que, me decidisse a fazer do «Arco» o objecto mesmo de um esboço de análise literária...

M)Fosse o «Arco» — Desculpar-se-e-á que, por economia, não grafe: o «O Arco» — ou outra qualquer obra literária, não deixaria nunca, aliás, o empreendimento de ser temerário. A análise literária anda revolta, qual mar encapelado (Entre nós, neste aliás bastante amorfo rectângulo, «quase cume da cabeça da Europa toda» — «et pour cause...» —, nem tanto como isso...). A crítica pretende-se cada vez mais científica (a despeito das ora findas oburgatórias semanais de Gaspar Simões no «Diário de Notícias»). E espero que não haja contradição com o parêntesis anterior: em Portugal os diálogos são de surdos, as mais das vezes). Fala-se muito de Saussure (chegado às lusitanas terras com o habitual «mais de meio século de atraso»), cita-se muito Barthes, invoca-se Propp, Claude Lévy-Strauss, Greimas...

De tal modo que desde logo me apercebi de que jamais me deveria meter numa viagem ao «Arco», sem que primeiramente me desse a proceder a toda uma série de mui prioritários e cautelosos preparativos...

Assim:

Começar... por onde? Por uma «ingénua» releitura da obra? Pelo levantamento das coordenadas de tempo e espaço em que a mesma foi produzida (relendo porventura, para o efeito, as volumosas histórias de literatura portuguesa que me dormitam, com certo ar bonzo, nas prateleiras da dita estante)? Por uma primeira segmentação do «monumento», a partir, quando mais não fosse (e seria desde logo pouco), da seriação dos capítulos, pomposamente numerados à romana, mas desprovidos — «hélas!» — do resumo, tipo folhetim, que acompanha os das «Viagens na Minha Terra»?

Optei pela releitura. Uma releitura antes de mais. Primeiro que tudo, com efeito, interessará o banho — o «banho linguístico» —, o mergulho na obra. Na obra em si. O enimesmamento, «quand même». Parafraseando McLeish: «uma obra literária, antes de mais, não significa: é.

Mergulhei, pois.

E, mergulhando, desci à Idade Média no tempo histórico, ibérico, português e à primavera da vida no meu tempo biográfico (ou o «Arco» não se situasse no Porto, nessa urbe não raro brumosa, azáfama e cais, onde, menino e moço, brinquei, estudei, fu contemplando o fluir do tempo...).

Tortuoso de ruas e vielas, a Sé e o paço episcopal delas se destacando, habitado de uma turba trabalhadora e crente, labiríntico de interesses da coroa e do clero, de nobres e de burgueses — o Porto, o Porto medieval, avulta, em pinceladas impressivas, das páginas, ainda hoje frescas, porque ainda e sempre quentes, do «Arco de Sant'Ana».

Nessas páginas, que GARRETT ESCREVE EXPERIÊNCIA JÁ DA VIDA E DE REVOLUÇÕES, PERDIDAS JÁ AS «asas brancas» que um anjo lhe dera, é pintado todo um amplo quadro de lutas sociais, todo um confrontar-se de interesses opostos. De um lado, o clero prepotente, protagonizado na figura de um bispo que só aparentemente é o verdadeiro «sacerdos magnus» que deverá guiar as ovelhas; do outro, artesãos e burgueses, todo um povo esforçado e cristão, apostado em que, de uma

vez por todas, se decidisse «se a segunda cidade do reino, a mais livre e independente pelo carácter e propensões de seus habitantes, tinha de continuar a ser feudo do seu bispo e do seu cabido, ou havia de recobrar os foros de cidade livre e real que a doação de D. Teresa lhe tinha feito perder, e que a dureza do domínio eclesiástico lhe fazia desejar cada vez mais» (cap. XXXV). Povo a que se alia um jovem de origem nobre, corajoso, veemente, tão depressa inclinado «a ser conde (...), bispo (...) ou doutor, como a erguer-se em caudilho das turbas» — jovem esse, Vasco, «o nosso estudante», «o sr. estudante», que irá protagonizar o enredo e procurará alcançar o apoio da coroa, mais concretamente do rei — nem mais, nem menos do que D. Pedro o Cru, o Justiciero — para a causa do povo.

Povo que — protagonizado na novela de Gertrudes, Aninhas, mestre Martim Rodrigues e outros — deseja uma justiça, uma rectidão moral, uma paz social que cada vez lhe parecem mais difíceis de atingir, mas cuja concretização nem por isso desiste de programar.

Contexto em que o bispo, o seu paço, os seus esbirros, os seus fâmulos, o seu malsinado almudeiro Pêro Cão representam a insegurança, a arbitrariedade, a injustiça, a repressão — o mal. Enquanto Vasco, com o apoio de sua mãe — a «bruxa de Gaia» — e o do rei, apoios que só no final se revelarão a plena luz, lutará sem quebra de ânimo com vista a conseguir a conjunção do povo com os subidos valores que este porfia em alcançar, e paralelamente conseguir a disjunção do bispo relativamente aos instrumentos humanos ou materiais, reais ou simbólicos de que aquele se serve para levar a cabo a sua odiosa repressão (Pêro Cão, Fr. João da Arrifana, as enxovias do paço, a mitra, o báculo, o anel...).

Na economia da novela, a história de Aninhas, que importa arrancar, pura, das peçonhentas mãos do indigno bispo, avulta, fio condutor de todo o enredo, como cardinal. Cardinal em relação à qual ocorrerão, catálises, outras histórias: a da judia Guiomar, a «bruxa» de mantendo firme esse pulso, ele subme-

Gaia», filha do sábio e opulento rabi de Leiria, Abraão Zacuto; a dos pecados do bispo, quando ainda não estava e depois de estar investido em semelhante dignidade; a do honrado cónego Paio Guterres, a dos irmãos Rui e Garci Vaz...

História de Aninhas, essa, que se desenrola entre dois campos que seariam perfeitamente extremados: de um lado, os bons; do outro, os maus, os perversos. O esquema da acção não se revela, porém, tão simples como isso. Porque, entre os bons, um há — e o melhor deles, Vasco — que está aparentado, ligado pelo sangue, com um dos maus — e justamente o pior deles, o bispo. Curioso e interessante na arquitectura da intriga, este liame vem atenuar o maniqueísmo simplista de que o conflito se poderia revestir. O que terá, porventura, algo a ver com o criticismo patenteado por Garrett de quando em quando, ao longo da obra, relativamente aos tumultos e lutas sociais, às revoltas que engendram revoluções, aos «estrepitosos acontecimentos» que dão lacinante conteúdo às guerras civis... Com efeito, aqui, como nas «Viagens na Minha Terra», Garrett emite juízos severos sobre a fratricida guerra civil, que responsabiliza, nomeadamente, pela desunião das famílias. Nas «Viagens» são Joaninha e Carlos que, primos, se verão apartados e em campos opostos. No «Arco», o povo que se envolverá em luta e guerra contra o seu bispo — um mau ministro da Igreja que temia, amaldiçoava, odiava, mas que no fundo respeitava, a ponto de, em momento ou momentos cruciais, dele se apiedar.

Ao programa do povo, que Vasco conscientemente assume — o de conduzir, como vimos, a boa e honrada gente do Porto à conjugação com a justiça, o bem, a paz, devolvida Aninhas ao seu lar e marido, opõe-se o antiprograma do bispo. Este, a despeito das ameaças do povo — em crescendo! —, a despeito da digna intercessão de Paio Guterres, dando apenas ouvidos ao «demónio negro de que era possessa a sua alma», manterá firme sobre artesãos e burgueses, de quem se julga dono e senhor, o seu odioso pulso de ferro. E,

terá Aninhas, a quem — num subprograma que algo se repete — tudo promete para a compensar de um amor que em vão lhe implora.

O desfecho da luta virá pelas mãos de D. Pedro — justamente o Cru, o Justiciero —, de súbito surgido no interior da Sé, onde irá proceder a toda uma «tremenda cerimónia de desautorização episcopal», desapossando o bispo dos seus instrumentos de repressão, ao mesmo tempo que leva o povo a comungar da justiça, do bem, da paz. O desposamento das insígnias episcopais é sublinhado por D. Pedro com palavras severas mas justas que vão ao encontro do apreço em que esse terceiro estado, até aí marginalizado e espezinhado, tinha os bens e valores que porfiava alcançar.

Procurando ler para além da trama da história de Aninhas e do bispo, diríamos que esta luta de classes, que, inserta num quadro medievo, Garrett evoca, tem muito a ver com os conflitos sociais vividos pelo autor do «Arco» no âmbito da guerra civil que se seguiu à derrocada do Antigo Regime: no século XIV, eram artesãos e burgueses que, buscando o apoio da coroa, se rebelavam contra o clero; no século XIX, a burguesia mercantil que, iluminada de exemplos e teorias, se rebelava contra as últimas limitações que tentavam impor-lhe o clero e a nobreza.

A terminar, diremos que o que se deixa apontado não passará de um primeiro e tímido propósito de viagem pelo «Arco» de Garrett. Para que tal viagem fosse efectivamente levada a cabo, importaria proceder de seguida ao apuramento do que poderíamos chamar os «instrumentos de navegação crítica», com vista, nomeadamente, a que essa navegação pudesse vir a ser francamente «astronómica» e não tão-somente costeira, de rumo e estima... Conviria apelar para as famosas «trinta e uma funções» de Propp, recortar os heróis e os anti-heróis, os seus adjuvantes... Importaria mergulhar no léxico, na morfologia, na sintaxe, na semântica para ver como Garrett utilizou toda uma série de recursos...

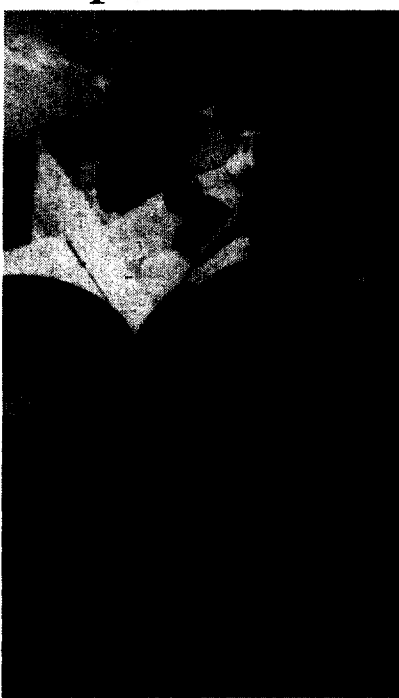
Manuel Alexandre Alvim

Área Branca

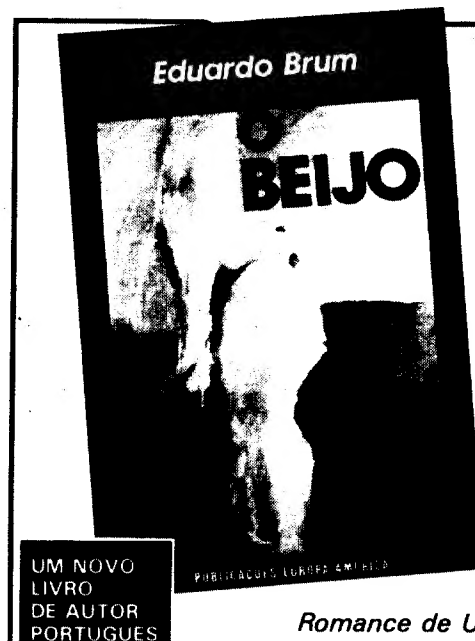
16 poetas contemporâneos

A MANHÃ, às 21.45, sábado, às 16.30 e às 21.45, e domingo só às 16.30, o Grupo Teatro Hoje/Teatro da Graça vai apresentar um recital de poemas portugueses contemporâneos, da autoria de Edmundo de Bettencourt, Irene Lisboa, Vitorino Nemésio, Sophia de Mello Breyner Andresen, Jorge de Sena, Carlos de Oliveira, Eugénio de Andrade, Mário Cesariny, Alexandre O'Neill, António Ramos Rosa, Herberto Helder, Ruy Belo, Armando Silva Carvalho, Fíama Hasse Pais Brandão, Luísa Neto Jorge e Nuno Júdice, que serão ditos por Alexandre de Sousa, Ana Maria Teodósio, Carlos Fernando, Elisa Lisboa, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal e Rui Pedro.

Trata-se de alguns dos momentos mais significativos da poesia portuguesa dos últimos 50 anos, pelo que o seu conhecimento poderá ser de especial interesse para os estudantes dos cursos liceal e universitário, a quem será feito um desconto de 50 por cento no preço dos bilhetes. Marcação pelo telefone 875626.



Ana Maria Teodósio num momento do recital «Área Branca»



O BEIJO

Eduardo Brum

Aqui se lê a história de dois homens que se odiaram de morte desde o primeiro momento em que se viram, de uma mulher que vagueava pela noite em busca de rumores de lençóis nos sótãos das casas, de três cães que nasceram com cabeças humanas e puseram em reboliço a memória de quem lhes cavou a sepultura, de um curandeiro que tinha artes milagrosas de tratar insoneáveis males femininos, de uma arrebatadora paixão que abalou as gentes da cidade atónita até à raiz do mais imprevisto silêncio.

Do mesmo autor:

Romance de Uma Sereia — A Claridade da Terra

À VENDA NO SEU LIVREIRO HABITUAL



EUROPA-AMERICA ...a memória no futuro

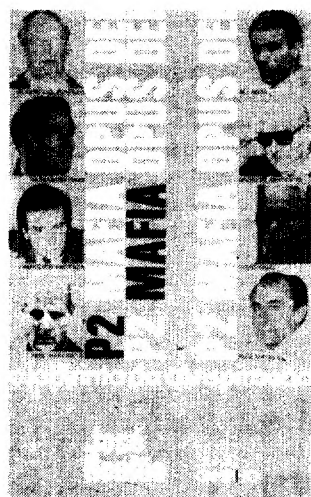
CAMINHO NOVIDADES



Robert A. Heinlein
A Porta para o Verão
Preço: 200\$00

Muito provavelmente, Robert A. Heinlein é o autor de ficção científica com mais largo público em Portugal. É quase certo que seja o escritor do género com mais livros traduzidos no nosso país. Vigoroso e prolífico, tem deparado com reacções muito diversas da parte dos seus muitos leitores do entusiasmo até à rejeição. **A Porta para o Verão** é um dos seus livros mais cativantes e um dos que melhor revelam as suas reais qualidades. Temos o gosto, portanto, de trazer ao público português um bom livro seu ainda desconhecido e que despertará com certeza um vivo agrado.

Tradução de Daniel Gonçalves



José Goulão
O Labirinto da Conspiração
Preço: 900\$00

Um homem dispara sobre o papa, dois grandes sistemas bancários transnacionais desmoronam-se, Aldo Moro é assassinado, um incorruptível chefe de polícia é abatido na rua, conhecem-se tramas de golpes de Estado, uma bomba explode numa estação de comboios, um bispo prospera como banqueiro e um banqueiro morre ao beber uma bica...



Almanaque do Poder Local 1987
Preço: 900\$00

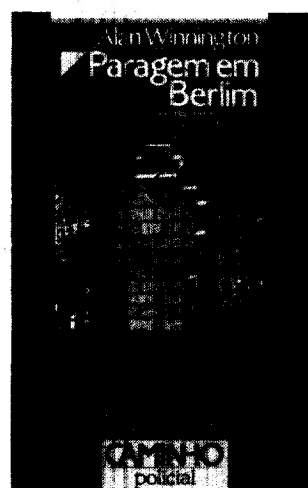
O Almanaque do Poder Local 1987 é um útil instrumento de trabalho para o dia-a-dia dos eleitos dos órgãos autárquicos, para os respectivos técnicos e trabalhadores e para os que se interessam pelos problemas da gestão autárquica.



Manuel da Fonseca
Crónicas Algarvias
Preço: 850\$00
2.ª edição — 10 000 Exemplares

...Uma força de prodígio, um apelo irresistível que vai de homem a homem, que muda, mudará os homens e as coisas: o apelo que ilumina e aquece toda a obra de Manuel da Fonseca, todo o seu encantamento e toda a sua vidência, toda a sua rudeza e toda a sua ternura...

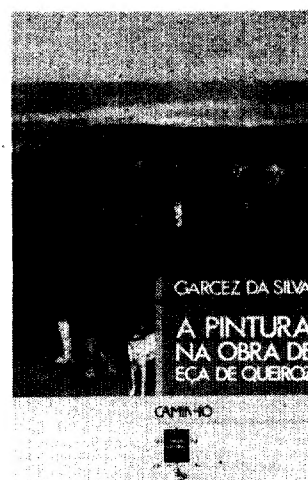
Mário Dionísio



Paragem em Berlim
Alan Winnington
Paragem em Berlim
Preço: 200\$00

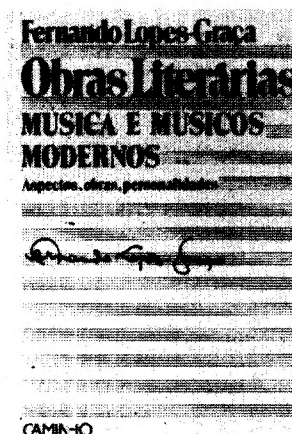
Alan Winnington (1910-1983) foi um jornalista inglês que durante largos anos percorreu a Ásia. Foi o único correspondente ocidental a acompanhar o exército popular chinês em 1948 e 1949; esteve na Coreia ao longo de toda a guerra; visitou o Tibete em 1955 e em 1959. Foi várias vezes ao Vietname depois de se tornar correspondente do seu jornal na RDA. Publicou alguns livros baseados nas suas viagens e dedicou-se, com um reconhecido êxito, a escrever romances policiais. Destes seus romances, editados em vários países escolhemos este, **Paragem em Berlim**, acutilante e rigoroso, digno do melhor interesse do leitor português.

Tradução de Alice Nicolau



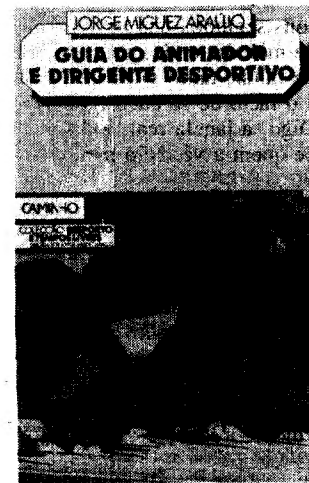
Garcez da Silva
A Pintura na Obra de Eça de Queiroz
Preço: 750\$00

Uma flagrante inclinação de Eça de Queiroz para as artes plásticas, particularmente para a pintura, manifesta-se ao longo da sua obra, a ponto de abundarem nela sugestões plásticas e observarem-se, até, verdadeiros quadros em prosa, nalguns dos seus romances.



Fernando Lopes Graça
Música e Músicos Modernos
Preço: 450\$00

Música e Músicos Modernos é para assim dizer um complemento da **Introdução à Música Moderna** embora tenham vindo a lume anteriormente, em diversas publicações, a totalidade dos escritos que compõem o livro. Abarcam estes um período de dez anos, ou pouco mais, tempo porventura suficiente para permitir fazer um como que balanço do que o autor tem escrito sobre o assunto.



Jorge Miguez Araújo
Guia do Animador e Dirigente Desportivo
Preço: 950\$00

O desporto nacional requer uma urgente reflexão colectiva acerca de tudo aquilo que deve constituir a intervenção dos seus animadores e dirigentes, pois cada vez mais se escondem, por detrás de êxitos de circunstância, carências graves e falhas de perspectiva cultural inadmissíveis.

As vitórias internacionais mais recentemente alcançadas, todos sabemos não corresponder uma intencionalidade de intervenções planificadas no tempo.

A crise estrutural e orgânica do desporto português é por de mais evidente!

Será, no entanto, essa crise meramente desportiva?

Em nossa opinião, não!



António Borges Coelho
Comunas ou Concelhos
Preço: 850\$00

Acaso os concelhos teriam alcançado a força de órgãos do poder político? Constituiriam verdadeiras comunas? O que se entende por comuna? De que classes ou classes serão então estas comunas ou concelhos o instrumento? Mas haveria mesmo classes sociais ou apenas ordens? Constituiriam comunas todos os concelhos?

o prazer de ter bons livros para ler

CDA a distribuição

Poética

A janela é um mito. Escancarada dá-me a árvore, que é um símbolo. A língua é um instrumento, a linguagem, um barco à deriva. A realidade chama-me e nada me diz. É chato! A música diz-me tantas coisas que por vezes penso que não existo para ser só sons seguidos uns aos outros enquadrados em modelos de melodia onde, possivelmente, não faltará a harmonia. Se faltar, tanto pior! O importante, contudo, é a janela, e o facto de se encontrar escancarada... Digo, a janela real, indiferente ao mitológico olhar de quem a vê. Não me perguntem porquê!

Por vezes, de repente, quase de súbito, tem-se uma revelação. Não dura muito. Não nos diz nada. Mas aparece, irrompe, traz uma luz, que cega momentaneamente, um calor branco, e depois, do cicio e do revérbero, esvai-se em nada. E pensa-se, quando se é estúpido: Pelo cão! o que me aconteceu? Serei predestinado? Não pertencerei ao reino dos homens? Alguém algures me fala por cegueira de sentidos, só para me dar a conhecer a sua ausência? Que foi desta vez? Não sei. Nunca sei o sigilo, apenas sinto o vulcão, a lava, o calor, a loucura ágil dispersando em cataratas minha sensibilidade irredutível!

Daí a importância da janela, nem a imaginária nem a real, mas a outra, de que posso falar por pura ignorância, confundindo a semântica e os mecanismos serôdios da complacência! A janela janela, às vezes escancarada, às vezes fechada como um corte com o mundo. Daí a pouca importância de quem, por dizê-lo, escreve!

Há sem dúvida uma distância. Um mistério. Chamei-lhe ao longo dos anos, alcance, ao sem sentido sentido na carne como uma presença irreal. Nada mais sei. Se nasci, se vivo, se morrer, tudo está certo. Mas algo falta! E o que falta faz a felicidade desta poesia! Assim, como se Nada fosse.

Silva Carvalho



Poema da porta quase aberta

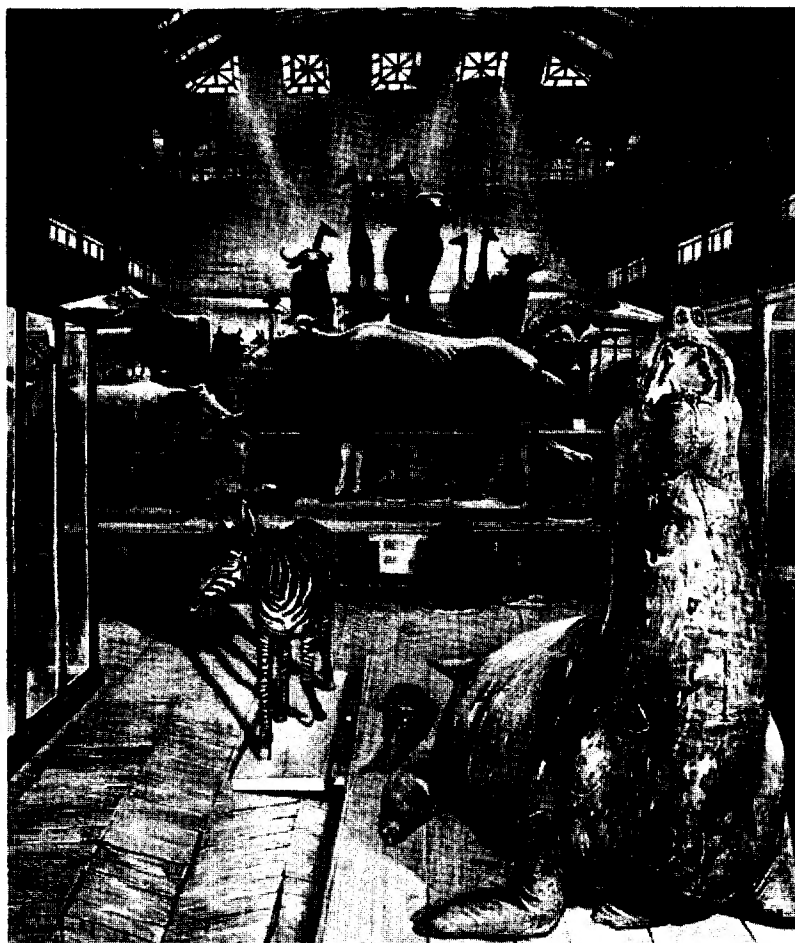
Ouve-los tão mal que a ti se chegam
E dizem; e também riem nos gestos.
Procurá-la quando a porta se abre.
Para lá das portas, sempre, vives dos olhos;
Mas agora a luz é crua e já é noite.

Vais-te embora, o ar tem rasgões de nervoso;
Torna-se tarde para esbracejar.
Afoga-te ou grita, mas nisto sê sereno,
Quando nos olhos dela brilhaste um breve segundo.
Que te importa, agora, que te enganes?

Citaste uma parábola com mar e portos
Mas estás sempre nas orlas e só o enjoo
Te ameaça com, a súbita estalada fria da água.
Porque não ceder-lhe? Ou achas que os gritos
Iluminariam tudo com um clarão de pânico?

Heliogábalo

Ópio



ONTEM um deputado esgrimou até à morte um operário puro sangue, que vinha cumprir o seu serviço. A luta foi feroz e académica. Apesar de grandes medidas de segurança durou toda a madrugada, onde nem um gemido.

Logo de manhã, piava-se por tudo quanto era esquina, que um deputado matara a própria mãe à facada, e contava-se por outro, que enforcara o irmão em pleno «clip» com a noiva. Era claro que faltavam provas, mas depois de longo interrogatório que dura há duas legislaturas ainda não se descobriu a razão.

No entanto, o deputado tenta explicar-se perante as câmaras num vídeo de longa duração, gravado previamente em que da sua justiça, voltaria a fazer o mesmo se fosse necessário.

O «clip» foi laboriosamente trabalhado, onde os melhores «performers» foram chamados, onde o deputado ladeado pela bandeira do seu país, a duas vozes, sobre o abismo e com muitas gaiotas, desenvolvia a necessidade de liquidar as impurezas e olhar pelo espírito colectivo, dando um salto em frente, óbvio, com a ajuda das tecnologias do tédio. Todo o seu discurso versou grandes trechos — corrigidos e aumentados — de originais ilustres, terminando com o hino nacional cantado em braille e onde aparece a dançar numa pastagem azul-clara e a injectar-se o deputado com um fato às Forças Armadas, cabelo com gell à sonhador arrependido e senta-se num computador.

Depois de algum espaço para publicidade, rebenta mais um hino nacional e a mãe do operário a berrar na praça ideológica, com um enorme cartaz cheio de símbolos fálicos. À sua volta manequins de cera e plástico rezam de dor e sangue.

A mãe, num grande plano, rebenta com os botões da blusa e mostra outra vez em grande plano, e entre os enormes seios, um broche com a foto do seu falecido filho. Não se esquece de relembrar a sua presença decisiva no Ultramar, enquanto que o deputado não: era vesgo. O deputado quis interromper, mas a velha não deixou, explicando que tinha sido discriminada, tratando-a como reles cidadã, pondo o clip do deputado primeiro.

Ela, que já era considerada a paideira pós-modernista. Mas Deus é grande, apesar de ter só um olho porque o seu filho fora morto pelas costas, por um sistema tecnocrático, e num completo acto de traição às novas demagogias. Concluindo que este país não passava de um país terceiro mundista e que não precisava de aparelho de Estado para ouvir o futebol e transmitir o seu odor sangüinário de uma vida depravada. Tudo isto correu mundo e fez coagular muita tinta debaixo da língua.

O deputado achou que tudo aquilo tinha que levar uma volta ética e propôs na Assembleia, na terceira legislatura, uma proposta de lei que zelasse os interesses da sua família. Não tendo sido correspondido, pegou nas malas e na família e suicidaram-se para quem quis ver.

Nenhum deputado suportou o escândalo e uns atrás dos outros inundaram o parlamento de vômitos e desmaios. Três deputados e uma deputada morreram de congestão cerebral. Cinquenta outros foram internados e ficaram em estado de terna vigilância pois o seu sistema nervoso estava inseguro, e o presidente do Parlamento pediu a sua demissão.

Não se fez esperar a reacção do primeiro-ministro e presidente da república, que foram apanhados com a mão na massa: possível venda do governo a grupos económicos privados, apesar de mais de cinquenta por cento ficarem para o sector público. Não se fez esperar que viessem a público aconselhar calma e que estava tudo sob controlo. Casos destes eram frequentes em todas as democracias, mas que o inquérito estava a ser investigado com o máximo rigor a que todo o cidadão estava habituado e zás, voltaram para o deserto da sua reunião para continuarem a ver o vídeo.

O comunicado conjunto não se fez esperar, onde, resumidamente, se

esclarecia: que tudo aquilo era devido à falta de leitura e aconselharam a ler o livro que eles juntos reliam com grande prazer, o «Processo» de Kafka, que apesar de ser um livro académico e passadista não deixava de ter o seu interesse, nomeadamente para que fosse traduzido em banda desenhada e de leitura obrigatória na primária e pré-primária.

Voltando à cepa torta, a indústria internacional quando soube do evento, não perdeu tempo e interessada na decadência nacional voaram de todos os cantos do mundo altos signatários pedindo para que o presidente do parlamento não se demitisse, que aquilo não era vergonha nenhuma... e aproveitaram o momento, até, para aproveitar todo aquele líquido precioso despejado pelos deputados, que se perdia para as mãos dos infelizes cidadãos que acorriam com baldes às portas do Parlamento para recolher o líquido.

Enfim, é claro que foi aberto concurso público para que: pela verdade e honestidade ser entregue à empresa com mais capacidade tecnológica. Aproveitando o ensejo de fechar acordos culturais com todas as empresas interessadas.

É evidente que o fluxo líquido foi estancado e as portas e janelas do Parlamento calafetadas enquanto o negócio não for fechado.

A. Dasilva O.

Desconversar

ESTOU farto dos silêncios sempre iguais que todos os dias passam na rua.

Não compreendo o rosto da compreensão.

Não sei porque é que uma verdade esconde sempre uma mentira e porque é que outra verdade esconde uma verdade diferente. Estou farto de despir as pessoas com os olhos e descobrir-lhes por baixo dessa roupa, e outra. Mesmo deus se esconde por cima de outro deus, por cima de outro, até não haver nada que não seja um deus escondido à mostra.

Queria encontrar pessoas diferentes das de ontem e de anteontem, que não estejam moribundas ou indiferentes ou

dentro de uma fortaleza de pedra que afinal é de carne e que por causa do afinal, sempre é de pedra.

Nada disto joga com nada disto. Já não há sequer direito à construção de um labirinto simpático, ou um jogo só jogo, ou uma brincadeira. O mundo gelou e é um homem sério. Por cima da sujidade aparece sujidade. Queria encontrar um copo de água de direito de rir.

Já não posso com os silêncios em que compreendo as máscaras de carne dos silêncios. Queria ser diferente de mim que sou igual aos outros e tirar esta máscara prática e involuntária. Não sei porque é que escrevo eternamente os meus poe-

mas só para os mostrar a outro ainda mais só que talvez seja apenas eu.

Tudo se prolonga porque sou incorrigível. Tenho deslizes. Olho de vez em quando para o chão e vejo-lhe de baixo as tripas e começo a achá-las bonitas. Como se delas viesse a luz.

Estou farto de coisas complicadas. Queria uma coisa simples como: ir ali ao café, conversar. Ou como: Não ir. Não café. Desconversar.

Atravessou-me uma ideia absurda: talvez deixar de compreender.

Por favor, dêem-me um pouco de incompreensão.

Manuel Cintra

Acabados de Chegar



■ Os Gémeos rivais, Robert Ludlum, ed. Dom Quixote, col. Ficções Cia

Fabricante de «best-sellers», Robert Ludlum é uma das recentes descobertas dos editores portugueses. Este *Os Gémeos Rivais*, publicado em 1976, é uma das suas construções mais características: teia complexa, «suspense» exemplarmente mantido, narrativa que atravessa três gerações de uma mesma família. O romance de guerra e espionagem, a persistência dos fanatismos religiosos, um *corpus* de documentos da maior importância para a história das Igrejas perdidos, com a sua «embalagem» (a ara de Salónica) algures nos Alpes...

Ludlum pode incorrer em numerosas incorrecções — desde o desrespeito da ortografia italiana, a que recorre com abundância e que o tradutor não lhe perdona, até à afirmação de que entre Lovaina e Bruxelas há 230 quilómetros de estrada, quando as duas cidades distam uma da outra o mesmo que Lisboa e Cascais — que o leitor, enredado na sua teia, estará, sem dúvida, disposto a esquecer-las.

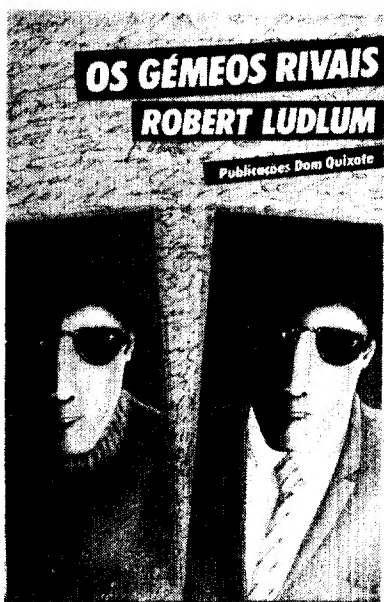
O segredo de Ludlum, lançar os seus complexos vectores, articulá-los com mestria, não perder o fio à meada, alimentar as diversas expectativas criadas no leitor pelo dedalo de questões com que a narrativa se debate.

■ O Papel Prateado, Robert Ludlum, pub. Europa-América, col. Século XX

Mesma ligação entre um Oriente marcado pelos seus diversos mistérios e um Ocidente (representado aqui por Washington e por Carlyle) que em *Os Gémeos Rivais*. Há um herói, professor universitário, que é escolhido por um banco de dados da capital americana para enfrentar o mal absoluto na figura de uma organização.

■ Porquê «O Nome da Rosa»? Umberto Eco, ed. Difel.

«O Nome da Rosa» teve entre nós um momento de boas vendas, e a sua leitura terá sido moderadamente relançada por esse policial *holmesiano* (com um «elementar, meu caro Adso» e tudo) que passa nos nossos cinemas com o mesmo título, apresentado pelo realizador como um palimpsesto do livro. Depois, Eco respondeu (ou inventou que respondia) a numerosos leitores que lhe perguntavam o porquê do título. Fê-lo num pequeno opúsculo lançado em 1984 pelo Gruppo Editoriale Fabbri, e é esse opúsculo que agora a Difel publica. O curioso deste opúsculo é



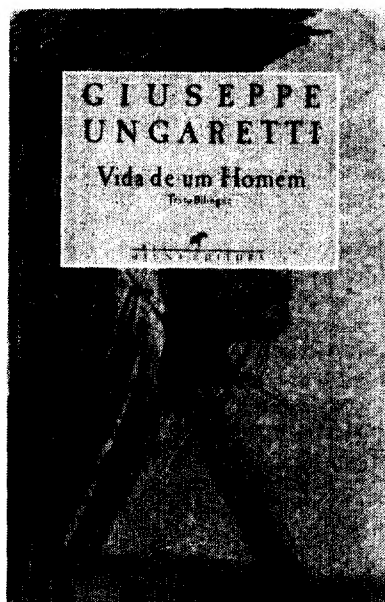
que, interrogando-se sobre as motivações da escrita, Eco fornece não uma resposta, mas um labirinto de respostas. Aqui transcrevemos a que preferimos: «Existem ideias obsessivas, elas nunca são pessoais, os livros falam entre si, e uma verdadeira investigação policial deve provar que os culpados somos nós.» Um pequeno texto aliciante, que encantarà q se deixou apaixonar pelo Eco ficcia.

■ Húmus, de Raul Brandão e Enseada Amena, de Augusto Abelaira, ed. Círculo de Leitores, série Obras-PRIMAS DO Século XX — Romances Portugueses.

Mais dois títulos na preciosa série dirigida por David Mourão-Ferreira e que assinala os 25 anos do Círculo em Portugal. A composição em Garamond, o papel e a cartanagem escolhidos, a sobre capa a ouro velho sobre azul-escuro, tudo isto transforma os livros desta série em objectos que dão verdadeiro prazer aos coleccionadores, e que reabilitam o livro e o gosto por ele. Quanto aos dois títulos agora relançados, eles dispensam qualquer apresentação. Dir-se-ia que Mourão-Ferreira quis, com os meios que o Círculo lhe deu, produzir um florilégio que funcione como um pequeno *thesaurus* do romance português.

■ Vida de um Homem, Giuseppe Ungaretti, texto bilingue, Hiena ed.

Traduzido do italiano por Luís Pignatelli, e aceitando a confrontação com os poemas na língua original, este Unga-



retti de que o *milieu* falava mais por interposto conhecimento que por leitura directa. Produtiva marginalidade a da Hiena, que selecciona bem e mantém o seu ritmo editorial. Além de Ungaretti, saem igualmente com a mesma chance-la *As Magias* (poemas de Michaux, Cendrars, outros pertencentes a séries antropológicas) em versão de Herberto Helder; *Van Gogh, o Suicidado da Sociedade*, traduzido por Aníbal Fernandes; e *O Outro Sexo de Albert Nobbs*, de George Moore, também traduzido por Aníbal Fernandes.

■ A Pintura na Obra de Eça de Queiroz, Garcez da Silva, ed. Caminho, col. Universitária

Quadros em prosa, sugestões plásticas, fascínio pelo impressionismo, eis novos objectos de estudo queirozianos isolados e trabalhados por Garcez da Silva. Courbet, o simbolismo e os pré-rafaelistas são igualmente chamados à cena. Antes deste enfoque curiosíssimo o caminho tinha sido aberto, tanto quanto sabemos, apenas por um outro estudo, *Eça e a Pintura*, de Adriano de Gusmão, publicado em 1945 pela Portugal-Brasil, no livro do centenário queiroziano.

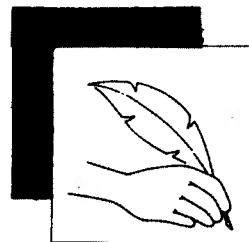
■ Descompasso, José Blanc de Portugal, Moraes ed., Círculo de Poesia, Nova Série

A Nova Série do Círculo de Poesia, organizada por quem insiste em manter o anonimato, faz juz à primeira e continua-a sem qualquer quebra de qualidade: depois de António Osório, Ramos Rosa, Helder Moura Pereira, O'Neill e Luís F. Adriano Carlos, este muito belo *Descompasso* de José Blanc de Portugal. Assim, vale a pena relançar aquela

que foi a melhor colecção de poesia que entre nós se publicou. De José Blanc de Portugal estavam publicados *Parva Naturalia* (1960), *Anticrítico* (1960-ensaios), *O Espaço Prometido* (também em 1960, na primeira série do Círculo de Poesia) e *Odes Pedestres* (1965).

■ Que Caminho Para A Morte?, Ellery Queen, Publicações Europa-América, Col. Clube do Crime

Ellery Queen é talvez um dos autores de livros policiais mais publicados entre nós. Conhecido primeiro por ser ele próprio o detective das suas histórias, Queen não se fixou, contudo, num único protagonista, nem tão-pouco num só estilo. (Ainda não há muito tempo foi editado um livro de espionagem da sua autoria). Em *Que Caminho Para a Morte?*, o protagonista é Tim Corrigan, de Nova Iorque, encarregado de «defender» um par de loucos assassinos...



■ A Mente Perversa de Mr. J.G. Reeder, Edgar Wallace, Publicações Europa-América, Col. Clube do Crime

A semelhança de Conan Doyle, Wallace tem em Londres um dos cenários preferidos para as suas aventuras policiais. Os seus personagens não alcançaram, contudo, a fama de Sherlock Holmes. Mas se Wallace é menos conhecido do público do que Conan Doyle, não deixa por isso de ser como este um «clássico» do policial. No livro agora editado, Mr. Reeder, que considera ter «a mente de um criminoso», investiga o violento mundo *cockney* de Londres.

■ História da Literatura Portuguesa, Vol. VI — O Ultra-Romantismo, Teófilo Braga, Publicações Europa-América, Col. Livros de Bolso

Rebello da Silva, Mendes Leal, Soares de Passos e Camilo Castelo Branco são analisados por Teófilo Braga, que fala ainda da dissolução do ultra-romantismo. Diz o autor: «a dissolução crítica do ultra-romantismo nas principais literaturas modernas, e evidentemente em Portugal, não provocou uma renovação definitiva das

criações estéticas por falta de uma concepção sintética positiva sobre o mundo, as sociedades e o homem. Essa falta é comum à política e à moral, dando-se geralmente um conflito permanente de absurdos de que a imprensa faz alarde com a denominação fim de siècle...»

■ História da Literatura Portuguesa, Vol. VII, A Geração de 70, Teófilo Braga, Publicações Europa-América, Col. Livros de Bolso

Teófilo Braga continua neste volume a análise sobre a dissolução do ultra-romantismo. No entanto, como o título o indica, a atenção principal vai aqui para a Geração de 70 com o que ela representou em termos de «Renovação estética e científica». Eça de Queiroz e Oliveira Martins, são alguns dos autores abordados por Teófilo Braga, que esboça também «croquis» de quatro jornalistas: António Augusto Teixeira de Vasconcelos, António Rodrigues Sampaio, Eduardo Coelho e Manuel Pinheiro Chagas, classificados como «hábeis esgrimistas da imprensa».

■ Algueres na Alemanha, John Le Carré, Publicações Europa-América, Col. Séc. XX

Turner, um agente secreto inglês, encontra-se em Bona para tentar encontrar um funcionário da Embaixada do seu país que desapareceu levando consigo alguns dossiers secretos. Um pouco por toda a Alemanha se sente um clima de agitação com motins de estudantes, comícios neonazis, bandeiras e slogans; «Unam primeira a Alemanha, depois a Europa»... Um novo livro de espionagem do autor de «O Espião Que Veio do Frio».

■ Discurso na Academia das Ciências de Lisboa, José Sarney, Bertrand Editora

Como o título indica, trata-se do discurso de José Sarney, presidente do Brasil, na tomada de posse como sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, lugar em que sucedeu a Pedro Calmon. Como todos os brasileiros, Sarney não deixa também de evocar os seus «avós» portugueses: «Sou de uma região do Brasil que tem Portugal nas veias e nos olhos. No sangue dos que atravessaram em caravelas para a conquista do Novo Mundo, e de geração em geração mantiveram suas querências e saudades...». Deste livro, a Bertrand fez uma tiragem especial de 100 exemplares impressos em papel Conqueror, capa cartonada a Skyvertex, numerados e assinados pelo autor e pelo editor.

O eu nos outros

Carta de amor de quem a quem

S ENTIRMO-NOS amados é uma grande responsabilidade. Claro que vivemos em grande alegria quando alguém nos ama. Todas as coisas do mundo ganham uma outra cor, um dia de chuva é um dia de cordas musicais, evitamos pisar uma simples formiga. Dizemos para nós a qualquer momento: «Alguém veio morar no meu coração! Que delírio o do sangue pelas minhas veias! Como o tempo se vai, como o tempo se demora!» Tal é a nossa disposição, tal a luz que nos circunda, tal a sonoridade da nossa voz, que os outros nos olham com outros olhos e quase nos perguntam (se é que não perguntam mesmo...) o que nos está a acontecer, que sonhos não tivemos, que graça nos tocou. Exactlymente isso, minha discreta amiga: que graça nos tocou! Sobre o amor, só um perdulário se abre com os outros — e, assim, quem amado se sente (como eu por ti) não se abre em palavras, guarda-s no esplendor que o

reveste, cala-se na íntima canção que o enche todo. Mas, ao mesmo tempo, que temor! Bom, na verdade, é sentirmo-nos amados: mas seremos dignos do amor que alguém em nós deposita, que alguém nos oferta, que num simples olhar alguém nos endereça num chamamento sem palavras...? para que eu te não desmereça, impõe-se que eu de mim próprio duvide. Só duvidando de mim é que saberei se sou ou não digno do teu amor. Quem, na realidade, sou eu para merecer o afecto do teu coração, a luz da tua alma, as alegrias do teu corpo...? Emigras para mim, mas que terra sou eu...? Que defeitos não serão os meus, que sombras as minhas, que alheamento por vezes me não afastará de ti...? Duvidando eu de mim, minha discreta amiga, talvez em mim descubra algumas perfeições que me levem para o ar que te rodeia. Vejo o teu sorriso e quase juro que murmuras: «Pretextos! Razões

que, de tão escassas, não convencem... Ousa — e verás!» Ora só te peço, minha discreta amiga, que assumas o problema que me consome: se te amo, e tu sabes que sim, não sentes a responsabilidade de ser amada...? Acaso não duvidas de ti, acaso tudo em ti são perfeições, acaso nada em ti me virá afectar um dia...? E por estas interrogações (embora as tuas por mim sejam formuladas) nos vamos ficando, passando um pelo outro, ora um dia sim, ora um dia não, tão pertos sempre e sempre tão distantes... Uma subjectividade, outra subjectividade: será o nosso encontro de todo impossível...? Impossível não: muitas são as ruas que nos levam um para o outro. Sentimo-nos amados, porém, é uma grande responsabilidade: mas passemos, amor passemos os semáforos todos da cidade...

Pedro Alvim